



CADERNOS DE ANÁLISE E PROSPETIVA

CULTURA

Separata da Edição N.35 | maio 2026 | Olival e azeite



# **CULTIVAR**

## **Cadernos de Análise e Prospetiva**

Separata da edição N.º 35 › maio de 2026  
Panorama dos números do olival e azeite

**CULTIVAR | Cadernos de análise e prospetiva® | SEPARATA – Panorama dos números do olival e azeite**

Esta Separata é parte integrante da edição da CULTIVAR  
N.º 35 | Olival e azeite | maio de 2026

**Propriedade:**

Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP)  
Praça do Comércio, 1149-010 Lisboa  
Telefone: + 351 213 234 600  
e-mail: geral@gpp.pt | website: www.gpp.pt

**Equipa editorial**

Coordenação: Ana Sofia Sampaio, Eduardo Diniz, Manuel Loureiro  
Ana Filipe Morais, Ana Rita Moura, Cristina Sá, Eduardo Lopes, Helena Alegre, João Marques, Rui Trindade  
e-mail: cultivar@gpp.pt

**Colaboraram nesta Separata**

Helena Alegre e Rui Trindade

**Edições anteriores:** <https://www.gpp.pt/index.php/publicacoes-gpp/cultivar-cadernos-de-analise-e-prospetiva>

**Edição:** Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP)

**Execução gráfica e acabamento:** Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

**Tiragem:** 1 000 exemplares

**ISSN:** 2183-5624

**Depósito Legal:** 394697/15

# Índice

Introdução .....	5
1. O setor do olival e do azeite no mundo: superfície, produção, consumo e comércio internacional.....	6
A. Distribuição global da superfície de olival .....	6
B. Produção global do olival .....	8
C. Produtividade global do olival.....	11
D. Produção de azeite e produtividade .....	14
E. Consumo de azeite .....	16
Consumo de outros óleos vegetais.....	17
F. Comércio internacional de azeite.....	18
2. O setor do olival e do azeite na UE27: superfície, produção, consumo e comércio internacional.....	21
A. Superfície de olival .....	21
B. Produção do olival.....	22
C. Produtividade do olival .....	24
D. Produção de azeite do olival .....	25
E. Consumo de azeite .....	27
Consumo de outros óleos vegetais.....	29
Consumo per capita de óleos e gorduras na UE27 .....	29
F. Comércio internacional de azeite.....	31
3. O setor do olival e do azeite em Portugal: explorações, superfície, produção, consumo e comércio internacional.....	35
A. Explorações com olival.....	35
B. Superfície de olival .....	39
Denominações de Origem Protegida.....	47
Modo de Produção Biológico.....	48
C. Produção e produtividade .....	49
D. Produção de azeite .....	53
E. Consumo e autoaprovisionamento .....	58
Consumo per capita .....	59
Autoaprovisionamento .....	60
F. Comércio internacional .....	61
Importações de azeite .....	62
Exportações de azeite.....	64
Índice de Quadros .....	69
Índice de Mapas .....	69
Índice de Gráficos.....	70



# Panorama dos números do olival e azeite

RUI TRINDADE com a colaboração de HELENA ALEGRE

*Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP)*

## Introdução

O olival constitui uma das paisagens agrícolas mais emblemáticas da região mediterrânica, representando simultaneamente um património agrícola milenar, um elemento estruturante dos territórios rurais e um setor estratégico da produção agroalimentar. A presença da oliveira acompanha a história das civilizações mediterrânicas há vários milénios, tendo moldado sistemas produtivos, práticas culturais e paisagens que perduram até à atualidade. A expansão histórica do olival está associada às características climáticas desta região, caracterizada por verões quentes e secos e invernos moderados, que favorecem o desenvolvimento da oliveira, particularmente adaptada a ambientes semiáridos e a solos de baixa fertilidade.

O azeite, produto emblemático da oliveira, adquiriu igualmente um valor simbólico, económico, social, cultural e alimentar, profundamente enraizado nas sociedades mediterrânicas e que tem beneficiado de uma crescente apreciação internacional, associada sobretudo ao reconhecimento das suas propriedades nutricionais e à difusão global da dieta mediterrânica. Desde a Antiguidade que vem sendo utilizado não apenas como alimento fundamental deste tipo de alimentação mediterrânica, mas também em prá-

ticas religiosas, medicinais e cosméticas, assumindo um lugar singular na história económica e cultural da região.

A modernização dos sistemas de produção, a inovação tecnológica e a crescente integração nos mercados internacionais têm permitido uma profunda transformação do setor olivícola, com aumento de produtividade e competitividade do setor, reforçando a importância quer do olival quer do azeite. Simultaneamente, o olival continua a desempenhar funções ambientais e territoriais de extrema relevância, contribuindo para a conservação do solo, a manutenção da biodiversidade e a gestão sustentável das paisagens rurais.

Apesar destas dinâmicas positivas, o setor enfrenta igualmente desafios relevantes no futuro, relacionados com as alterações climáticas, a gestão sustentável dos recursos hídricos, a crescente concorrência internacional e a necessidade de garantir modelos produtivos ambientalmente sustentáveis. Neste contexto, as políticas públicas na União Europeia a 27 (UE27), nomeadamente no âmbito da Política Agrícola Comum (PAC), têm um papel fundamental no apoio à modernização do setor, à sustentabilidade ambiental das explorações e à valorização económica dos territórios rurais associados ao olival.

## 1. O setor do olival e do azeite no mundo: superfície, produção, consumo e comércio internacional



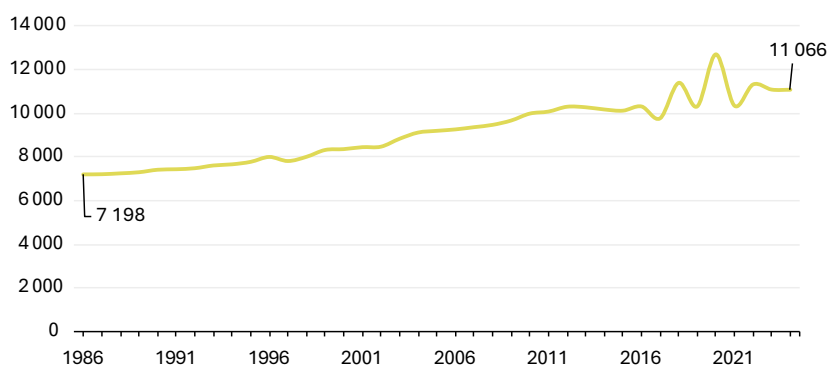
### A. Distribuição global da superfície de olival

Tendo como referência informação compilada a partir de fontes estatísticas internacionais, nomeadamente a Organização da Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), o Conselho Oleícola Internacional (COI/IOC), o EUROSTAT, o International Trade Centre (ITC) e ainda o Instituto Nacional de Estatística (INE), para Portugal, verificou-se que a superfície mundial dedicada ao cultivo da oliveira registou um crescimento significativo ao longo das últimas décadas, refletindo simultaneamente a expansão geográfica da cultura e a crescente procura global de azeite e de produtos derivados da azeitona. De acordo com a informação disponibilizada pela FAO, a área mundial de olival aumentou cerca de 3,9 milhões de hectares entre 1986 e 2024, passando de 7,2 milhões para 11,1 milhões de hectares (+53,7%).

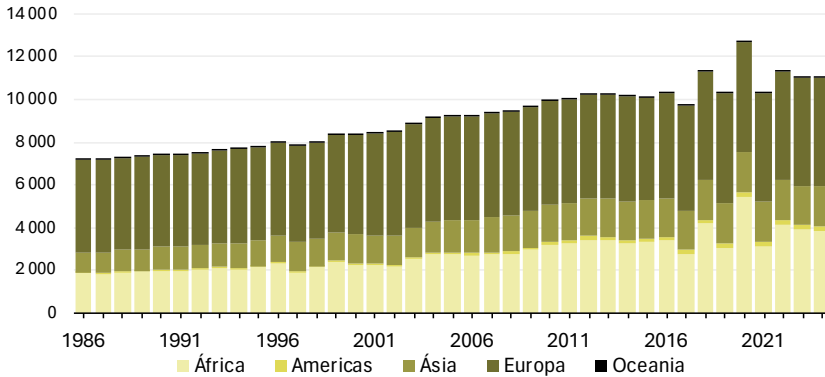
Este crescimento ocorreu em diferentes fases e com intensidades distintas entre continentes. Em 1986, cerca de 61% da superfície de olival localizava-se na Europa, quota que baixou para 46% em 2024, apesar

de ter aumentado a sua área em 16% no período (+693 mil hectares). A Oceânia apresentou a maior taxa de crescimento (4 011%), contudo tem uma relevância residual, enquanto África e Ásia com mais 2 milhões e 1 milhão de hectares, respetivamente, foram os que apresentaram os incrementos mais relevantes na superfície global de olival nos países da região do Mediterrâneo. Constata-se, assim, que nas últimas décadas se verificou uma gradual diversificação geográfica da produção, com o desenvolvimento de novas áreas olivícolas em países como a Tunísia, a Turquia, Marrocos ou a Síria, bem como em regiões fora da região mediterrânica, incluindo a América do Sul, a Austrália e partes da América do Norte.

**Gráfico 1 – Evolução da superfície de olival no mundo no período 1986-2024 (milhares ha)**



**Gráfico 2 – Evolução da superfície de olival no mundo no período 1986-2024, por continente (milhares ha)**



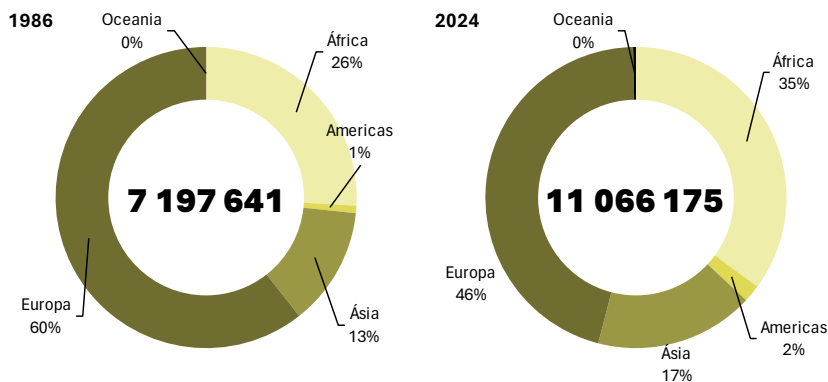
Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

**Quadro 1 – Superfície de olival em 1986 e 2024 no mundo (ha)**

Continente	Superfície 1986	Superfície 2024	Varição absoluta	Taxa variação	% no total 1986	% no total 2024
África	1 861 110	3 881 563	2 020 453	108,6	25,9	35,1
Américas	57 923	205 779	147 856	255,3	0,8	1,9
Ásia	916 794	1 892 190	975 396	106,4	12,7	17,1
Europa	4 361 014	5 053 755	692 741	15,9	60,6	45,7
Oceânia	800	32 889	32 089	4011,1	0,0	0,3
<b>MUNDO</b>	<b>7 197 641</b>	<b>11 066 176</b>	<b>3 868 535</b>	<b>53,7</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: GPP, a partir de FAO

**Gráfico 3 – Superfície de olival no mundo por continente em 1986 e 2024 (%)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

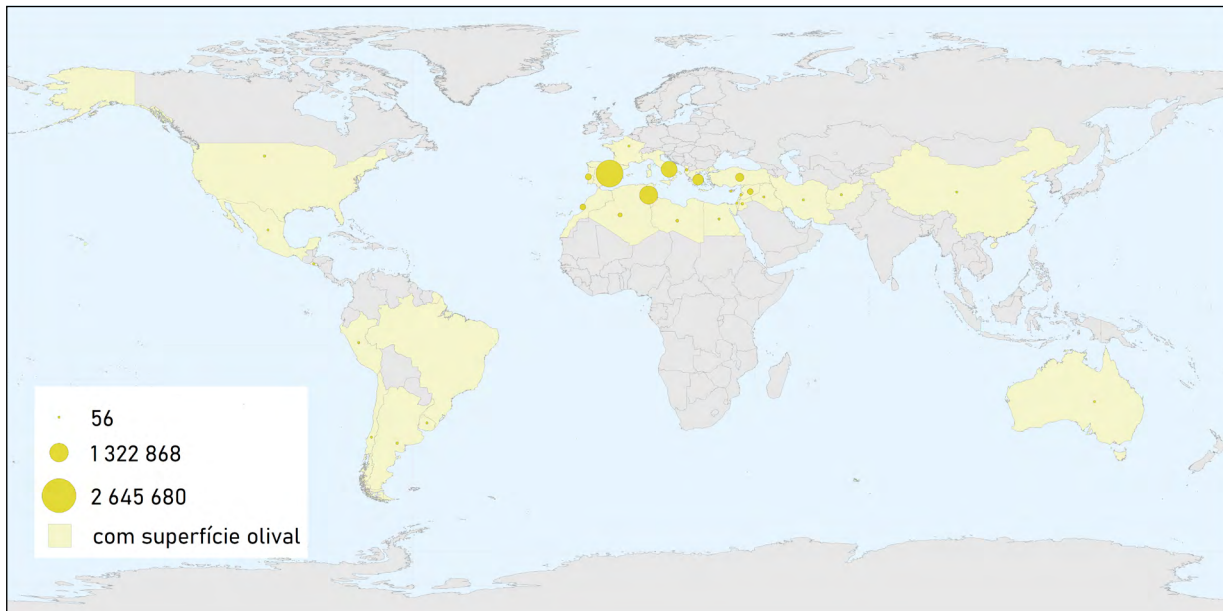
A produção de azeite tem-se concentrado nos países mediterrâneos, que desde sempre representam a maior parte da área mundial de olival. De acordo com os dados da FAO, em 2024, cerca de 97% (10,6 milhões de hectares) da superfície global de olival encontra-se nesta região. Entre estes, destaca-se claramente a Espanha, que concentra mais de 2,6

milhões de hectares, 24% da superfície mundial. O top 10, composto exclusivamente por países mediterrâneos, totaliza 10,3 milhões de hectares, que correspondem a mais de 93% da área total de olival. Para além da já referida Espanha, conta ainda com mais três países com mais de um milhão de hectares, mais concretamente a Tunísia (1,9 milhões), Marrocos (1,2 milhões) e Itália (1,1 milhões). Portugal ocupa a 9ª posição deste ranking com 381 mil hectares.

O Mapa 1 permite visualizar a distribuição e dimensão mundial da superfície do olival, evidenciando a forte concentração desta cultura na região do Mediterrâneo, caracterizada por verões quentes e secos, invernos amenos e solos bem drenados, condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da oliveira. Observa-se ainda a expansão do olival em regiões fora do Mediterrâneo, nomeadamente

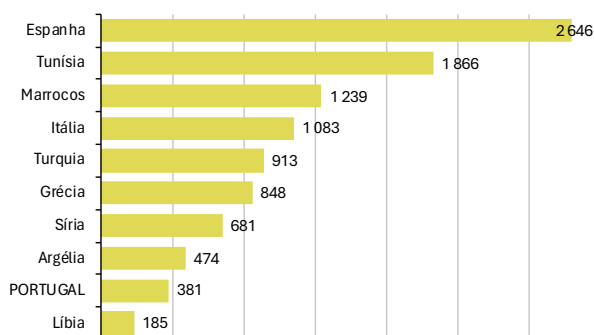
- Américas: Argentina (127 mil ha), Chile (20 mil ha), EUA (17 mil ha);
- Oceânia: Austrália (33 mil ha);
- Médio Oriente: Irão (34 mil ha), Arábia Saudita (24 mil ha).

**Mapa 1 – Superfície mundial de olival em 2024 (ha)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

**Gráfico 4 – Top 10 da superfície mundial de olival em 2024 (milhares ha)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

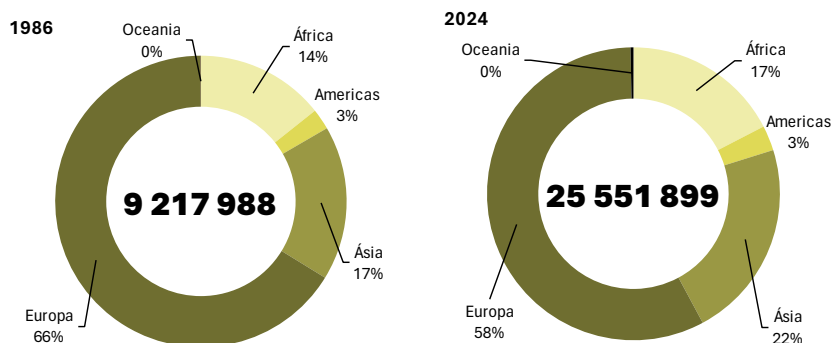
Este processo de expansão geográfica tem sido acompanhado por importantes transformações tecnológicas no setor. A introdução de sistemas de produção em vaso e em sebe, a mecanização da colheita, a melhoria genética das variedades e o desenvolvimento de modernas unidades industriais de extração contribuíram para um aumento significativo da produtividade média das explorações olivícolas.

## B. Produção global do olival

A evolução da produção mundial de olival ao longo das últimas décadas revela uma tendência de expansão significativa, refletindo mudanças estruturais profundas no setor oleícola internacional. Conforme evidenciado no Gráfico 5, a produção global aumentou de 9,2 milhões de toneladas em 1986 para aproximadamente 25,6 milhões de toneladas em 2024, o que corresponde a um crescimento de cerca de 177% ao longo do período (Quadro 2).

O aumento da produção reflete não apenas a expansão da superfície cultivada, mas sobretudo as transformações estruturais do setor com intensificação

**Gráfico 5 – Produção mundial do olival por continente em 1986 e 2024 (%)**



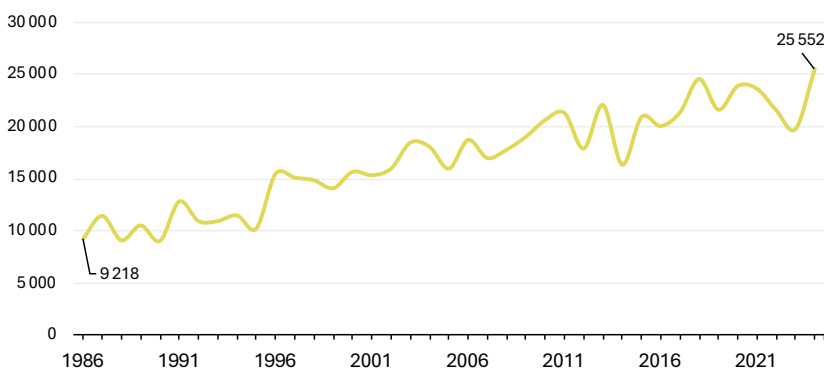
Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

tecnológica da produção, nomeadamente a intensificação dos sistemas produtivos, em que os olivais tradicionais, caracterizados por reduzida densidade de plantação e colheita manual, têm vindo a ser progressivamente complementados por olival em vaso e em sebe, que permite:

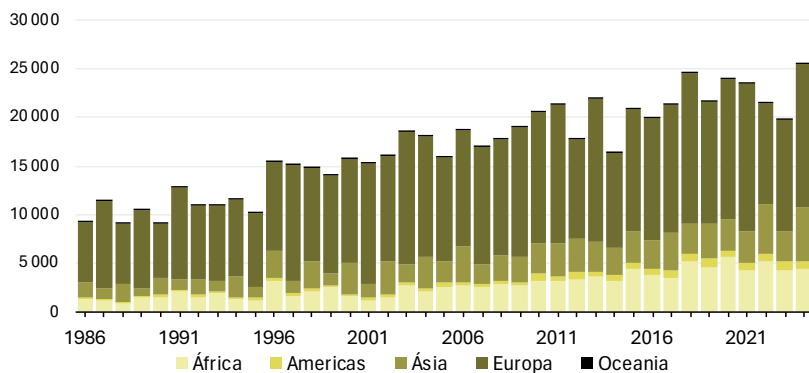
- Maior densidade de árvores por hectare;
- Mecanização integral da colheita;
- Maior eficiência produtiva;
- Redução de custos.

O crescimento da produção está ainda associado ao aumento da procura internacional de azeite e de azeitona de mesa, que tem sido impulsionada por fatores como a valorização da dieta mediterrânica, a crescente integração dos mercados agroalimentares e o aumento do consumo em economias emergentes.

**Gráfico 6 – Evolução da produção mundial do olival no período 1986-2024 (x1000 t)**



**Gráfico 7 – Evolução da produção mundial do olival no período 1986-2024, por continente (x1000 ha)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

Apesar da tendência global de crescimento mencionada, a leitura do Gráfico 6 permite também observar alguma volatilidade interanual da produção, reflexo da sensibilidade da oliveira às condições climáticas e ao fenómeno de alternância produtiva que caracteriza esta espécie.

A evolução da produção mundial por continente, apresentada no Gráfico 7 e no Quadro 2, permite constatar que esta não ocorreu de forma homogênea entre regiões, mostrando diferentes trajetórias de desenvolvimento da olivicultura.

A Europa mantém-se como o principal centro mundial de produção de olival, concentrando a maior parte da produção global (Mapa 2). Em 1986, o continente representava cerca de 66,2% da produção mundial, valor que, embora tenha diminuído em termos relativos, ainda se situava em 57,5% em 2024.

Em termos absolutos, a produção europeia aumentou de 6,1 milhões de toneladas para cerca de 14,7 milhões de toneladas (+141% → 8,6 milhões t), evidenciando a continuidade do crescimento da produção nos principais países mediterrânicos, que resulta essencialmente da modernização tecnológica do setor e da intensificação dos sistemas produtivos.

A redução da quota relativa da Europa deve-se ao aumento que se tem verificado noutras regiões do mundo. A Ásia apresentou um crescimento superior a 255%, passando de 1,6 milhões de toneladas para 5,6 milhões em 2024, uma consequência do dinamismo de países da bacia oriental do Mediterrâneo e do Médio Oriente, onde a olivicultura possui uma longa tradição histórica, mas onde se têm verificado investimentos relevantes na moder-

nização das explorações agrícolas, fazendo a sua quota na produção mundial passar para 22%.

Em África, verificou-se também um crescimento expressivo, passando de 1,3 milhões de toneladas em 1986 para cerca de 4,4 milhões de toneladas em 2024, o que representa um aumento de aproximadamente 237%. Um crescimento particularmente impulsionado pelo desenvolvimento da olivicultura nos países do Norte de África, com condições agroclimáticas que favorecem a expansão da cultura. Países como Egito (1,3 milhões toneladas → +4 603%), Tunísia e Marrocos (1,1 milhões de toneladas) e Argélia (913 mil toneladas → +353%) têm assumido um papel crescente na produção.

Nas Américas, a produção aumentou 231% (cerca de 500 mil toneladas), refletindo sobretudo a expansão da olivicultura em países como Argentina, Chile e Estados Unidos. Na Oceânia, o crescimento foi ainda mais acentuado, embora partindo de valores muito reduzidos, sendo impulsionado pelo desenvolvimento recente da produção na Austrália. Estes novos polos de produção caracterizam-se frequentemente por sistemas agrícolas altamente mecanizados e tecnologicamente avançados, orientados para mercados internacionais.

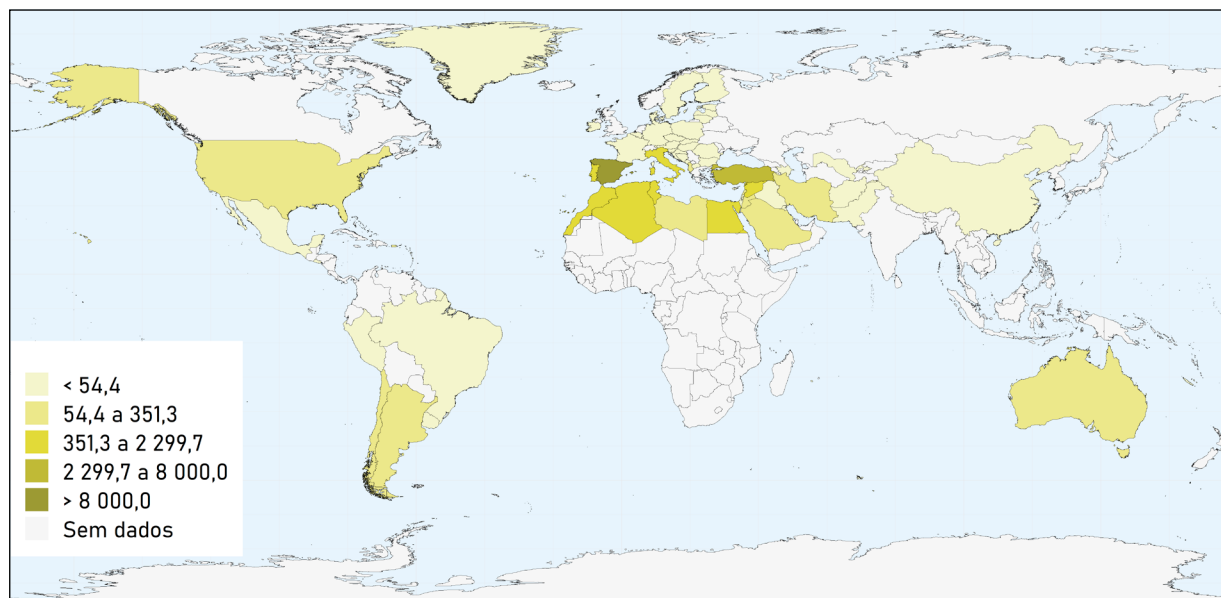
O Gráfico 8, relativo aos principais produtores mundiais, evidencia uma forte concentração geográfica da produção em torno de um número relativamente

**Quadro 2 – Produção do olival em 1986 e 2024 no mundo (t)**

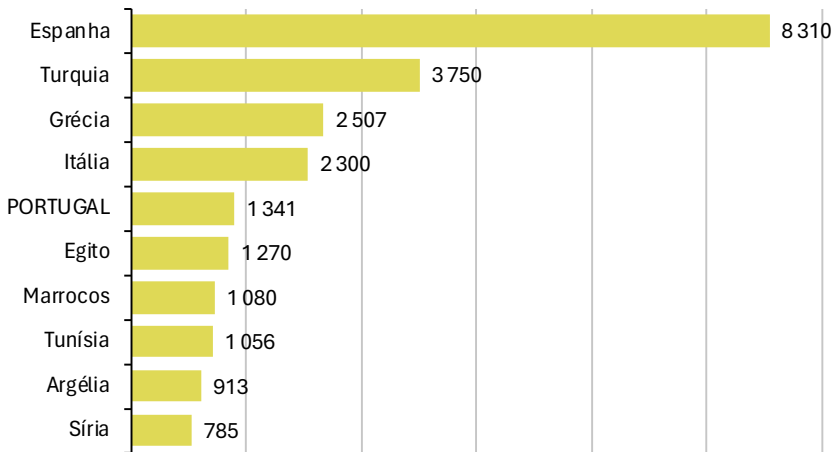
Continente	Produção 1986	Produção 2024	Varição absoluta	Taxa variação	% no total 1986	% no total 2024
África	1 318 625	4 448 033	3 129 408	237,3	14,3	17,4
Américas	214 000	707 454	493 454	230,6	2,3	2,8
Ásia	1 580 357	5 616 299	4 035 942	255,4	17,1	22,0
Europa	6 103 722	14 698 303	8 594 581	140,8	66,2	57,5
Oceânia	1 284	81 809	80 525	6 271,4	0,0	0,3
<b>MUNDO</b>	<b>9 217 988</b>	<b>25 551 899</b>	<b>16 333 911</b>	<b>177,2</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: FAO

**Mapa 2 – Produção mundial do olival em 2024 (t)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

**Gráfico 8 – Top 10 da produção mundial do olival em 2024 (milhares t)**

Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

reduzido de países. A Espanha, com 8,3 milhões de toneladas, destaca-se claramente como o maior produtor mundial, sendo responsável por uma parcela muito significativa da produção global (33% da produção mundial e 57% da europeia). Este posicionamento resulta da conjugação de diversos fatores estruturais, como a vasta extensão de olival, elevados níveis de mecanização agrícola, forte capacidade de transformação industrial e uma elevada integração nos mercados internacionais.

Destaque ainda para a Turquia (15%), Grécia (10%), Itália (9%), Portugal e Egito (5%), com posições relevantes na produção mundial, embora com volumes inferiores. De referir ainda que o conjunto de países que representam o top 10 mundial, somam um total de 23,3 milhões de toneladas, a que corresponde 91,2% da produção global.

### C. Produtividade global do olival

A evolução da produtividade do olival à escala mundial evidencia uma tendência de crescimento gradual ao longo das últimas décadas, refletindo o aumento da superfície e da produção como consequência da modernização tecnológica da olivicultura e a crescente intensificação dos sistemas produtivos.

A leitura do Gráfico 9 permite observar que a produtividade média mundial do olival apresenta um

aumento significativo entre 1986 e 2024 (cerca de 80% → passou de 1281 kg/ha em 1986 para 2309 kg/ha em 2024), embora com alguma variabilidade interanual associada à alternância produtiva da oliveira e às condições climáticas que influenciam o rendimento das culturas. Este aumento resulta essencialmente dos fatores estruturais já mencionados.

A evolução da produtividade por continente, apresentada no

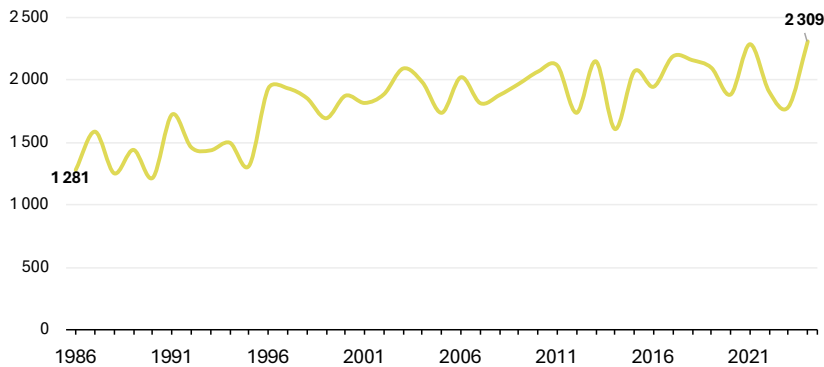
Gráfico 10, revela diferenças relevantes entre regiões do mundo, refletindo níveis distintos de modernização agrícola, condições agroclimáticas e estruturas produtivas.

A produtividade do olival na Europa aumentou cerca de 108%, passando de 1400 kg/ha em 1986 para 2908 kg/ha em 2024 (+1509 kg/ha). O continente europeu apresenta níveis de produtividade relativamente elevados e tem um papel central na evolução tecnológica da olivicultura. A presença de países com forte tradição nesta cultura e elevado investimento em inovação agrícola tem contribuído para a melhoria gradual da produtividade média. Contudo, a existência de áreas extensas de olival tradicional, especialmente em zonas montanhosas ou de pequena dimensão fundiária, como se verifica em Portugal, Itália, Grécia e Espanha, limita o aumento da produtividade média em algumas regiões.

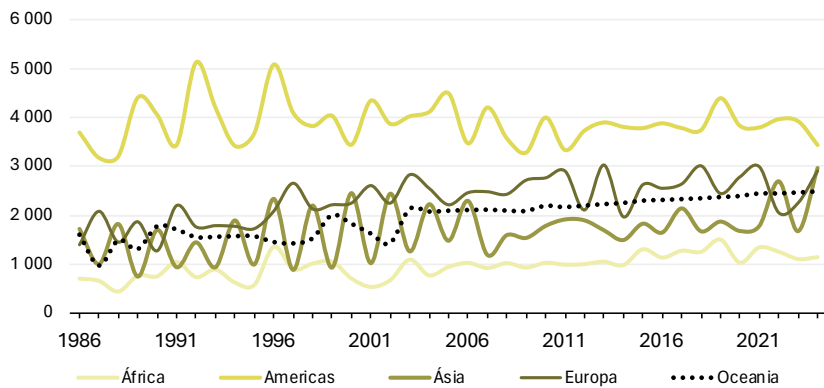
Graças aos investimentos na modernização das explorações de olivicultura e nas respetivas infraestruturas registou-se igualmente uma evolução significativa da produtividade na Ásia (72%) e em África (62%).

Embora as Américas e a Oceânia representem uma parcela relativamente reduzida da produção mundial, os níveis de produtividade alcançados em algumas explorações podem ser particularmente elevados, refletindo a adoção de modelos produtivos mais recentes, altamente eficientes e tecnologicamente

**Gráfico 9** – Evolução da produtividade do olival no período 1986 a 2024 (kg/ha)



**Gráfico 10** – Evolução da produtividade do olival no período 1986 a 2024, por continente (kg/ha)



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

avançados, caracterizados por elevados níveis de mecanização e gestão agrícola intensiva. Apesar de as Américas registarem uma evolução negativa (-7%) entre 1986 e 2024, é a região que apresenta a produtividade mais elevada (Gráfico 10) ao longo de todo o período.

Entre 1986 e 2024, evidenciam-se alterações nos níveis de produtividade de cada região. Em 1986, as Américas, com 3695 kg/ha, tinham uma produtividade que era mais do dobro da registada na Europa, na Ásia e na Oceânia e o quádruplo de África. Ao longo dos anos, as alterações, de modo geral, apontam para uma tendência de convergência gradual na produ-

tividade do olival entre os continentes (exceto o africano) como resultado da difusão global de tecnologias agrícolas e de práticas mais eficientes, que tem contribuído para a transferência de conhecimento técnico entre países produtores, favorecendo a produtividade em regiões que historicamente apresentavam rendimentos agrícolas mais baixos (Gráfico 11).

No Mapa 3, podemos observar uma distribuição heterogênea dos rendimentos agrícolas. As regiões com maiores níveis de produtividade tendem a concentrar-se em áreas caracterizadas por:

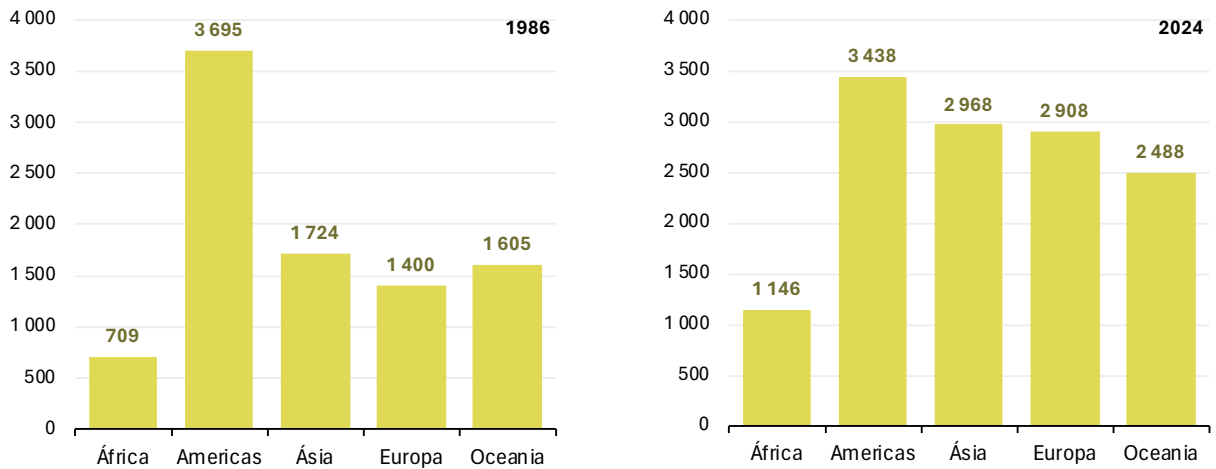
- condições agroclimáticas favoráveis;
- elevado grau de modernização agrícola;
- disponibilidade de recursos hídricos para rega ou forte investimento em regadio;
- forte integração das explorações na cadeia agroindustrial do azeite.

**Quadro 3** – Produtividade do olival em 1986 e 2024 no mundo (kg/ha)

Continente	Produtividade 1986	Produtividade 2024	Variação absoluta	Taxa de variação (%)
África	709	1 146	437	61,7
Américas	3 695	3 438	-257	-6,9
Ásia	1 724	2 968	1 244	72,2
Europa	1 400	2 908	1 509	107,8
Oceânia	1 605	2 488	883	55,0
<b>MUNDO</b>	<b>1 281</b>	<b>2 309</b>	<b>1 028</b>	<b>80,2</b>

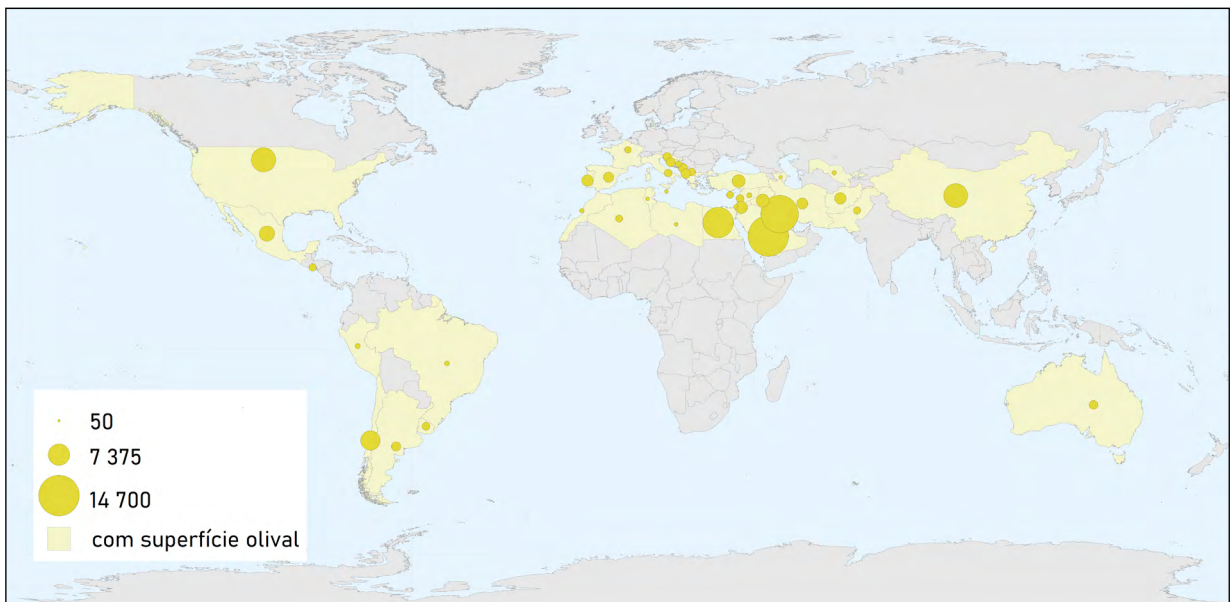
Fonte: FAO

**Gráfico 11 – Produtividade do olival em 1986 e 2024, por continente (kg/ha)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

**Mapa 3 – Produtividade mundial do olival em 2024 (kg/ha)**



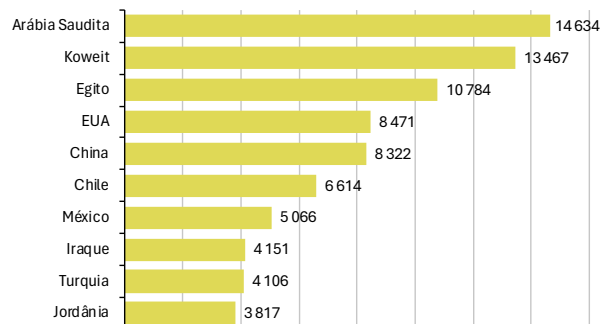
Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

Por outro lado, áreas onde predominam sistemas de produção tradicionais apresentam geralmente níveis de produtividade inferiores.

As transformações observadas na superfície, produção e produtividade do olival refletem as mudanças estruturais profundas no funcionamento do setor do azeite a nível mundial.

Como tem sido referido, um dos fatores mais relevantes na evolução recente tem sido a intensificação tecnológica da produção agrícola, com a introdução

**Gráfico 12 – Top 10 da produtividade mundial do olival em 2024 (kg/ha)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

de sistemas mais densos e mecanizados, que permitiram aumentar significativamente o rendimento por hectare e reduzir os custos de produção. Esta transformação tem contribuído para aumentar a competitividade internacional dos países produtores que adotaram estes modelos produtivos.

A expansão da geografia produtiva em novas regiões reflete igualmente a crescente globalização do mercado de azeite. Países que investiram na olivicultura, utilizando modelos agrícolas altamente eficientes com mecanização intensiva, agricultura de precisão e integração vertical das cadeias de valor, conseguiram alcançar níveis de produtividade comparáveis e até superiores aos de regiões tradicionais.

Também se tem verificado uma crescente valorização da qualidade e origem do azeite, favorecendo estratégias de diferenciação como a certificação de origem, a produção biológica e a valorização de variedades tradicionais.

## D. Produção de azeite e produtividade

A produção mundial de azeite tem registado uma tendência de crescimento ao longo das últimas décadas (Gráfico 13), embora marcada por elevada variabilidade interanual, resultante sobretudo de fatores climáticos, da alternância produtiva característica da oliveira e da disponibilidade de recursos hídricos. Esta trajetória ascendente reflete simultaneamente a expansão da área de olival em várias regiões do mundo e a melhoria da produtividade agrícola decorrente da modernização tecnológica do setor.

Por outro lado, o azeite tem beneficiado de uma crescente valorização associada sobretudo ao reconhecimento das suas propriedades nutricionais e à difusão global do conceito de dieta mediterrânica, o que tem contribuído para o aumento da procura em numerosos mercados internacionais.

De acordo com o COI/IOC, na safra de 2024 a produção de azeite foi de aproximadamente 3,4 milhões de toneladas, uma variação de 132% (+1,9 milhões de toneladas) comparativamente ao ano de 1990 que registou cerca de 1,5 milhões de toneladas.

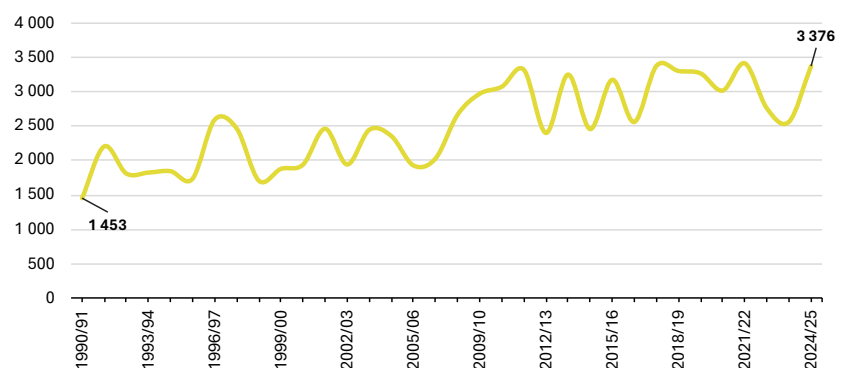
A análise da produção por continente, apresentada no Gráfico 14, permite identificar diferenças relevantes entre regiões do mundo, refletindo diferentes níveis de especialização agrícola, condições agroclimáticas e dinâmicas de investimento no setor.

A Europa é o principal centro de produção mundial de azeite, resultado de uma forte tradição existente nos países mediterrâneos, com destaque particular para a Espanha (38,4%), que tem uma posição dominante no mercado do setor, e ainda a Grécia (7,4%), a Itália (6,7%) e Portugal (5,8%), que em conjunto concentram mais de 58% da produção mundial.

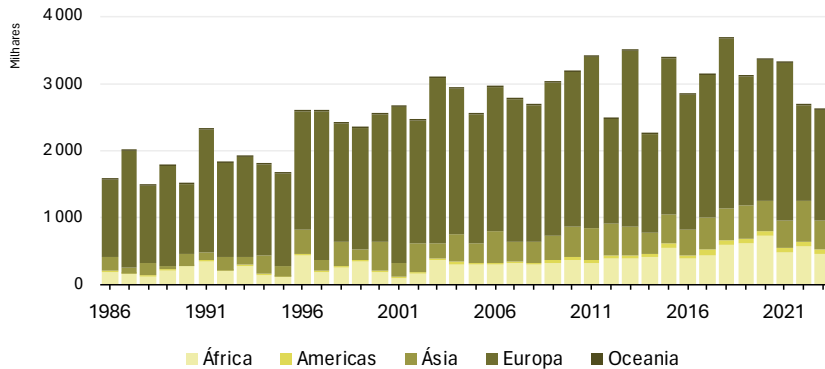
O continente africano constitui uma grande região produtora de azeite, com destaque para os países do Norte de África. Tunísia, Marrocos e Argélia assumem particular relevância na produção regional, tendo registado um crescimento significativo nas últimas décadas, associado ao reforço do investimento na olivicultura, à expansão da área e à crescente integração destes países nos mercados internacionais.

Na Ásia, a produção de azeite encontra-se concentrada sobretudo em países do Médio Oriente e da bacia oriental do Mediterrâneo, como Turquia, Síria ou Líbano.

**Gráfico 13 – Evolução da produção mundial de azeite (x1000 toneladas)**

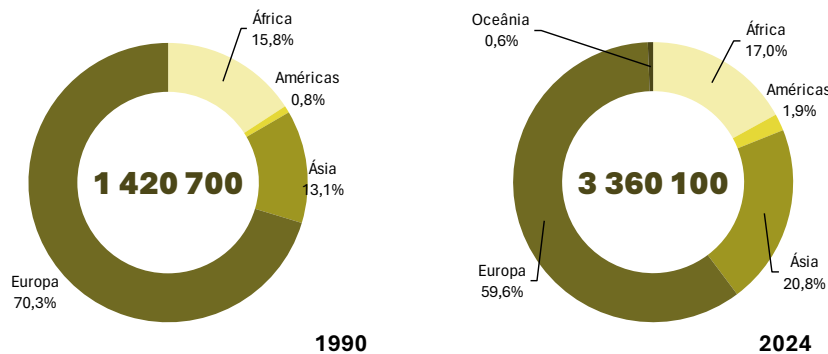


**Gráfico 14 – Evolução da produção mundial de azeite, por continente (x1000 toneladas)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

**Gráfico 15 – Produção mundial de azeite em 1990 e 2024, por continente (%)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

Com parcelas relativamente reduzidas na produção mundial de azeite, as Américas têm vindo a aumentar progressivamente a sua quota, graças a países como a Argentina, Chile e EUA, com olivais modernos e elevados níveis de mecanização e tecnologia agrícola que permitem elevada produtividade. A Oceânia tem uma quota mais modesta, embora se verifique um crescimento gradual nas últimas décadas.

A comparação entre os anos 1990 e 2024 (Gráfico 15) evidencia mudanças na distribuição relativa da produção de azeite entre os continentes. A Europa continua a dominar claramente, no entanto, regista-se uma redução da sua quota de 70,3% para 59,6% e um aumento significativa da Ásia no mercado da produção de azeite, reflexo do forte investimento feito em países do Médio Oriente, indicando uma gradual diversificação geográfica da produção.

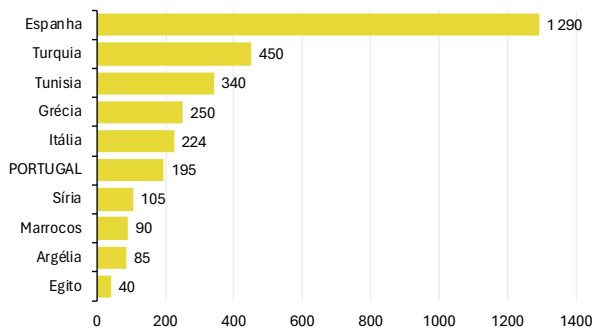
O Gráfico 16, relativo ao top 10 mundial de produção de azeite, mostra a forte concentração da produção. Estes países representam mais de 91% do total global e podemos verificar que a liderança de Espanha é particularmente expressiva (1,3 milhões de toneladas → 38,4%). Esta situação resulta da combinação de vários fatores estruturais como a grande extensão de olival, o elevado nível de mecanização, a forte capacidade industrial de transformação e a elevada integração nos mercados internacionais.

Considerando o conjunto dos 10 países com maior produção de azeite apresentados no Gráfico 16, ao analisar esta e a superfície de cada um, facilmente se constata que produzir muito (volume) não é o mesmo que produzir com alto rendimento por hectare (produtividade). Isto tem a ver

com a distinção entre a intensidade da exploração e a escala da área cultivada. Como temos verificado, a Espanha domina a produção global devido à vasta área de olival que garante um volume total elevado, no entanto é Portugal (512 kg/ha) quem se destaca na produtividade pela tecnologia e modernização do setor, no Alentejo, com sistemas em vaso e em sebe que maximizam o azeite por hectare, ao contrário da produção tradicional, que se encontra em extensas áreas de países como a Itália (207 kg/ha), Grécia (295 kg/ha), Marrocos (73 kg/ha), Tunísia (182 kg/ha) e Síria (154 kg/ha). Salientar ainda que destes 10 países, Portugal é o 9º na superfície de olival e o 6º na produção de azeite, mas o 1º na produtividade.

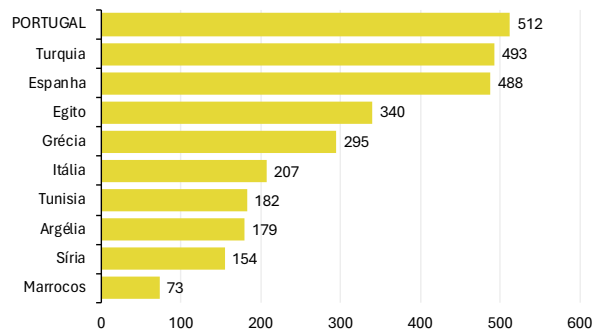
Para além das questões de escala vs. eficiência e de sistema intensivo vs. tradicional, há ainda que ter em conta fatores climáticos, como por exemplo secas e ondas de calor, que podem reduzir drasticamente

**Gráfico 16 – Top 10 da produção mundial de azeite em 2024 (x1000 toneladas)**



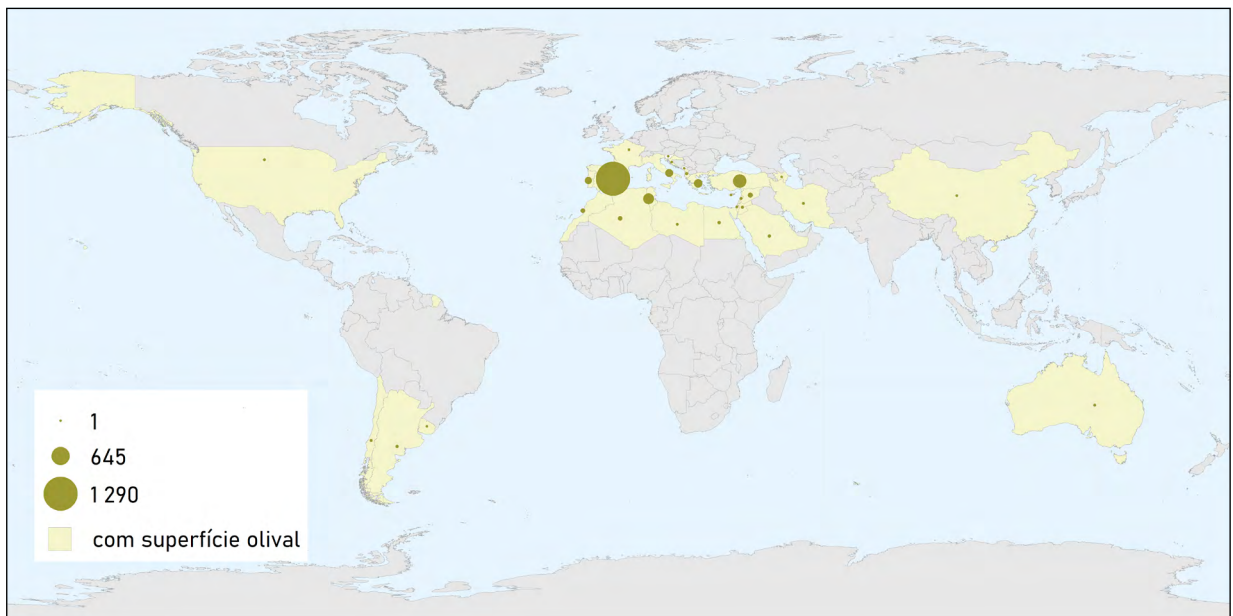
Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

**Gráfico 17 – Produtividade do top 10 da produção mundial de azeite em 2024 (kg/ha)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

**Mapa 4 – Produção mundial de azeite em 2024 (x1000 toneladas)**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

a colheita em países do Mediterrâneo com grandes produções.

Também a variedade de azeitona é importante, já que algumas são selecionadas especificamente pelo seu alto rendimento industrial e adaptação à mecanização, favorecendo a produtividade. Outras variedades tradicionais focam-se no sabor ou na azeitona de mesa, resultando em menor volume de azeite extraído por tonelada de fruto.

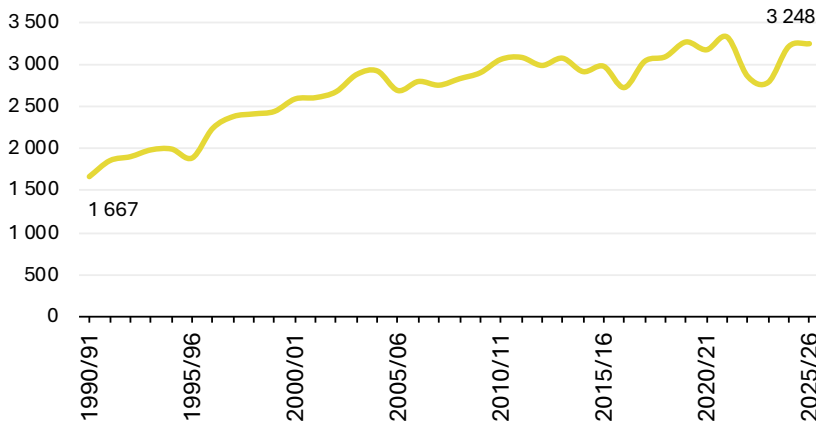
Alguns países fora da região mediterrânea, sem tradição na olivicultura e com reduzida produção de azeite e superfície, mas que contam apenas com

sistemas em sebe, apresentam produtividades substancialmente mais elevadas que as registadas pelos países tradicionais.

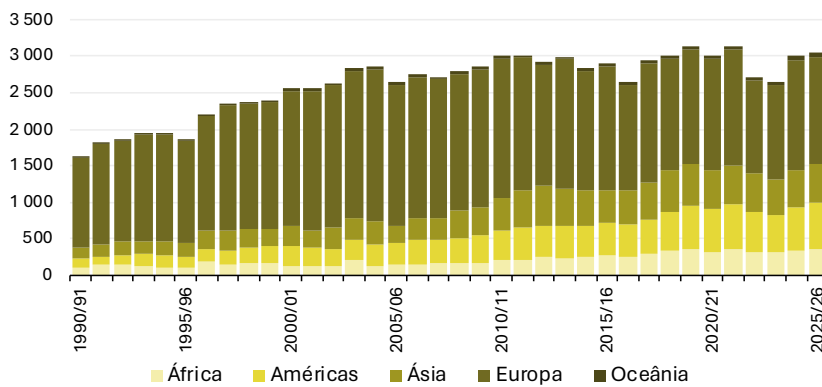
## E. Consumo de azeite

A evolução do consumo mundial de azeite nas últimas décadas evidencia uma tendência de crescimento gradual (variação de 93% em 2024 face a 1990), acompanhando a expansão da produção e a crescente valorização deste produto na alimentação global. No Gráfico 18, é possível observar uma trajetória ascendente ao longo do período 1990-2025, embora marcado por ligeiras oscilações interanuais

**Gráfico 18 – Evolução do consumo mundial de azeite (x1000 toneladas)**

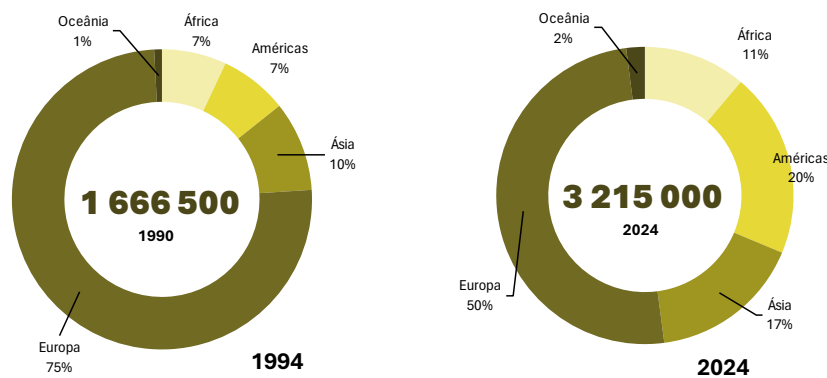


**Gráfico 19 – Evolução do consumo mundial de azeite, por continente (x1000 toneladas)**



Nota: valores estimados no período 2023/24 a 2025/26  
 Fonte: COI/IOC, "Olive oil balances, nov. 2025"

**Gráfico 20 – Consumo de azeite em 1990 e 2024, por continente (%)**



Fonte: COI/IOC, "Olive oil balances, nov. 2025"

associadas à variabilidade das colheitas, consequência das condições climáticas e do fenómeno de alternância produtiva, que caracteriza a oliveira.

O consumo de azeite concentra-se sobretudo na Europa, em particular na região do Mediterrâneo,

em resultado da forte tradição gastronómica com a utilização do azeite na dieta desta região. Contudo, observa-se um crescimento progressivo noutras regiões do mundo, nomeadamente nas Américas e na Ásia, o que se deve à difusão internacional dos benefícios nutricionais do azeite (Gráfico 19).

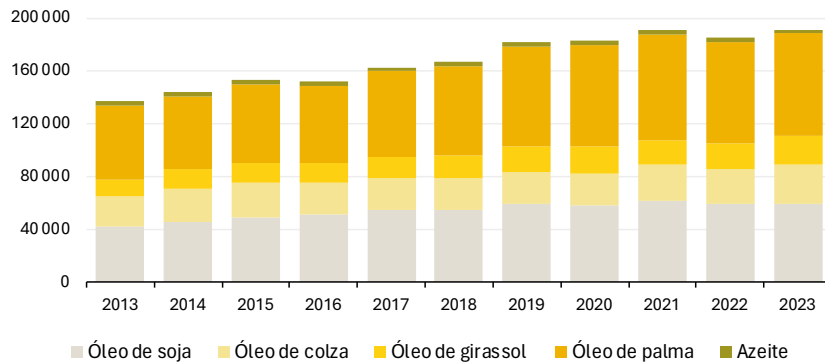
Esta alteração gradual da geografia do consumo (Gráfico 20), mostra-nos que, embora a Europa continue a representar a maior quota do consumo mundial, verifica-se uma redução significativa da sua participação relativa entre 1990 e 2024. Em contrapartida, outras regiões têm vindo a reforçar o seu peso no consumo global, sobretudo as Américas (de 7% para 20%) e a Ásia (de 10% para 17%). Esta evolução reflete a progressiva diversificação geográfica do consumo, com um aumento da procura fora das regiões tradicionalmente consumidoras, o que contribui para reforçar o carácter cada vez mais global do mercado do azeite.

**Consumo de outros óleos vegetais**

Analisando a evolução do consumo de óleos vegetais (Gráfico 21), verificamos que, entre 2013 e 2023, se verificou um crescimento significativo de 34%,

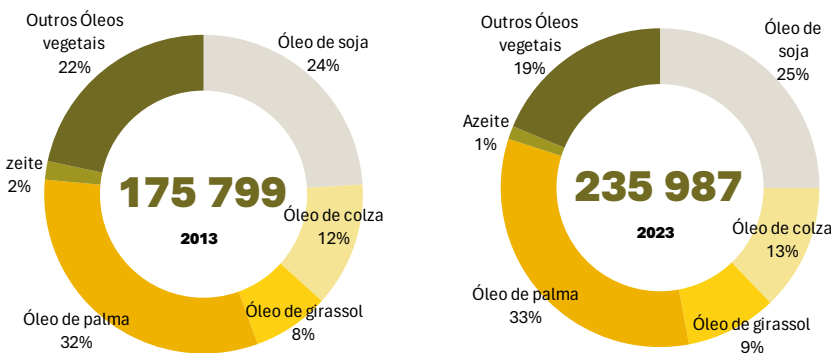
sendo dominantes os óleos vegetais mais baratos e produzidos em grande escala, como sejam o óleo de palma e de soja. Verifica-se também que, ao longo destes 10 anos, o padrão alimentar relativamente aos tipos de óleos mais consumidos se manteve inalterado.

**Gráfico 21 – Consumo de azeite e outros óleos vegetais no mundo (x1 000t)**



Fonte: GPP, a partir de FAO

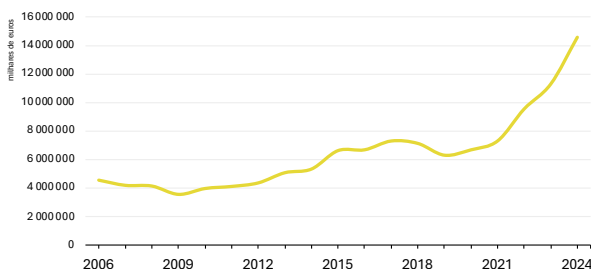
**Gráfico 22 – Consumo de azeite e outros óleos vegetais no mundo em 2013 e 2023 (x1 000t)**



Fonte: GPP, a partir de FAO

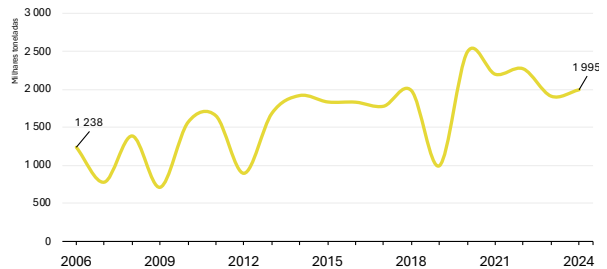
Quando se compara o consumo de azeite com o dos outros óleos vegetais, verifica-se que o consumo de azeite permanece estável e em valores muito baixos (1% a 2%) face à totalidade do consumo dos outros óleos vegetais. Segundo dados da FAO, e comparando o ano de 2013 com o ano de 2023, o consumo de azeite diminuiu de 1,88% para 1,34%. Importa, no entanto, realçar que 2023 e 2024 foram os anos em que os preços do azeite registaram as maiores sub-

**Gráfico 23 – Evolução do valor das exportações mundiais de azeite (x1000 euros)**



Fonte: International Trade Centre

**Gráfico 24 – Evolução do volume das exportações mundiais de azeite (x1000 toneladas)**



das de sempre, pelo que esta descida de consumo deverá estar também relacionada com esta situação.

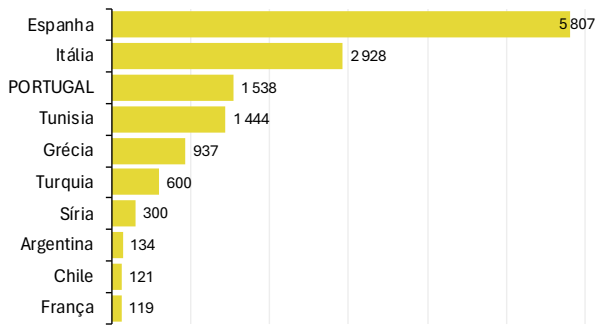
## F. Comércio internacional de azeite

A evolução do comércio internacional de azeite evidencia uma tendência de crescimento tanto em valor como em volume. No entanto, o aumento do valor das exportações revela-se, em muitos períodos, mais acentuado do que o crescimento do volume exportado, sugerindo um aumento do preço médio do azeite transacionado nos mercados internacionais (Gráfico 23 e Gráfico 24).

Esta diferença entre o ritmo de crescimento do valor e do volume constitui um indicador da crescente valorização eco-

nómica do produto e da diferenciação qualitativa do azeite comercializado nos mercados globais, que resulta de vários fatores estruturais, nomeadamente:

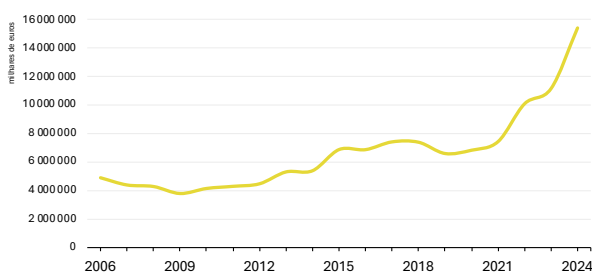
- aumento da procura internacional de azeite;
- crescente valorização de azeites de maior qualidade, especialmente azeite extra virgem;
- expansão do consumo em novos mercados;
- volatilidade dos preços, a nível global, em função das variações de produção.

**Gráfico 25 – Top 10 dos exportadores mundiais de azeite (x Meuros)**

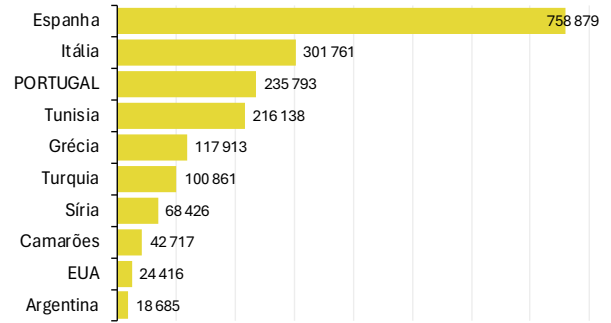
Fonte: International Trade Centre

A leitura do Gráfico 25 e do Gráfico 26 evidencia uma forte concentração das exportações em alguns países do Mediterrâneo, com destaque para Espanha, Itália, Portugal, Tunísia, Grécia, Turquia e Síria, que em conjunto representam 91% do valor e 87% do volume exportado.

A Espanha ocupa uma posição dominante no comércio internacional de azeite, sendo responsável por uma parcela muito significativa das exportações mundiais, tanto em valor (40%) como em volume (38%). Este posicionamento resulta da elevada dimensão do seu setor oleícola e da forte capacidade industrial e comercial. A Itália apresenta igualmente um papel relevante, particularmente no comércio em valor. Este facto reflete o forte posicionamento do país nos segmentos de maior valor acrescentado, associado à reputação internacional do azeite italiano e à sua estratégia de comercialização baseada em marcas reconhecidas e produtos de qualidade diferenciada.

**Gráfico 27 – Evolução do valor das importações mundiais de azeite (x1000 euros)**

Fonte: International Trade Centre

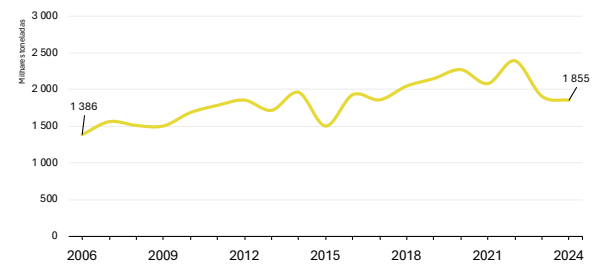
**Gráfico 26 – Top 10 dos exportadores mundiais de azeite (toneladas)**

Alguns países, como a Tunísia, a Grécia ou a Turquia, apresentam posições relativamente mais fortes em termos de volume do que de valor, o que indica uma maior especialização na exportação de azeite a granel ou em segmentos de menor valor unitário.

A evolução das importações mundiais de azeite acompanha a dinâmica das exportações, refletindo o aumento do consumo global e consequente internacionalização do mercado.

Tal como observado no caso das exportações, o crescimento do valor (Gráfico 27) das importações tende a ser mais pronunciado do que o aumento do volume (Gráfico 28), sugerindo um incremento do preço médio do azeite no comércio internacional. Para além dos fatores enunciados nas exportações, esta evolução pode também dever-se a:

- valorização do azeite como produto associado a dietas saudáveis;
- expansão do consumo em mercados com mais poder de compra.

**Gráfico 28 – Evolução do volume das importações mundiais de azeite (x1000 toneladas)**

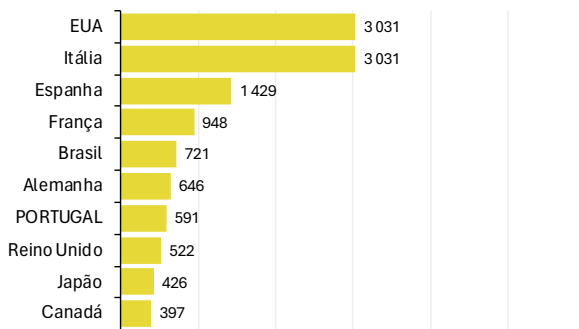
Entre os maiores mercados de importação destacam-se os Estados Unidos, a Itália, a Espanha, a França, o Brasil e a Alemanha. Importa referir que não há dados disponíveis para as importações em volume por parte da Espanha em 2024 (em 2023, foram 210452 toneladas), com naturais repercussões na linha evolutiva do Gráfico 26 e ausência no Gráfico 28.

Os Estados Unidos assumem uma posição particularmente relevante, sendo um dos maiores impor-

tadores mundiais de azeite, o que se deve à forte expansão do consumo nas últimas décadas.

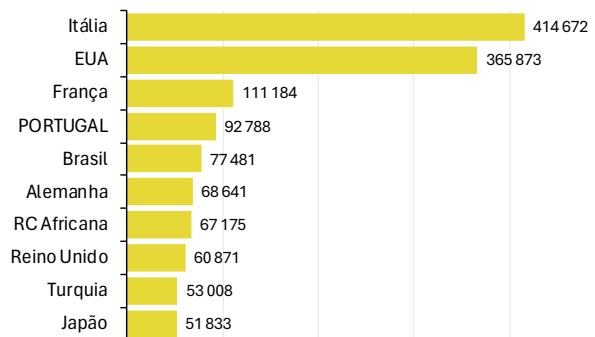
Por sua vez, a Espanha e a Itália, para além de grandes exportadores, são também grandes importadores. Este fenómeno resulta da intensa integração das cadeias de valor no setor oleícola, incluindo operações de transformação, mistura, embalagem e reexportação de azeite.

**Gráfico 29 – Top 10 dos importadores mundiais de azeite (x Meuros)**

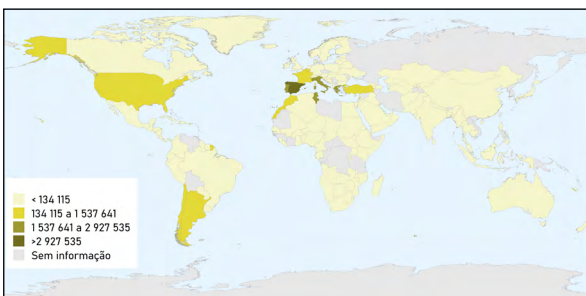


Fonte: International Trade Centre

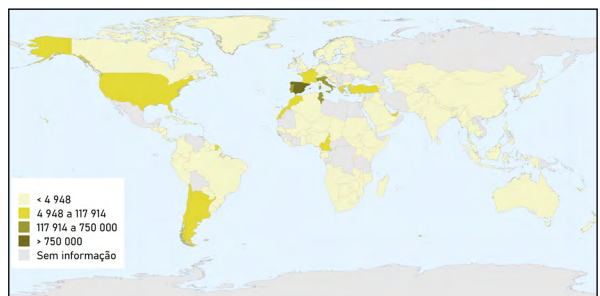
**Gráfico 30 – Top 10 dos importadores mundiais de azeite (toneladas)**



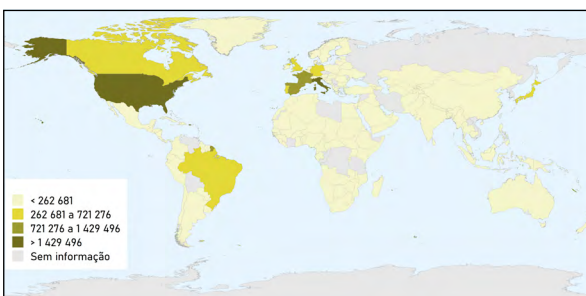
**Mapa 5 – Valor das exportações de azeite em 2024 (x1000 euros)**



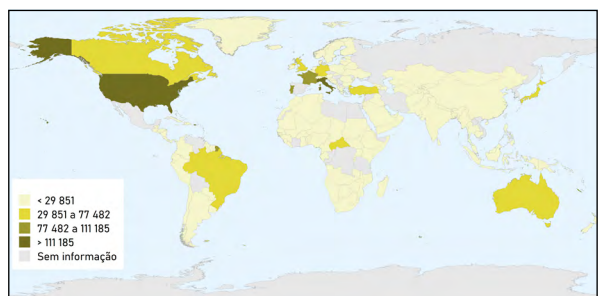
**Mapa 6 – Volume das exportações de azeite em 2024 (toneladas)**



**Mapa 7 – Valor das importações de azeite em 2024 (x1000 euros)**



**Mapa 8 – Volume das importações de azeite em 2024 (toneladas)**



Fonte: GPP, a partir de International Trade Centre

## 2. O setor do olival e do azeite na UE27: superfície, produção, consumo e comércio internacional



### A. Superfície de olival

Em 2024, a superfície de olival na UE27 era ligeiramente superior a 5 milhões de hectares. Uma leitura do Gráfico 31 mostra uma evolução relativamente estável ao longo do período compreendido entre 1986 e 2024 (+709 mil hectares). Esta estabilidade deve-se a fatores como a expansão do olival noutras regiões do mundo, muitas vezes associada à modernização agrícola e ao abandono e reconversão de áreas menos produtivas, sobretudo de olival tradicional.

A superfície de olival da UE27 leva esta região a manter-se como o principal espaço geográfico da olivicultura mundial, representando uma parcela muito significativa no total, embora se verifique uma tendência de redução da sua quota relativa ao longo do

tempo (45,3% em 2024 vs. 60% em 1986 – Gráfico 32). Conforme tem sido referido neste artigo, esta evolução deve-se à forte expansão da olivicultura noutros países, nomeadamente no norte de África e Médio Oriente e à crescente globalização do setor do azeite.

A superfície de olival está concentrada em quatro Estados-Membros (Espanha, Itália, Grécia e Portugal) na bacia do Mediterrâneo e com forte tradição agrícola associada à oliveira, que no seu conjunto detêm 99% desta área. A Espanha assume uma posição dominante com cerca de 53% da superfície de olival da UE27, correspondente a mais de 2,6 milhões de hectares (+28% face a 1986).

Portugal destaca-se como um caso de crescimento recente, impulsionado pela instalação de novos oli-

Gráfico 31 – Evolução da superfície de olival na UE27, no período 1986 a 2024 (x1000 ha)

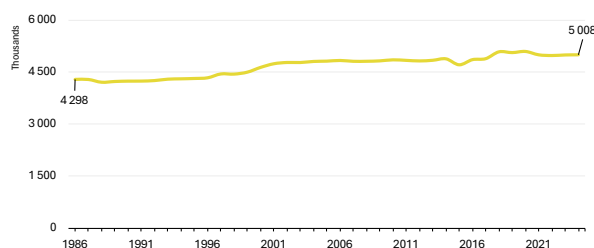
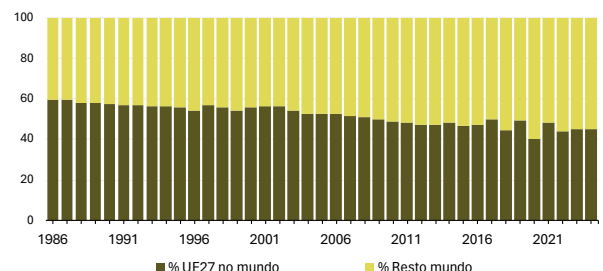
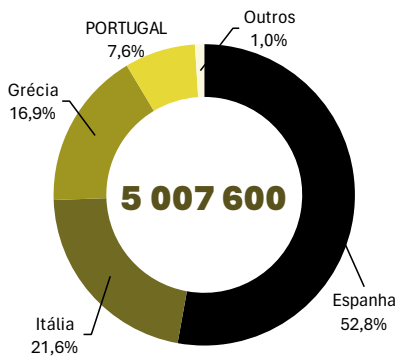


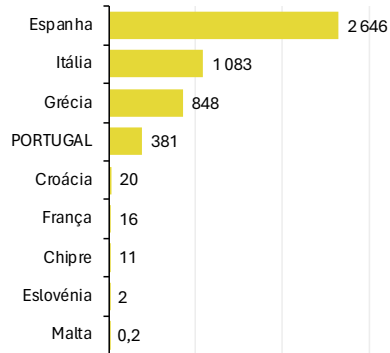
Gráfico 32 – Superfície de olival – UE27 e resto do mundo, no período 1986 a 2024 (%)



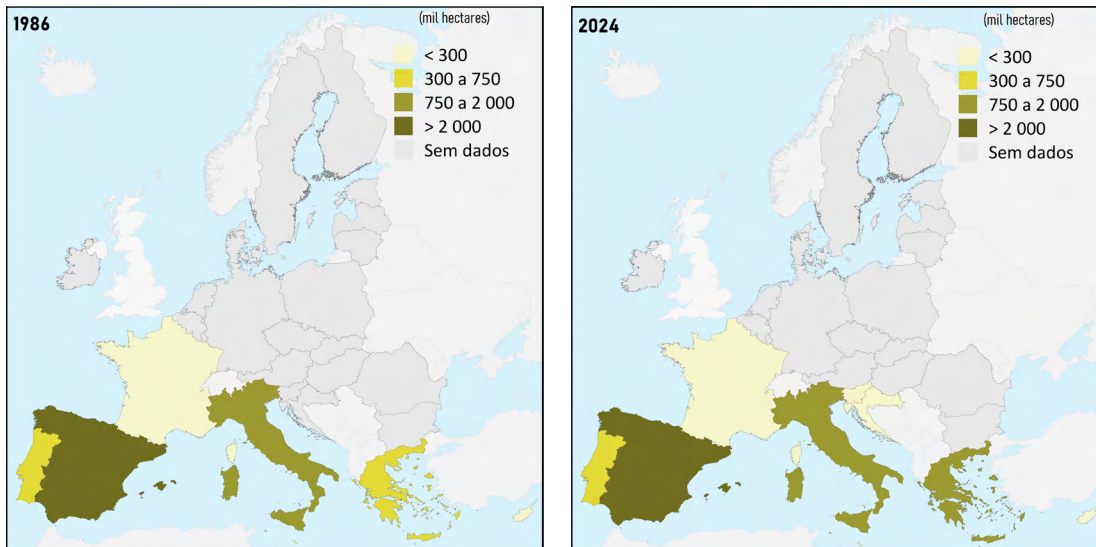
**Gráfico 33 – Superfície de olival na UE27, por país em 2024 (%)**



**Gráfico 34 – Superfície de olival na UE27, por país em 2024 (x1000 ha)**



**Mapa 9 – Superfície de olival na UE27 (x 1000 ha) – 1986 → 4,3 milhões e 2024 → 5,0 milhões**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

vais em vaso e em sebe, particularmente na região do Alentejo.

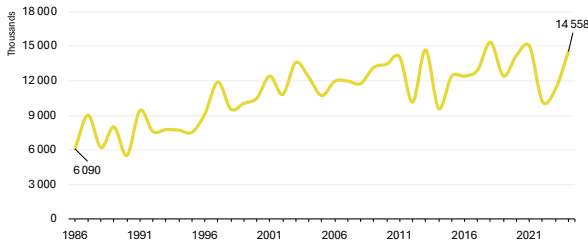
## B. Produção do olival

Relativamente à produção do olival na UE27 podemos observar uma forte variabilidade interanual (Gráfico 35), justificada sobretudo pela alternância produtiva, pelas condições climáticas ou pela incidência de pragas e doenças, contudo há um crescimento da produção ao longo do tempo que está associado à modernização das explorações. A UE27, com cerca de 14,6 milhões de toneladas, continua a manter uma posição dominante na produção mundial do olival, representando uma parcela muito sig-

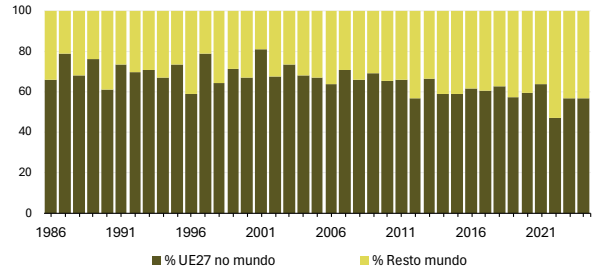
nificativa do total global ao longo de todo o período entre 1986 e 2024. No entanto, verifica-se uma ligeira redução da quota relativa (57% em 2024 vs. 66% em 1986 – Gráfico 36), que tem a ver com a expansão geográfica da cultura e, consequentemente, da produção mundial.

Tendo em conta a representatividade territorial já referida de quatro Estados-Membros, é natural que os mesmos concentrem também a produção (99,3% em 2024), com particular destaque para a Espanha que em 2024 produziu 8,3 milhões de toneladas, o que corresponde a mais de 57% da produção total da UE27. Portugal destaca-se pelo crescimento recente da produção, impulsionada pela moderniza-

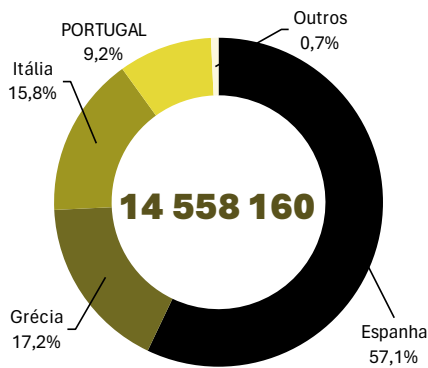
**Gráfico 35 – Evolução da produção do olival na UE27, no período 1986 a 2024 (milhares toneladas)**



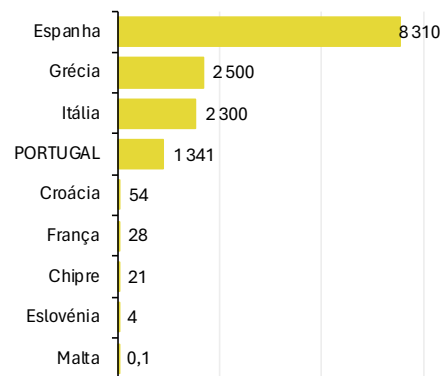
**Gráfico 36 – Produção do olival – UE27 e resto do mundo, no período 1986 a 2024 (%)**



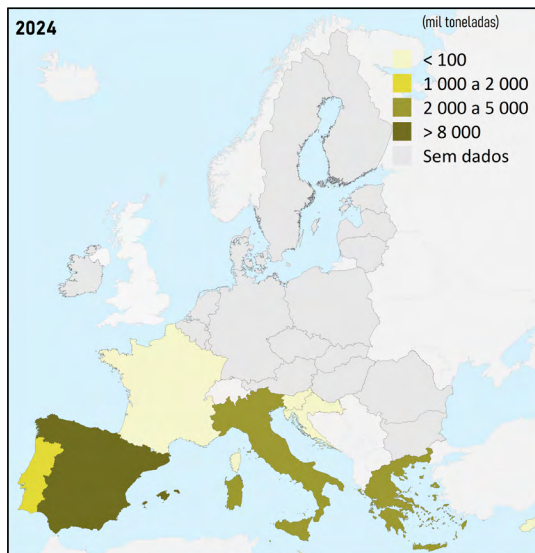
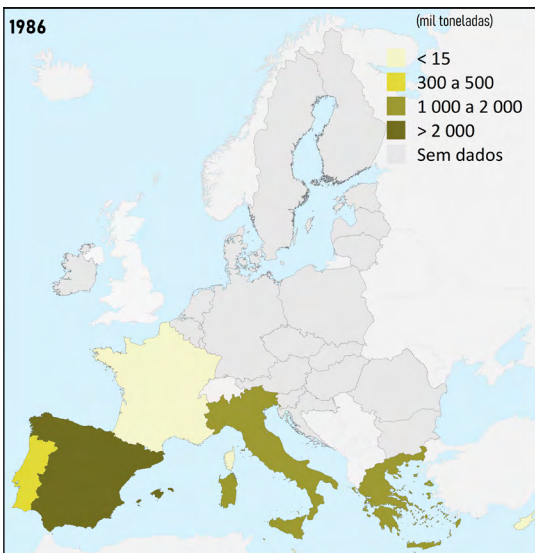
**Gráfico 37 – Produção do olival na UE27, por país em 2024 (%)**



**Gráfico 38 – Produção do olival na UE27, por país em 2024 (milhares toneladas)**



**Mapa 10 – Produção do olival na UE27 (milhares toneladas) – 1986 → 6,1 milhões e 2024 → 14,6 milhões**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

ção do setor (de 5,8% para 9,2% → de 356 mil toneladas para 1,3 milhões de toneladas).

### C. Produtividade do olival

No período entre 1986 e 2024, verificou-se uma tendência de crescimento da produtividade do olival na UE27, conforme se evidencia no Gráfico 39, refletindo o processo de modernização progressiva do setor já mencionado ao longo deste artigo. Contudo, a linha evolutiva apresenta sempre oscilações relevantes, marcadas pela variabilidade interanual.

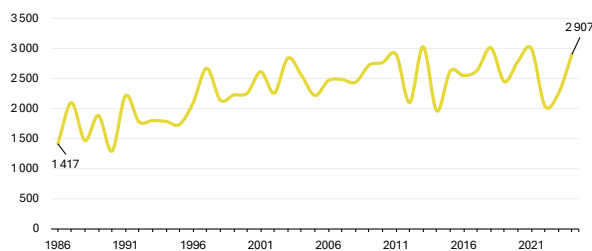
Quando analisada a produtividade do olival da UE27, por comparação com a média mundial, verifica-se que a região europeia acompanha, embora com algumas diferenças, a tendência global de crescimento, apresentando, em geral, níveis de produtividades superiores (Gráfico 40). Este desempenho mais elevado da UE27, para além de evidenciar o elevado contributo desta região para a superfície e a produção do olival, resulta também de maior nível de desenvolvimento tecnológico, forte investimento em inovação e melhor acesso a fatores de produção.

De uma forma geral, os níveis mais elevados de produtividade tendem a observar-se em países onde dominam os sistemas em vaso e em sebe, onde existe maior acesso a regadio e onde as explorações apresentam maior dimensão e nível de modernização e mecanização. Neste contexto, Portugal e Espanha destacam-se com níveis de produtividade relativamente elevados, refletindo a forte modernização do setor nas últimas décadas, em particular na Península Ibérica.

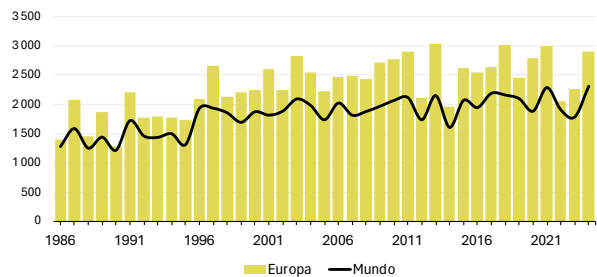
Por outro lado, países com maior predominância de olival tradicional, como algumas regiões de Itália e Grécia, apresentam produtividades médias mais moderadas.

No Gráfico 41 e no Mapa 11, é possível observar que a Península Ibérica se destaca não só pela superfície, como já referido anteriormente, mas também pelo dinamismo produtivo associado a modelos agrícolas mais eficientes. Ambos os países, juntamente com a Itália, contribuem significativamente para a elevada produtividade da UE27, apresentando valores acima da média desta.

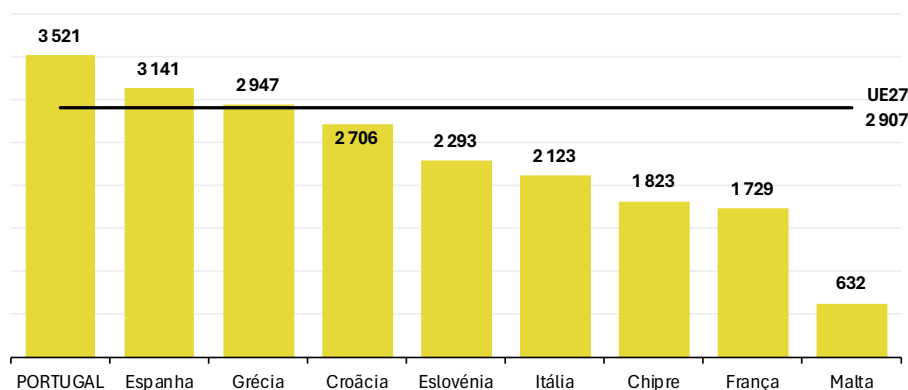
**Gráfico 39 – Evolução da produtividade do olival na UE27, no período 1986 a 2024 (kg/ha)**

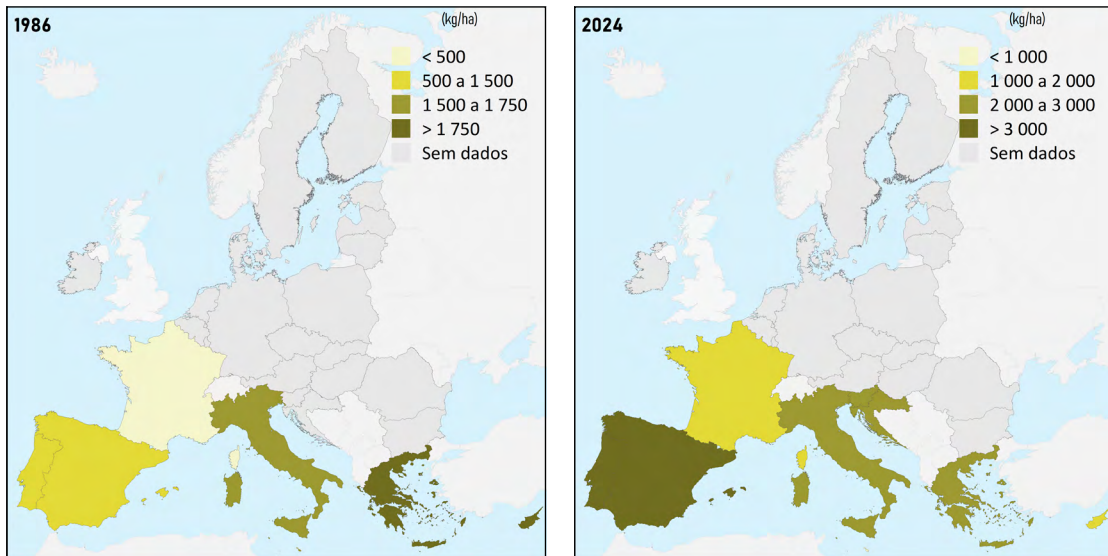


**Gráfico 40 – Evolução da produtividade do olival na UE27 e no mundo, no período 1986 a 2024 (kg/ha)**



**Gráfico 41 – Evolução da produtividade do olival nos países da UE27 em 2024 (kg/ha)**



**Mapa 11 – Produtividade do olival na UE27 por país (kg/ha) – 1986 → 1417 e 2024 → 2907**

Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

#### D. Produção de azeite do olival

A produção de azeite na UE27 cresceu cerca de 43% entre 1986 e 2024, a que correspondem mais 488 mil toneladas. Conforme evidenciado pelo Gráfico 42, é possível observar uma evolução crescente ao longo desse período. Ainda que marcada pela variabilidade interanual, a tendência de longo prazo aponta para um aumento da produção de azeite, associado à modernização do setor, ao aumento da produtividade e à expansão de sistemas intensivos, sobretudo na Península Ibérica.

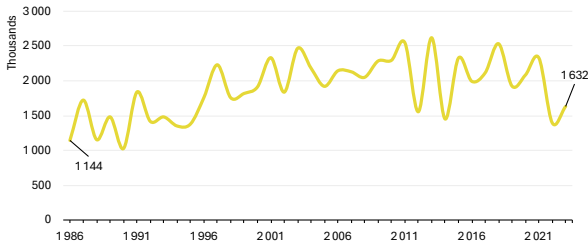
A UE27 sempre teve um peso relativo muito significativo na produção de azeite no mundo. Em 1986, detinha mais de 73% da produção, com ocorrências ainda mais significativas em anos seguintes (1987 → 86,3%; 1989 → 83,4%; 2001 → 88,2%), fruto da alternância da oliveira. Contudo, a partir de 2001, apesar da produção comunitária continuar a registar um crescimento, há um decréscimo do peso relativo da produção de azeite da Europa comunitária no global, representando cerca de 52% do total mundial em 2022 e 62% em 2023 (Gráfico 43), em virtude do crescimento do setor noutras regiões do mundo,

nomeadamente no Médio Oriente e no Norte de África.

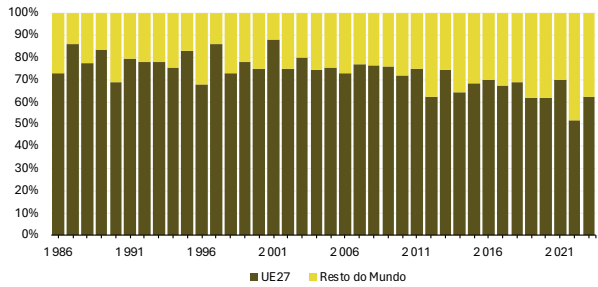
A produção de azeite na UE27 concentra-se sobretudo em quatro Estados-Membros, com a Espanha a ter uma posição amplamente dominante, representando mais de 52% em 2023 do total da Europa comunitária. Os três países seguintes têm produções significativamente inferiores à de Espanha, mas ainda assim relevantes no contexto europeu e mundial, contribuindo para a diversidade e identidade do setor da UE27, destacando-se Portugal, que representa cerca de 11% da UE27 e aumentou em cerca de 243% a sua produção (mais 176 mil toneladas), como resultado da modernização do setor e adoção de sistemas intensivos. Em sentido oposto, destaca-se a Grécia, com um decréscimo na produção de -13% face a 1986 (menos 34 mil toneladas).

O Mapa 12 evidencia a concentração da produção de azeite na região mediterrânea da Europa, sugerindo um reforço da importância da Península Ibérica, quando comparado 1986 com 2024, como consequência do dinamismo do setor nos últimos anos impulsionado pelos investimentos feitos.

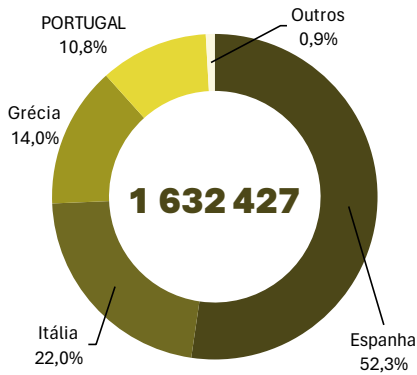
**Gráfico 42 – Evolução da produção de azeite na UE27, no período 1986 a 2024 (toneladas)**



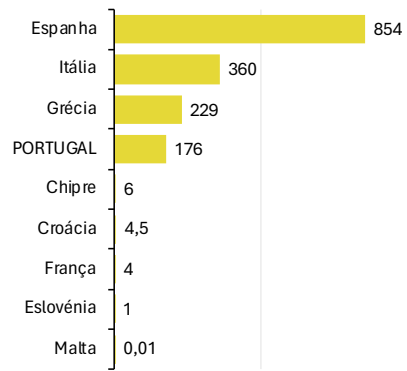
**Gráfico 43 – Peso da produção de azeite da UE27 no mundo, no período 1986 a 2024 (%)**



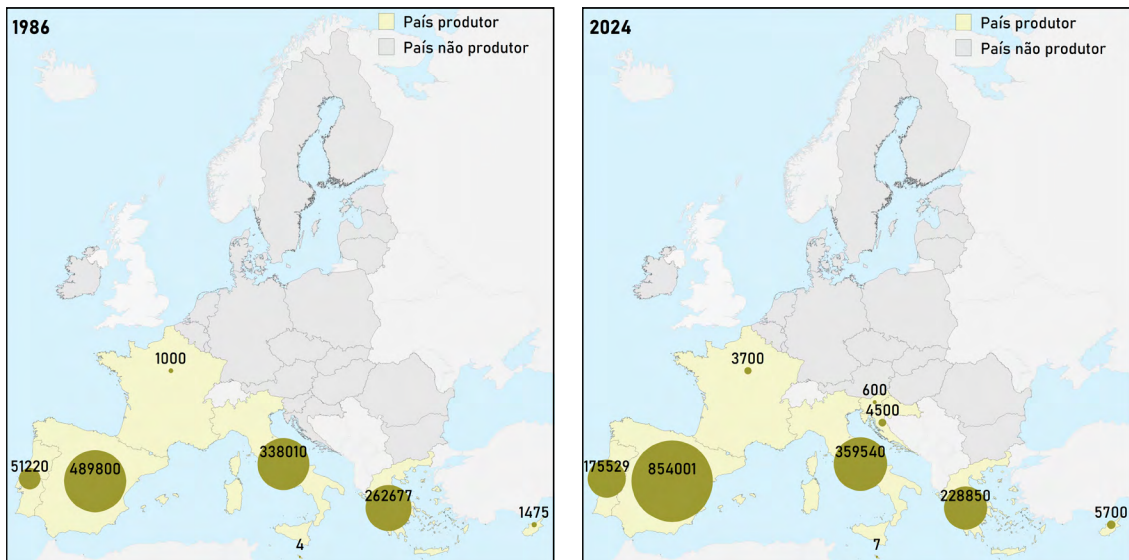
**Gráfico 44 – Produção de azeite na UE27, por país em 2024 (%)**



**Gráfico 45 – Produção de azeite na UE27, por país em 2024 (milhares de toneladas)**



**Mapa 12 – Produção de azeite na UE27 por país (toneladas) – 1986 → 1,1 milhões e 2024 → 1,6 milhões**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

## E. Consumo de azeite

A linha de evolução do consumo de azeite na UE27 apresenta uma subida significativa ao longo dos primeiros 15 anos, entre 1990 e 2004, ano em que ultrapassou os 2 milhões de toneladas (+ 67%), entrando depois numa trajetória descendente até 2024 (Gráfico 46), com ligeiras oscilações, para um consumo ligeiramente acima do registado no início do período. A reduzida variação e as oscilações registadas refletem flutuações na produção e disponibilidade de azeite, mudanças nos hábitos alimentares e alterações nos preços, que podem ter também significado nos hábitos de consumo alimentar com a escolha de outro tipo de óleos e gorduras. Esta evolução, de estabilidade, reflete-se na tendência de redução do peso relativo da UE no consumo mundial, que em 1990 era superior a 72% e, a partir de 2009, começa a entrar numa fase descendente com consumos em contraciclo comparativamente com o resto do mundo, apresentando um peso relativo de cerca de 34% em 2023 e 43% em 2024 (Gráfico 47), o que demonstra o carácter cada vez mais global que o mercado do azeite vem assumindo e que resulta do crescimento acelerado do consumo em mercados não tradicionais, da difusão da dieta mediterrânica e ainda do aumento da procura em países com maior poder de compra.

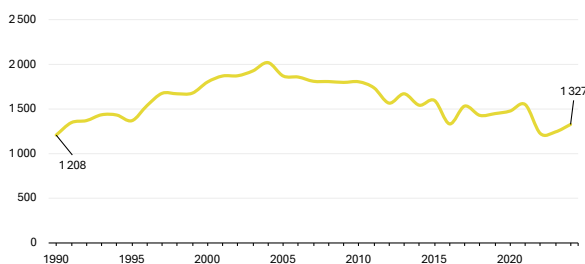
Verifica-se uma forte concentração do consumo de azeite nos países do sul da Europa, nomeadamente em Espanha e Itália, que somam quase dois terços do total. Com níveis mais baixos, seguem-se a França (8%), Grécia (8%) e Portugal (6%). Os países do centro e norte da Europa comunitária apresentam níveis de

consumo mais reduzidos, embora em crescimento progressivo conforme podemos observar pela leitura do Mapa 13.

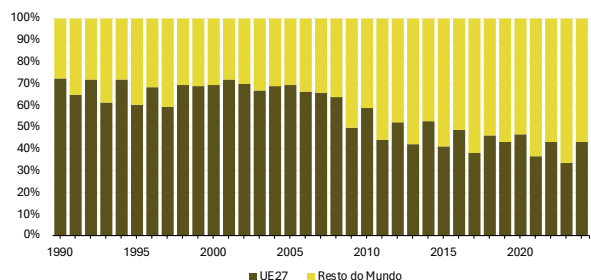
No consumo *per capita*, o Mapa 14 evidencia que o consumo de azeite tem vindo a ganhar relevância no norte e centro da Europa, embora com valores significativamente mais baixos que os registados nos quatro países mediterrâneos com forte tradição no setor, onde o azeite constitui um elemento central na alimentação diária. Por outro lado, verificamos que nos países desta região da UE27 se verificou uma diminuição significativa nos valores de consumo *per capita*, sobretudo na Grécia (de 19,9 kg/hab para 10,6 kg/hab) e na Itália (de 9,5 kg/hab para 6,7 kg/hab) e um aumento significativo em Portugal (de 2,7 kg/hab para 6,7 kg/hab).

A diminuição de consumo que se aponta no parágrafo anterior está relacionada com a crise de produção e o aumento de preços, para o dobro, devido a secas severas e ondas de calor no Mediterrâneo (2022-2024), particularmente em Espanha, e com a mudança de hábitos alimentares e uma diversificação da dieta, que implicou a redução do uso de gorduras e a substituição por óleos vegetais mais baratos e consequente quebra de consumo. Por sua vez, o aumento de consumo verificado em Portugal está relacionado com a modernização e o aumento de produção do setor, com a forte valorização da qualidade do azeite português, que passou a ser visto como um produto natural e saudável, e com uma melhoria relativa do seu preço a longo prazo, apesar de se ter sentido o impacto do aumento registado em 2022.

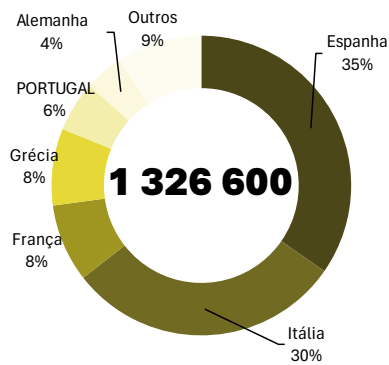
**Gráfico 46 – Evolução do consumo de azeite na UE27, no período 1990 a 2024 (milhares toneladas)**



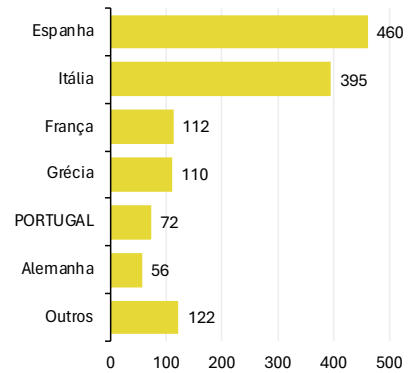
**Gráfico 47 – Peso do consumo de azeite da UE27 no mundo, no período 1986 a 2024 (%)**



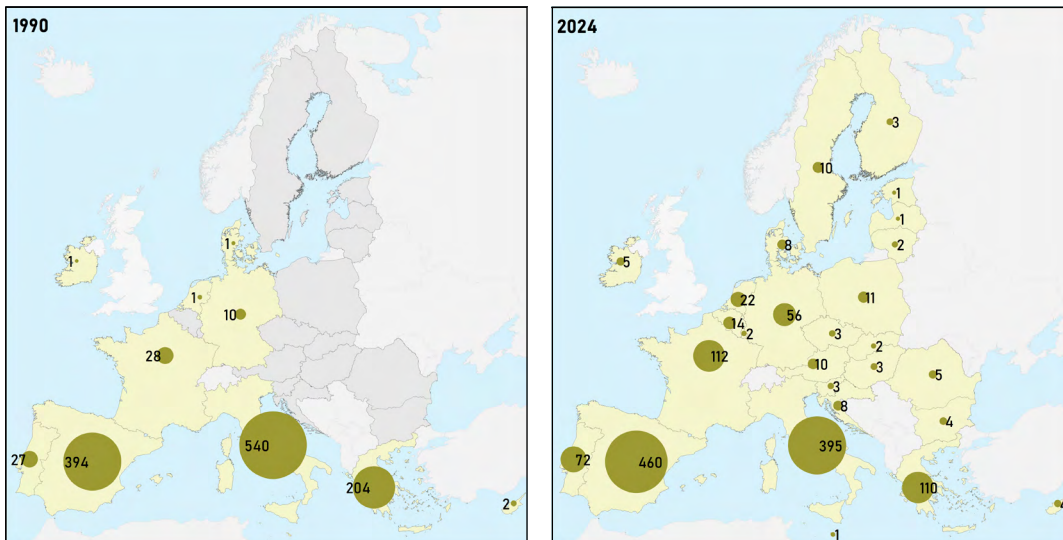
**Gráfico 48 – Consumo de azeite na UE27, por país em 2024 (%)**



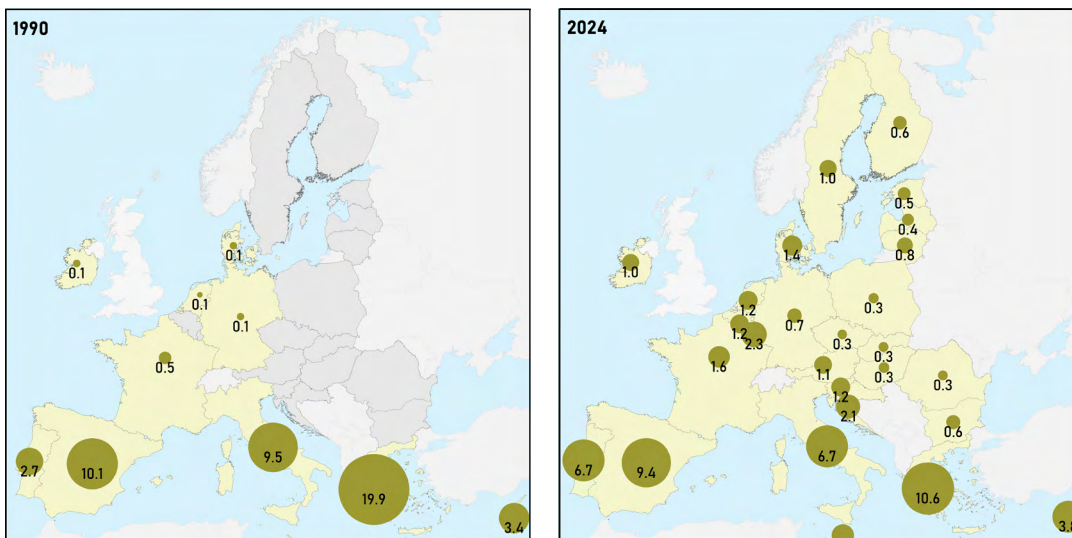
**Gráfico 49 – Consumo de azeite na UE27, por país em 2024 (milhares toneladas)**



**Mapa 13 – Consumo de azeite na UE27 por país (milhares toneladas) – 1990 → 1,2 milhões e 2024 → 1,3 milhões**



**Mapa 14 – Consumo de azeite per capita na UE27 por país (kg/hab) – 1990 e 2024 → 2,9 kg/hab**



Fonte: GPP, a partir de COI/IOC e FAO

### Consumo de outros óleos vegetais

No que diz respeito ao consumo<sup>1</sup> de óleos vegetais, e segundo os dados da FAO, registou-se na UE, entre 2013 e 2023, um crescimento de 17%, tendo ocorrido igualmente uma alteração no padrão de consumo. Ou seja, registou-se um decréscimo muito significativo no consumo do óleo de palma, compensado por um aumento no consumo de óleo de girassol e de óleo de colza. Verifica-se, porém, que os valores do consumo de azeite se mantêm muito baixos. Em 2013, o consumo de azeite na UE foi de aproximadamente 1 731 mil toneladas e, em 2023, de 1 254 mil toneladas, correspondendo a uma queda de 28%. No entanto, devemos ter em consideração que também na UE, no ano de 2023, o preço do azeite registou valores recorde, o que pode explicar

esta redução acentuada. Embora a FAO não disponha de dados mais recentes relativamente ao consumo de azeite, os dados da UE indicam que, em 2025, terá sido de 1 442 mil toneladas, o que significa que, com a descida de preços, esse consumo estará novamente a aumentar na União.

### Consumo per capita de óleos e gorduras na UE27

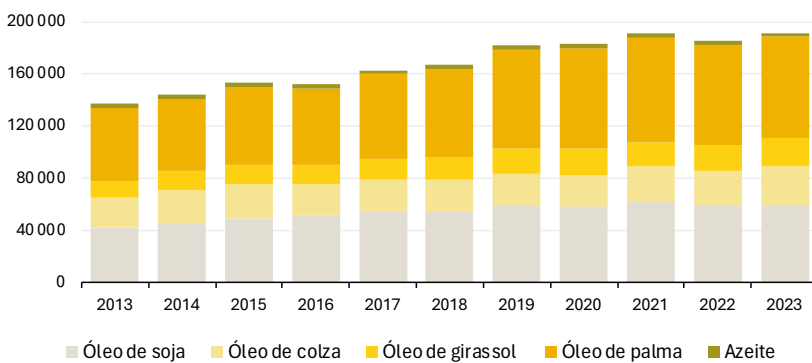
Com base na informação disponibilizada pela FAO, relativa ao consumo de óleos e gorduras por habitante (*g/capita/dia*) para o ano 2023 (estimativas), o Mapa 15 representa o óleo ou gordura animal com o consumo dominante em cada país da UE27. Evidencia-se uma diferenciação geográfica dos padrões alimentares dos Estados Membros, verificando-se uma clara divisão entre os países do Mediterrâneo,

onde o azeite assume um papel relevante, e os países do centro e norte da Europa, onde predominam óleos vegetais, nomeadamente de girassol e, gorduras animais.

Esta distribuição reflete diferenças culturais, agrícolas e gastronómicas enraizadas nos vários modelos alimentares dos países da UE, que se observam complementando o mapa com o Gráfico 52 e o Gráfico 53, onde se observa que os países do sul da Europa apresentam consumos significativos de azeite, nomeadamente a Espanha (24,6 *g/cap/dia*), Grécia (24,1), Itália (23,5) e Portugal (no caso concreto do nosso país, que está representado no Mapa 15 com o óleo de girassol, temos uma situação de “empate técnico” com o azeite: 16,18 *g/cap/dia* vs. 16,17 *g/cap/dia*), o que demonstra a importância cultural, agrícola e gastronómica

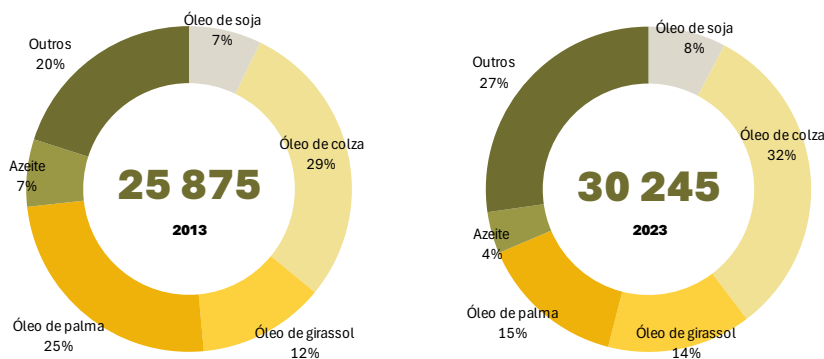
desta gordura alimentar na dieta mediterrânica. Em contraste, destacam-se os níveis elevados de

**Gráfico 50 – Consumo aparente de azeite e outros óleos vegetais na UE27 (x1000t)**



Fonte: GPP, a partir de FAO

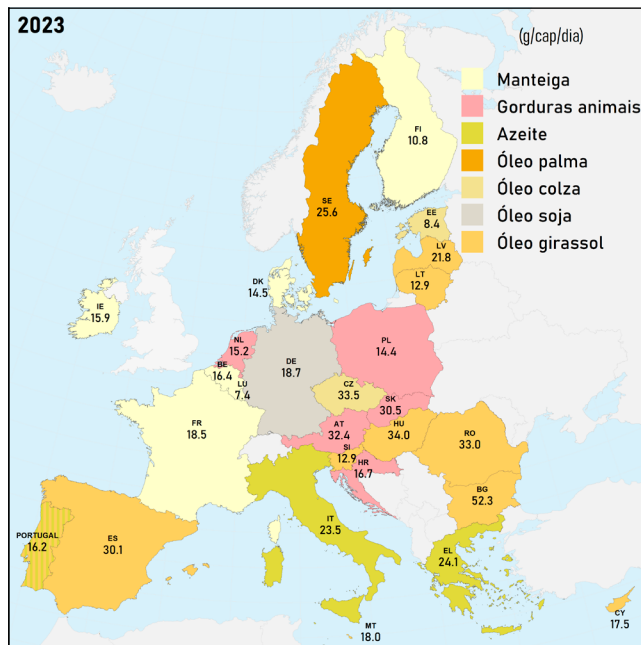
**Gráfico 51 – Consumo aparente de azeite e outros óleos vegetais na UE27 em 2013 e 2023 (x1000t)**



Fonte: GPP, a partir de FAO

<sup>1</sup> Consumo Aparente = Produção Interna + Importações – Exportações

**Mapa 15 – Principal consumo de óleos e gorduras alimentares, na UE 27 (g/capita/dia)**

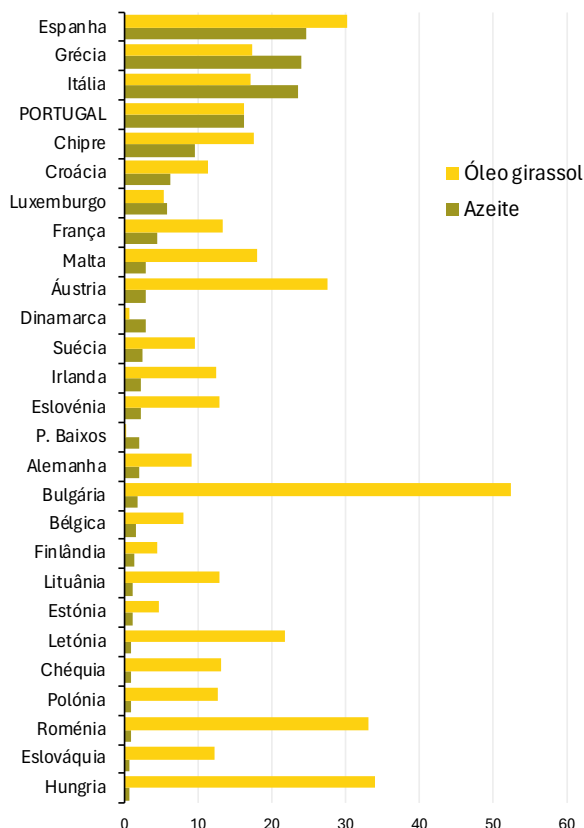


Fonte: GPP, a partir de FAO

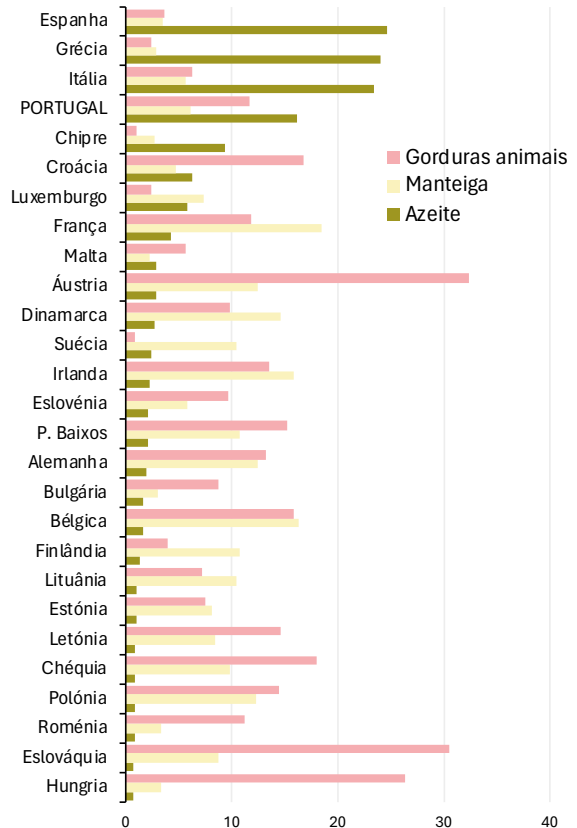
consumo de óleos e gorduras em alguns países de Leste, nomeadamente de gorduras animais na Áustria (32,4 g/cap/dia) e Eslováquia (30,5), de óleo de girassol na Hungria (34,0), Roménia (33,0) e Bulgária (52,0) e de óleo de colza na Chéquia (33,5), o que pode ser explicado por uma maior disponibilidade agrícola de girassol e pelo custo deste óleo comparativamente ao azeite.

No Gráfico 53, que compara o consumo de azeite ao consumo de gorduras animais e manteiga, *per capita* (g/capita/dia), verifica-se também uma oposição significativa entre alguns países do Mediterrâneo e o resto da UE27, com o consumo de azeite a superar amplamente o de gorduras animais e manteiga em Espanha, Grécia, Itália, Portugal e Chipre. Nos países do centro da Europa, verifica-se um padrão diferente, com maior consumo de gorduras animais e manteiga, refletindo hábitos alimentares tradicionais com

**Gráfico 52 – Consumo per capita de azeite vs. óleo de girassol nos países da UE27 em 2023**



**Gráfico 53 – Consumo per capita de azeite vs. gorduras animais nos países da UE27 em 2023**



maior presença de produtos lácteos e carnes na dieta. Assim, o consumo de gorduras alimentares na UE27 está ligado a fatores culturais, agrícolas e climáticos, com o azeite mais confinado à região do Mediterrâneo, mas observando-se uma gradual difusão deste noutros países, graças à valorização da dieta mediterrânica, aos benefícios para a saúde e à internacionalização de hábitos alimentares, com destaque para o Luxemburgo onde o consumo por habitante de azeite supera o de óleo de girassol e gorduras animais, a que não será alheia a comunidade emigrante portuguesa neste país, mas é inferior ao consumo de manteiga, mais tradicional nesta região da Europa.

## F. Comércio internacional de azeite

O Gráfico 54 evidencia um crescimento significativo do comércio internacional de azeite na UE27, no período entre 2006 e 2024, particularmente em valor, tanto nas exportações (3580 milhões € → 11532 milhões €) como nas importações (2871 milhões € → 7632 milhões €).

A proporção do crescimento em valor é mais acentuada que a registada em volume, no entanto, importa ressaltar que a ausência de dados para Espanha nas exportações (2007, 2009, 2012 e 2019) e nas importações (2013, 2020, 2021 e 2024) tem uma influência muito substancial na evolução das linhas de crescimento da UE27 apresentadas no Gráfico 55, sobretudo nas exportações, onde este país representa em média cerca de 57% da UE27, dada a sua posição e dimensão no setor. Assim, apesar das lacunas de dados de Espanha em alguns anos,

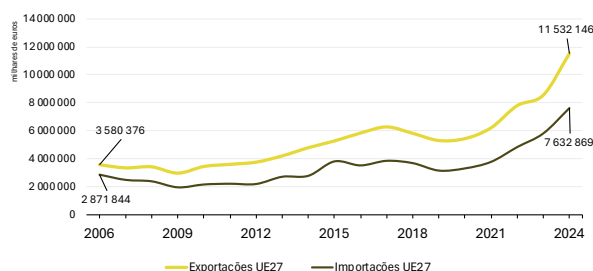
verifica-se que, entre 2006 e 2024, o crescimento em valor das exportações triplicou (+222%) e o das importações multiplicou por 2,7 (+166%), não se verificando variações tão significativas relativamente ao volume (exemplo de dois anos com dados para Espanha: 2006 vs. 2023 – 824081 toneladas → 999762 toneladas +21%), o que sugere o aumento do preço médio do azeite no mercado internacional, a maior valorização de produtos de qualidade, como o azeite virgem extra, e o impacto da volatilidade da produção nos preços.

A UE27 tem uma posição claramente dominante nas exportações mundiais de azeite, tanto em valor como em volume. No entanto, nos últimos três anos, verifica-se um ligeiro aumento do comércio global fora da UE (Gráfico 56), o que significa uma ligeira diminuição da quota nas exportações mundiais. No caso das importações, a UE27 também tem um papel relevante, embora de menor dimensão, demonstrando a forte integração do mercado interno e a dinâmica das cadeias de valor do setor.

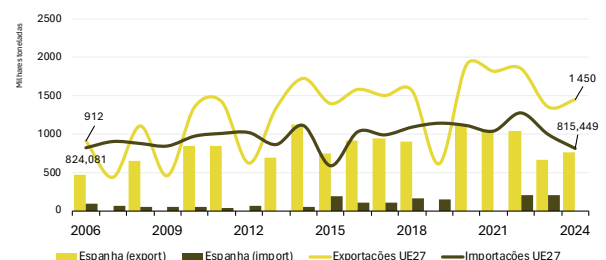
As exportações centram-se sobretudo em quatro Estados-Membros (Gráfico 60 e Gráfico 61), com a Espanha a liderar claramente tanto em valor como em volume, enquanto a Itália apresenta também uma posição relevante, que se deve a estratégias comerciais na diferenciação do seu produto. Portugal tem vindo a reforçar a sua posição exportadora (Mapa 16 e Mapa 17), refletindo o crescimento recente da produção e a modernização do setor.

No que diz respeito às importações de azeite, surgem outros países como França, Alemanha, Países Baixos

**Gráfico 54 – Evolução das exportações e importações de azeite na UE27, em valor, no período 2006 a 2024 (x 1000 euros)**



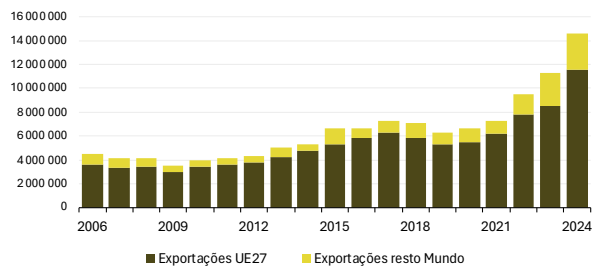
**Gráfico 55 – Evolução das exportações e importações de azeite na UE27, em volume, no período 2006 a 2024 (x 1000 toneladas)**



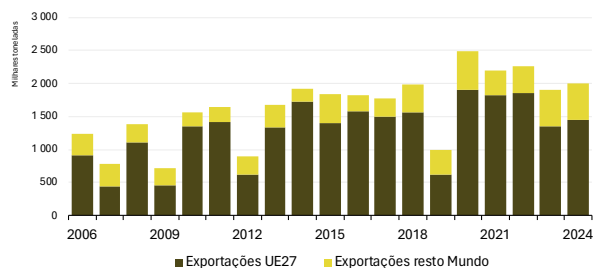
e Bélgica, para além dos exportadores Itália (maior importador mundial em valor, juntamente com os EUA) e Portugal, enquanto a Espanha não aparece, por não apresentar dados para 2024. Isto evidencia a forte integração das cadeias de valor, onde se inclui operações de transformação, mistura, embalagem e reexportação de azeite.

Em síntese, regista-se uma forte concentração das exportações no sul da Europa, sobretudo nas Penínsulas Ibérica e Itálica; a extensão das importações ao centro e norte da Europa (Mapa 18 e Mapa 19), transparecendo a especialização produtiva dos países mediterrâneos e a crescente procura nos mercados do norte da Europa.

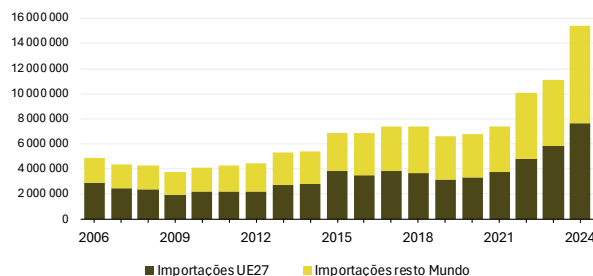
**Gráfico 56 – Evolução das exportações de azeite no resto do Mundo e na UE27, em valor, no período 2006 a 2024 (x1000 euros)**



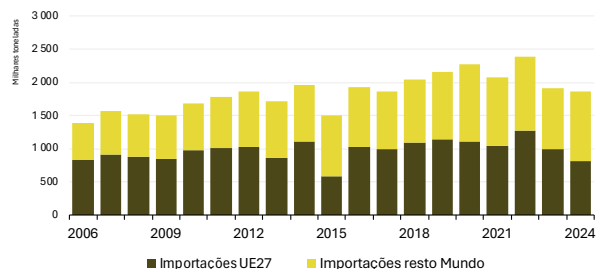
**Gráfico 57 – Evolução das exportações de azeite no resto do Mundo e na UE27, em volume, no período 2006 a 2024 (x1000 toneladas)**



**Gráfico 58 – Evolução das importações de azeite no resto do Mundo e na UE27, em valor, no período 2006 a 2024 (x1000 euros)**

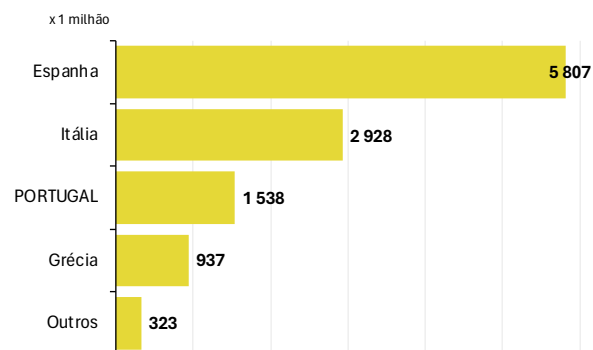


**Gráfico 59 – Evolução das importações de azeite no resto do Mundo e na UE27, em volume, no período 2006 a 2024 (x1000 toneladas)**

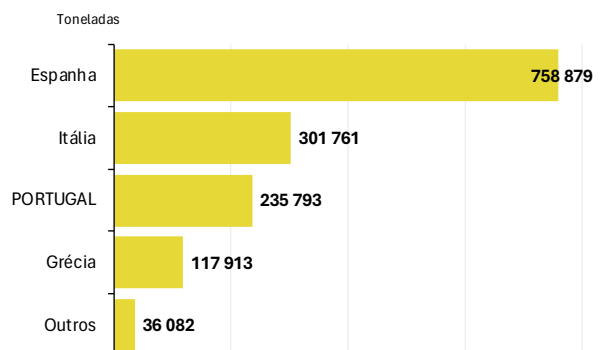


Fonte: GPP, a partir de International Trade Centre

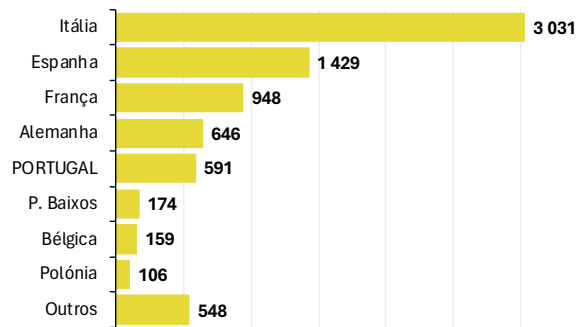
**Gráfico 60 – Exportações de azeite na UE27, por país e em valor, em 2024 (x 1000 euros)**



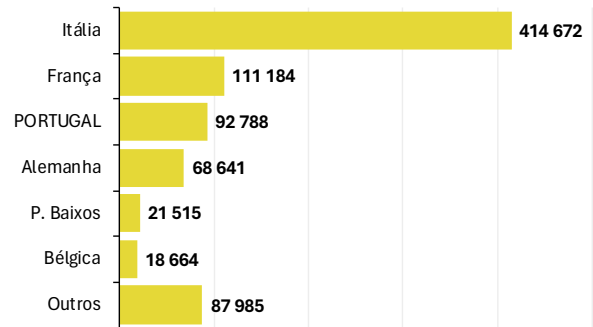
**Gráfico 61 – Exportações de azeite na UE27, por país e em volume, em 2024 (toneladas)**



**Gráfico 62 – Importações de azeite na UE27, por país e em valor, em 2024 (x 1000 euros)**

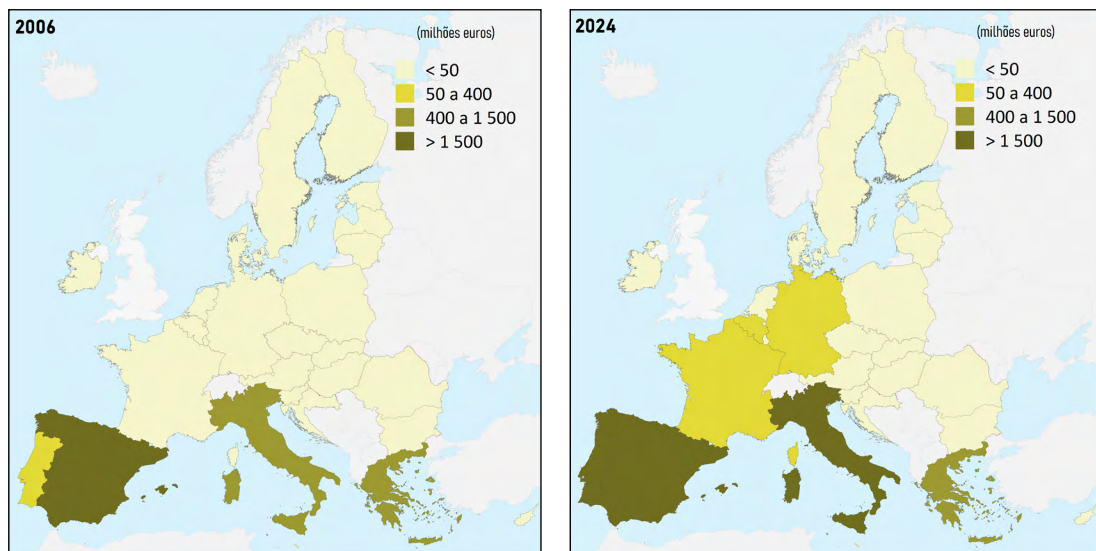


**Gráfico 63 – Importações de azeite na UE27, por país e em volume, em 2024 (toneladas)**

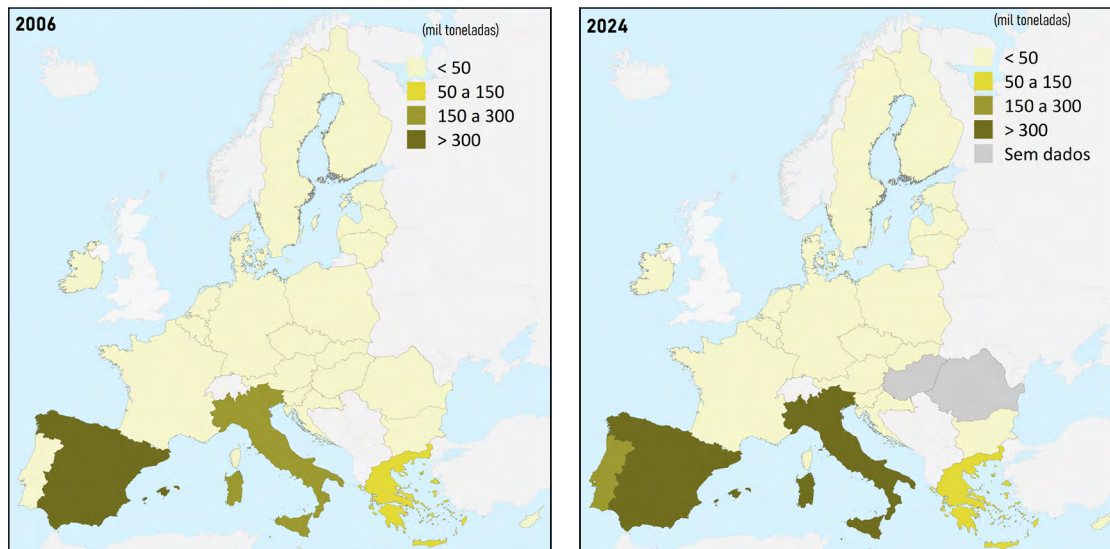


Fonte: GPP, a partir de International Trade Centre

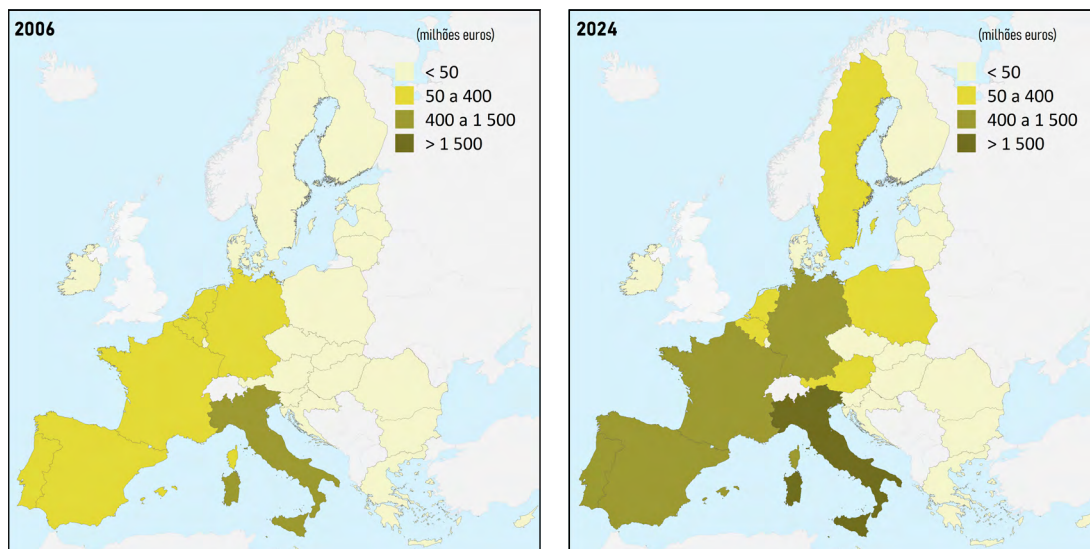
**Mapa 16 – Exportação de azeite na UE27 em 2006 e 2024, em valor (x 1 milhão euros)**



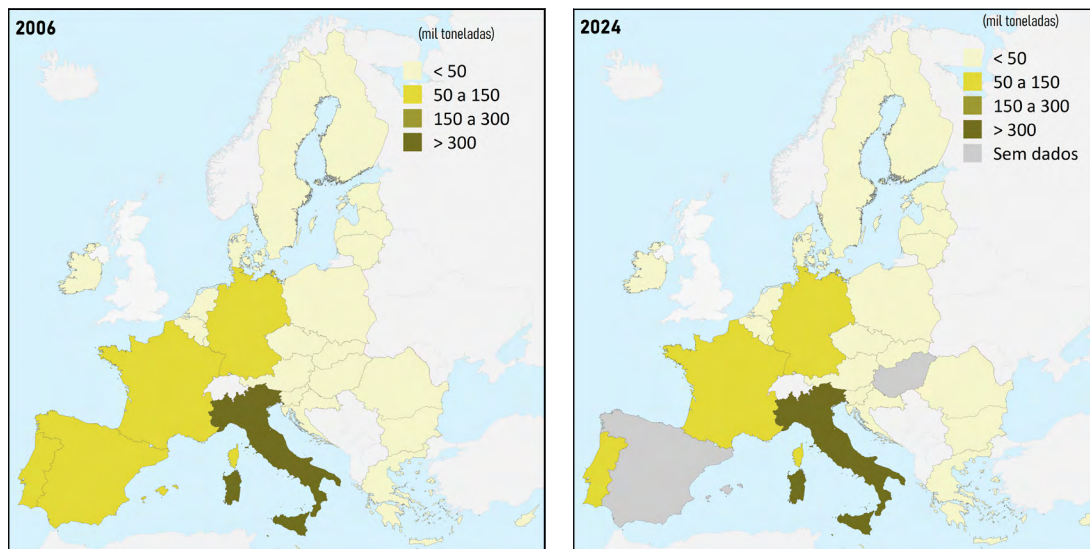
**Mapa 17 – Exportação de azeite na UE27 em 2006 e 2024, em volume (x 1000 toneladas)**



**Mapa 18 – Importação de azeite na UE27 em 2006 e 2024, em valor (x 1 milhão euros)**



**Mapa 19 – Exportação de azeite na UE27 em 2006 e 2024, em volume (x 1000 toneladas)**



Fonte: GPP, a partir de International Trade Centre

### 3. O setor do olival e do azeite em Portugal: explorações, superfície, produção, consumo e comércio internacional

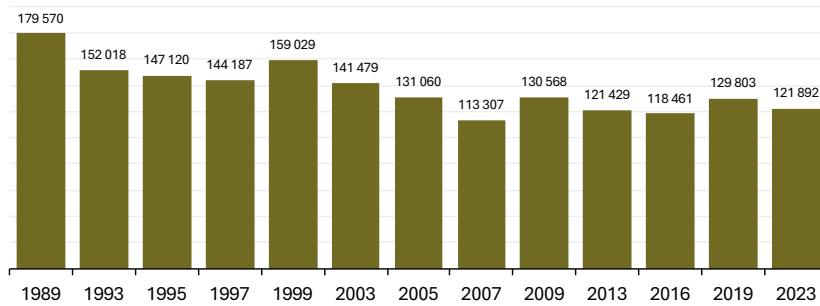


#### A. Explorações com olival

Ao longo dos últimos 35 anos, tem-se verificado um decréscimo no número de explorações agrícolas e consequentemente nas explorações com culturas permanentes. O Recenseamento Agrícola (RA) de 1989 apresentava 487 mil explorações com culturas permanentes, das quais cerca de 180 mil com olival. No recenseamento de 2019 eram cerca de 220 mil explorações, das quais 130 mil com olival. Os

dados mais recentes publicados pelo INE, relativos ao Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas de 2023 (IEEA), apresenta um total de 202 mil explorações, sendo 122 mil com olival. Contudo, apesar deste decréscimo de cerca de 50 mil explorações com olival em 2019 e 58 mil em 2023 face a 1989, verifica-se o aumento do peso destas no total das explorações com culturas permanentes. Em 1989 representavam 37%, em 2019 esse valor era 59% e em 2023 superava os 60%.

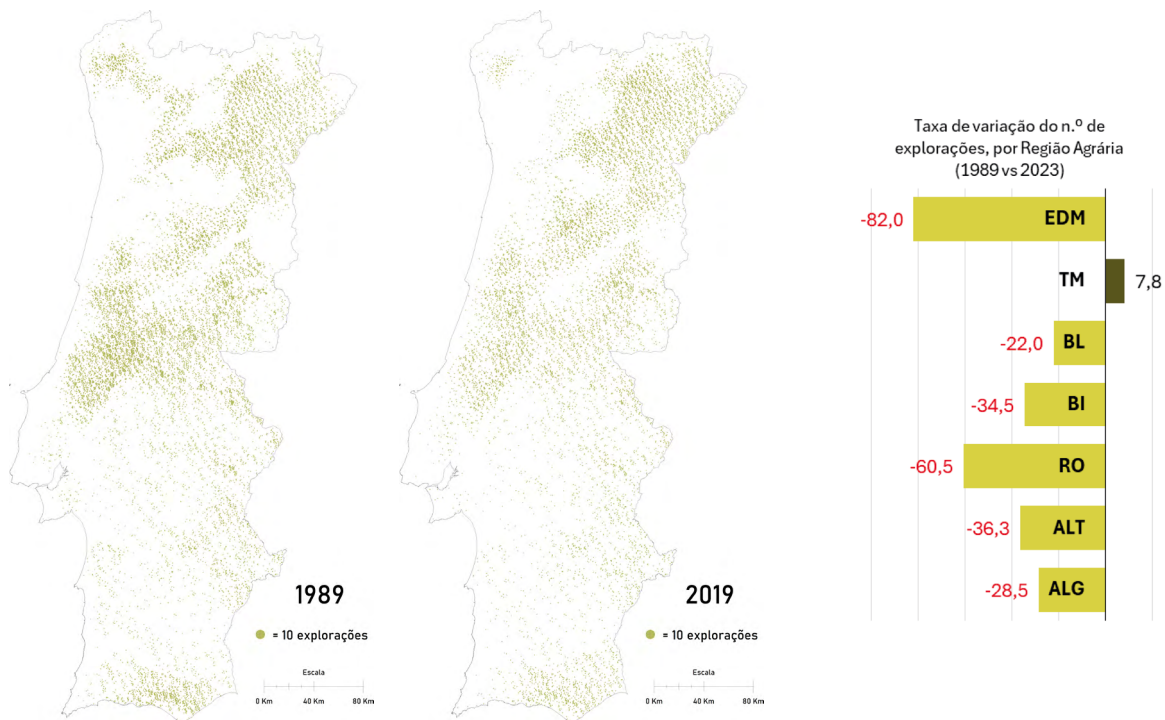
**Gráfico 64 – Número de explorações com cultura permanente de olival**



Fonte: GPP, a partir de INE, IEAA 2023

As explorações com olival, em 2023, são sobretudo de muito pequena dimensão: cerca de 51% tem menos de 1 hectare; 40% tem entre 1 e 5 hectares e menos de 1% tem mais de 50 hectares. O mesmo se verifica com a dimensão económica, sendo 74% de dimensão muito pequena (MP < 8 mil euros) e

**Mapa 20 – Explorações com cultura permanente de olival, por freguesia (1989 e 2019)**



Fonte: GPP, a partir de INE, RA 1989, 2019 e IEAA 2023

Em 1989, a região agrária da Beira interior era a mais representativa do país com 36,4 mil explorações com olival (20,3% do total) seguida por Trás-os-Montes com 35,9 mil explorações (20%). Esta última foi a única que apresentou uma variação positiva em 2023, com mais 2,8 mil explorações (7,8%), que representam 31,7% do total das explorações com culturas permanentes com olival, que a tornam na região com mais explorações com olival no presente. Nota ainda para o decréscimo acentuado verificado em Entre Douro e Minho (Mapa 20).

apenas 3% de grande dimensão económica (G ≥ 100 mil euros).

O IEAA de 2023 identifica 261,5 mil explorações das quais cerca de 9,8% (25,7 mil) com orientação técnico-económica “olival”, que contam com 1463 trabalhadores permanentes, com um volume de trabalho de 2436 Unidades de Trabalho Ano (UTA) e um Valor de Produção Padrão (VPP) total de 190,9 milhões de euros. A região agrária do Alentejo é a que apresenta maior peso nas quatro variáveis, com valores muito

Quadro 4 – Número de explorações em 1989 e 2023, por região agrária

	1989	2023	Variação absoluta	Taxa variação	% em 1989	% em 2023
<b>PORTUGAL</b>	<b>179 570</b>	<b>121 892</b>	<b>-57 678</b>	<b>-32,1</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
EDM	13 786	2 485	-11 301	-82,0	7,7	2,0
TM	35 886	38 689	2 803	7,8	20,0	31,7
BL	26 070	20 327	-5 743	-22,0	14,5	16,7
BI	36 401	23 826	-12 575	-34,5	20,3	19,5
RO	30 066	11 875	-18 191	-60,5	16,7	9,7
ALT	25 964	16 537	-9 427	-36,3	14,5	13,6
ALG	11 397	8 153	-3 244	-28,5	6,3	6,7

Fonte: GPP, a partir de INE, RA1989 e IEAA 2023

Gráfico 65 – Explorações com olival por classe de área

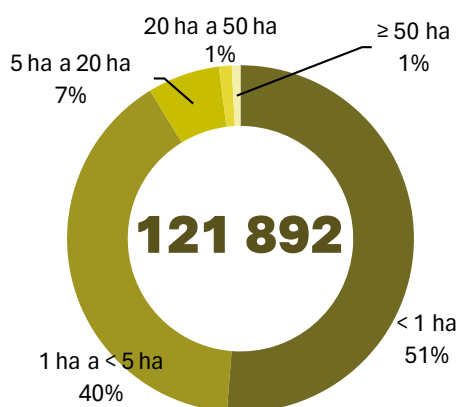
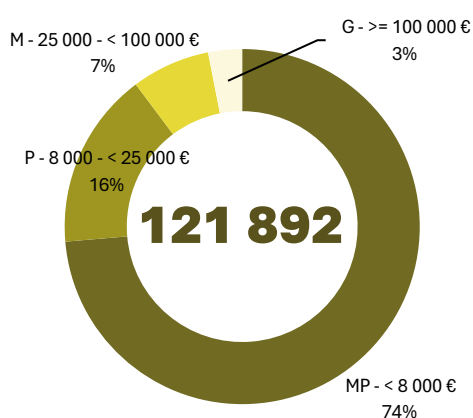


Gráfico 66 – Explorações com olival por classe de dimensão económica



Fonte: GPP, a partir de INE, IEAA 2023

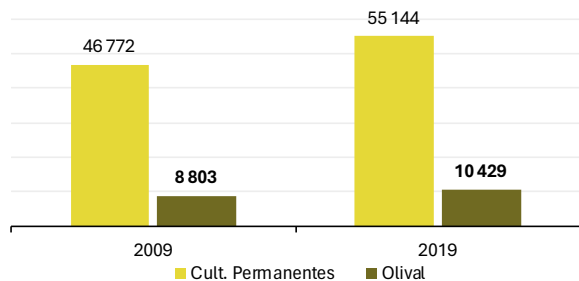
Quadro 5 – Explorações em 2023, por região agrária, com orientação técnica-económica “olival”

	Explorações agrícolas		Trabalhadores permanentes		Volume de trabalho		Valor produção padrão	
	(n.º)	(%)	(n.º)	(%)	(UTA)	(%)	(€)	(%)
<b>PORTUGAL</b>	<b>25 720</b>	<b>100</b>	<b>1 463</b>	<b>100</b>	<b>2 436</b>	<b>100</b>	<b>190 875 158</b>	<b>100</b>
EDM	20	0,1	0	0,0	0	0,0	13 020	0,0
TM	5 210	20,3	219	15,0	186	7,6	9 277 531	4,9
BL	1 969	7,7	77	5,3	61	2,5	1 697 909	0,9
BI	6 476	25,2	164	11,2	80	3,3	9 435 499	4,9
RO	4 705	18,3	125	8,5	147	6,0	7 258 813	3,8
ALT	7 004	27,2	830	56,7	1 860	76,4	163 038 882	85,4
ALG	335	1,3	48	3,3	102	4,2	153 504	0,1

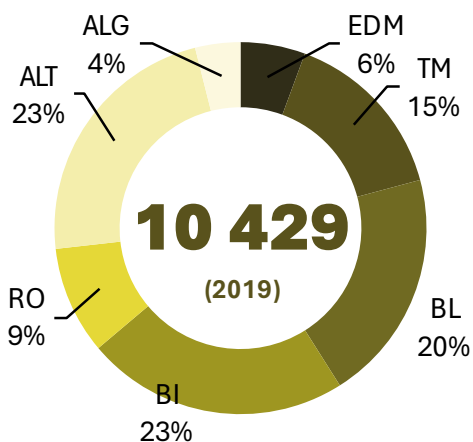
Fonte: GPP, a partir de INE, IEAA 2023

superiores às restantes regiões do país no número de trabalhadores (56,7%), no volume de trabalho (76,4%) e no VPP (85,4%).

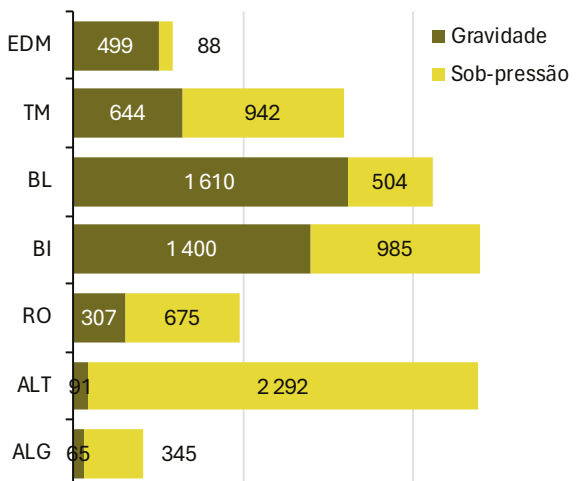
**Gráfico 67 – Explorações com culturas permanentes regadas**



**Gráfico 68 – Explorações com olival regado, por região agrária**



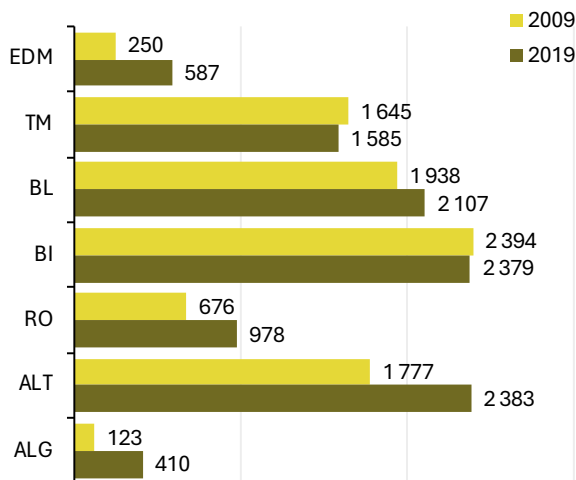
**Gráfico 70 – Explorações com olival regado, por tipo de rega e região agrária**



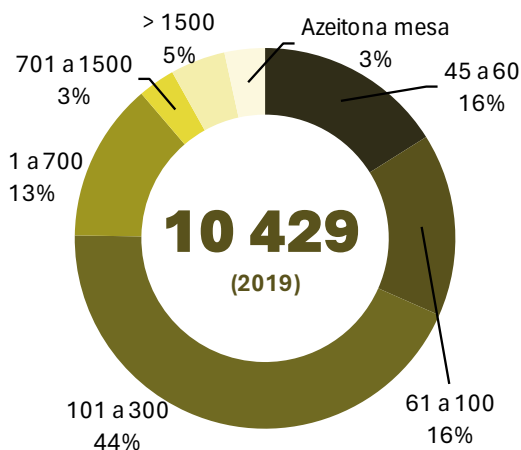
Fonte: GPP, a partir de INE, RA2009 e 2019

No Recenseamento Agrícola de 2019 (RA2019), há mais de 55 mil explorações agrícolas com culturas permanentes regadas, o que significa um aumento de 18% (+8,4 mil explorações) face ao recenseamento de 2009. Destas, cerca de 10,4 mil são olivais, que representam aproximadamente 19% do total de explorações permanentes regadas, e que aumentaram o seu número em 18,5% (1,6 mil) relativamente a 2009. As regiões do Alentejo e da Beira Interior são as mais representativas, tendo quase o mesmo número de explorações, e o Algarve a menos relevante. Contudo, destaca-se o Algarve como aquela que teve maior crescimento relativo no número de explo-

**Gráfico 69 – Explorações com olival regado, por região agrária em 2009 e 2019**



**Gráfico 71 – Explorações com olival regado (% de árvores/ha)**



rações regadas (233%) entre 2009 e 2019, embora tenha sido no Alentejo que se verificou o maior crescimento absoluto (606 explorações), nesse período.

O RA2019 indicava ainda que cerca de 56% dos olivais têm o método de rega sob pressão, sobretudo gota-a-gota, dos quais 41% são no Alentejo, e 44% por gravidade, com maior incidência nas Beiras. O recenseamento classifica 76% dos olivais regados com uma densidade de até 300 árvores/ha (tradicional) e apenas 5% têm mais de 1 500 árvores/ha (olival em sebe).

## B. Superfície de olival

Nas Estatísticas da Produção Vegetal, o INE apresenta um total de 380 779 hectares de olival para 2024, sendo mais de 98% relativos à produção de azeitona para azeite. Comparativamente a 1986, verificou-se um aumento de 12%, com mais 41 mil hectares, observando-se um crescimento mais evidente a partir de 2015. Esta evolução, mais significativa nos últimos 10 anos, é marcada por duas tendências distintas: um declínio gradual do olival tradicional, sobretudo em regiões de minifúndio e de baixa rentabilidade económica; e a expansão signifi-

Gráfico 72 – Evolução da superfície do olival, no período 1986 a 2024 (ha)

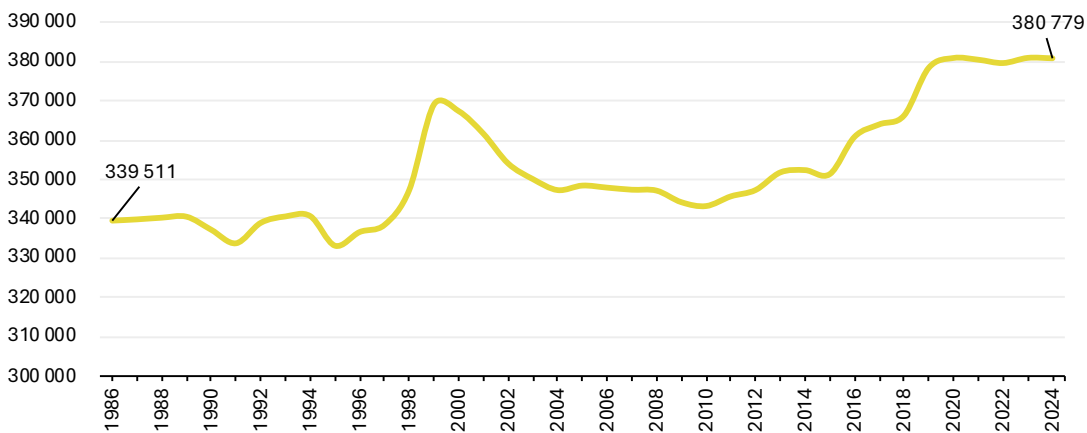
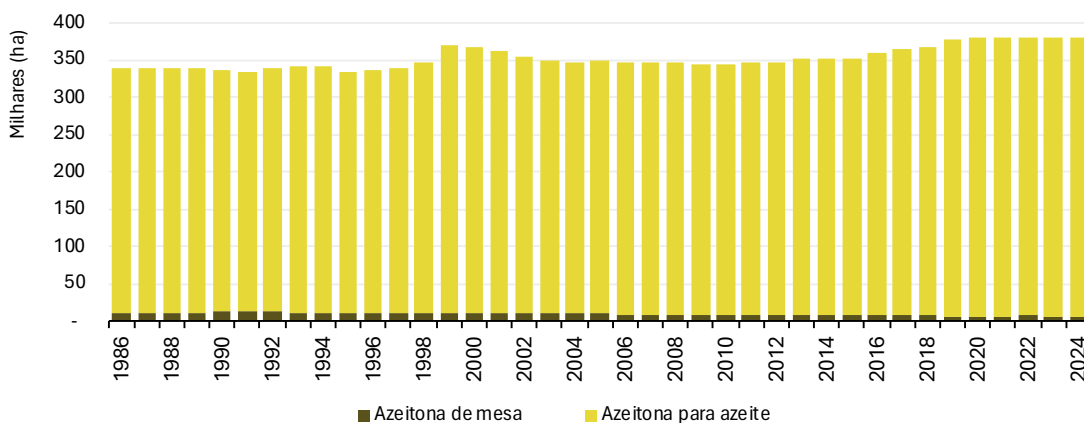


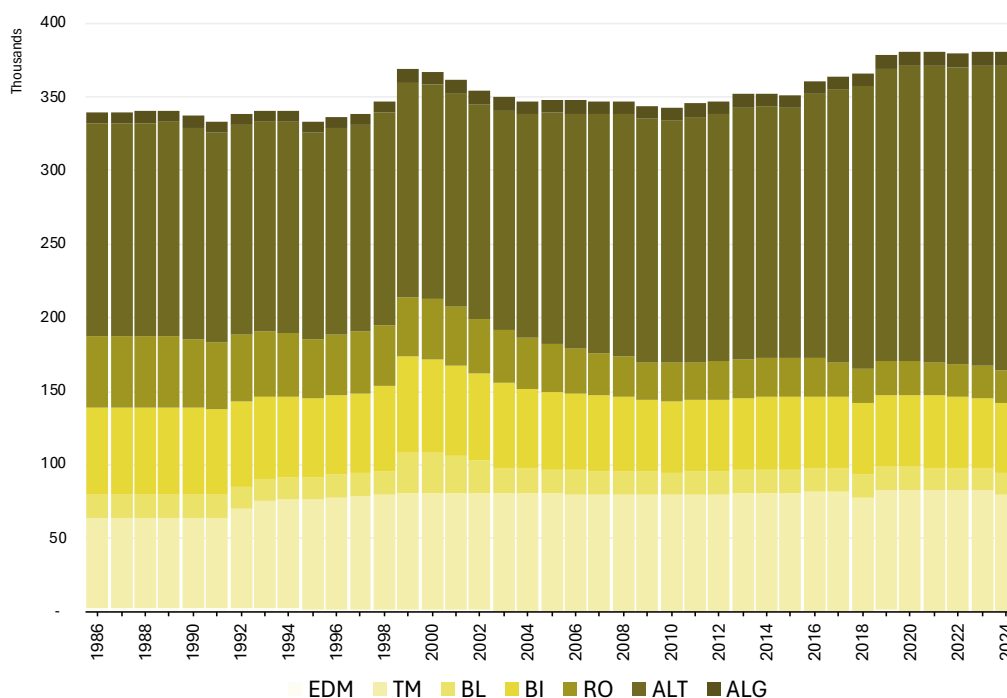
Gráfico 73 – Evolução da superfície do olival, para azeitona e azeite, no período 1986 a 2024 (ha)



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

**Quadro 6 – Superfície de olival em 1986 e 2024, por região agrária**

	1986	2024	Varição absoluta	Taxa variação	% em 1986	% em 2024
<b>PORTUGAL</b>	<b>339 511</b>	<b>380 779</b>	<b>41 268</b>	<b>12,2</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
EDM	2 657	954	-1 703	-64,1	0,8	0,3
TM	61 335	78 928	17 593	28,7	18,1	20,7
BL	15 433	15 076	-357	-2,3	4,5	4,0
BI	59 069	47 223	-11 846	-20,1	17,4	12,4
RO	48 722	22 544	-26 178	-53,7	14,4	5,9
ALT	144 632	206 620	61 988	42,9	42,6	54,3
ALG	7 663	9 434	1 771	23,1	2,3	2,5

**Gráfico 74 – Evolução da superfície de olival, por região agrária (x 1000 ha)**

Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

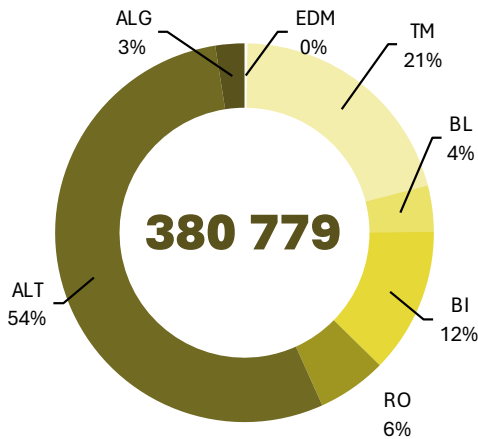
cativa de novos olivais, modernos, maioritariamente no Alentejo, de elevada produtividade. Para estas tendências têm sido de fulcral importância fatores estruturais como o desenvolvimento do regadio de Alqueva, a modernização tecnológica do setor e o investimento significativo em toda a fileira.

O Alentejo tem sido sempre a principal região no setor, detendo cerca de 43% da superfície total em 1986 e mais de 54% em 2024, que corresponde a

206,6 mil hectares (+43% face a 1986), seguida pela região agrária de Trás-os-Montes com 21% em 2024 (+29% em comparação com 1986).

A informação dos recenseamentos agrícolas de 1989 e 2019 (RA1989 e RA2019), desagregada ao nível da freguesia, permite observar no Mapa 19 o aumento da densidade de superfície de olival no Alentejo Central, beneficiando do regadio do empreendimento de Alqueva; no norte do Alentejo, entre Elvas

**Gráfico 75 – Superfície de olival, por região agrária em 2024 (%)**



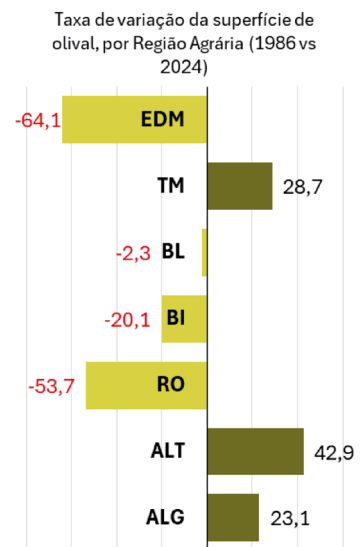
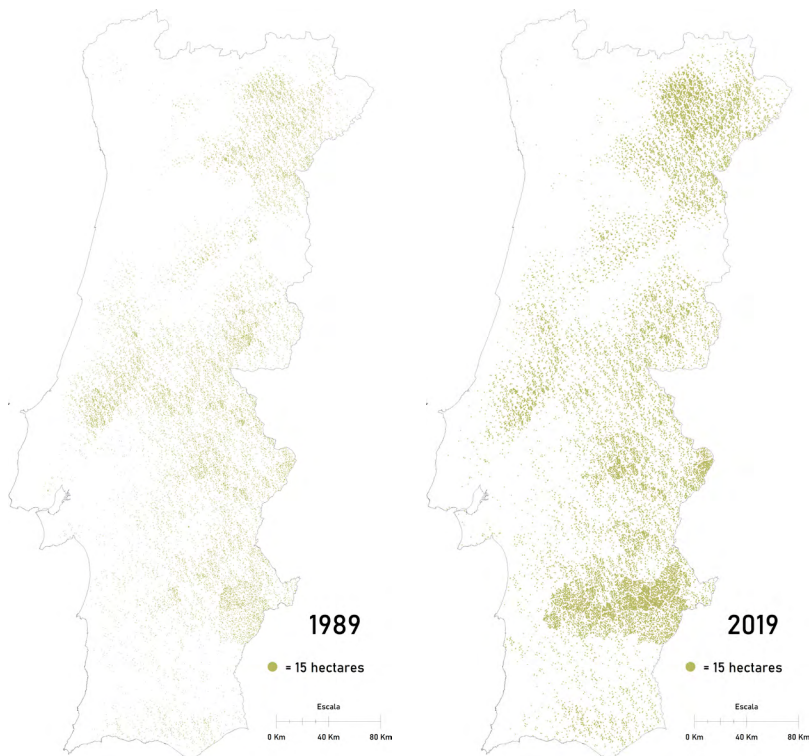
Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

e Pavia, com a conversão de olival tradicional em sistemas de maior produtividade e beneficiando do regadio do Caia e do Maranhão; e ainda o aumento de superfície em Trás-os-Montes (28,7%), por conta de fatores estruturais, tecnológicos e económicos,

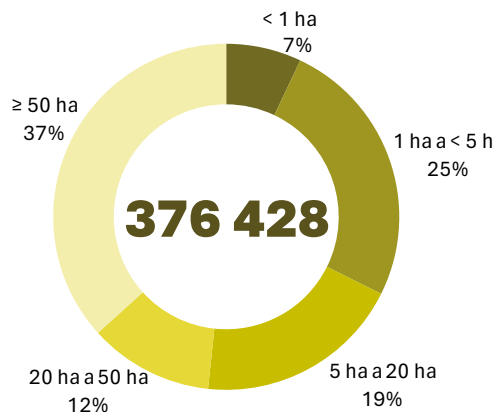
nomeadamente a conversão de olival tradicional em olivais de maior produção, a modernização dos lagares e técnicas de produção, a melhoria da gestão dos recursos (água) e a valorização do produto, com o reconhecimento da elevada qualidade do azeite transmontano.

Ao analisarmos com maior detalhe a superfície de olival, com recurso aos inquéritos à estrutura e recenseamentos do INE, verifica-se que em 2023 havia 376,4 mil hectares de olival (+12,1% face a 2009), dos quais cerca de 182 mil estão concentrados em 2% das explorações (classes de SAU 20 a 50 hectares e ≥ 50 hectares → ver Gráfico 65). Nas classes de SAU até 5 hectares (muito pequena e pequena dimensão), com um total de 121,7 mil hectares (32% do total) encontram-se 91% das explorações. Observa-se um aumento significativo na superfície integrada nas classes de SAU de maior dimensão (+38%) e um decréscimo nas de menor dimensão (-8%), comparativamente com o Recenseamento Agrícola de 2009 (RA2009), que registou 40% da área

**Mapa 21 – Superfície de olival, por freguesia (1989 e 2019)**



Fonte: GPP, a partir de INE, RA 1989, 2019 e Estatísticas da produção vegetal

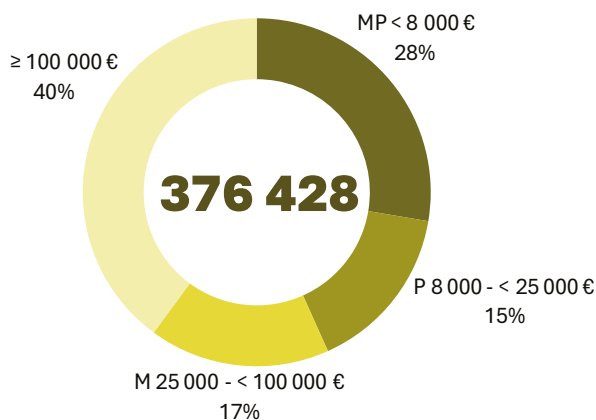
**Gráfico 76 – Superfície das explorações com olival, por classe de área em 2023**

Fonte: GPP, a partir de INE, IEEA 2023

de olival nas classes de SAU até 5 ha e 27% na classe superior a 50 ha.

No Gráfico 77, relativo à dimensão económica, verifica-se que na classe de grande (G) dimensão ( $\geq 100$  mil euros) se encontra cerca de 40% da superfície do olival (150,3 mil ha  $\rightarrow +112\%$  face a 2009) e na classe de muito pequena dimensão (MP) cerca de 28% da superfície (104 mil ha  $\rightarrow -28,5\%$  face a 2009). Estes números demonstram uma evolução significativa relativamente aos apresentados no RA2009, que apresentava um total de 335,8 mil hectares, dos quais cerca de 43% eram muito pequena dimensão económica (146 mil ha) e 21% de grande dimensão (71 mil ha), fruto da modernização tecnológica do setor e do sistema de cultivo, que alteraram o paradigma da cultura do olival e da produção de azeite.

A utilização e gestão eficiente da água tem sido um fator determinante no crescimento do setor da olivicultura, nomeadamente em termos de produtividade, sendo fundamental para o aumento da área de olival, sobretudo em sebe, e para a competitividade do setor. Nos dez anos que separam os dois últimos recenseamentos agrícolas em Portugal, verificou-se um aumento de 86% no total de superfície regada de culturas permanentes, que passou de 138 mil hectares em 2009 para 256 mil em 2019 (Gráfico 78). A área de olival regado registou um aumento de 81% e diminuiu ligeiramente o seu peso no total destas

**Gráfico 77 – Superfície das explorações com olival, por classe de dimensão económica**

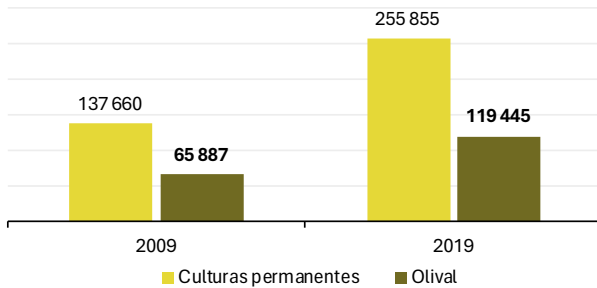
culturas, passando de uma quota de 48% em 2009, para 47% em 2019.

A região agrícola do Algarve foi a que teve maior variação relativa na superfície regada (224%), seguida pela região de Entre Douro e Minho (129%), mas ambas com áreas de dimensão residual. O Alentejo, que aumentou 85% face a 2009, representa 88% (era 86% em 2009) da superfície de cultura permanente de olival regada (105 mil hectares), o que é bastante significativo uma vez que este valor equivale ainda a 41% (o mesmo valor em 2009) do total nacional de superfície regada de culturas permanentes e a 71% do total da região (76% em 2009).

Cerca de 97% da superfície do olival utiliza o método de rega sob pressão, num total de 115 mil hectares, dos quais 104 mil no Alentejo (90%). O método de rega por gravidade, com a reduzida representatividade de apenas 4 mil hectares, tem na região agrícola do Ribatejo e Oeste o principal representante, com pouco mais de mil hectares (25%).

O Recenseamento de 2019 mostra ainda que 40% da superfície de cultura permanente de olival regada tem uma tipologia de densidade superior a 1 500 árvores/ha (olival em sebe), o que demonstra a importância da água neste tipo de sistema com elevada produtividade, a que se soma 22% da superfície regada do sistema em vaso, com 301 a 1 500 árvo-

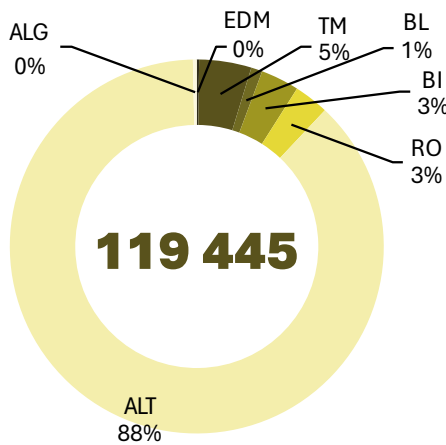
**Gráfico 78 – Superfície com culturas permanentes regadas (ha)**



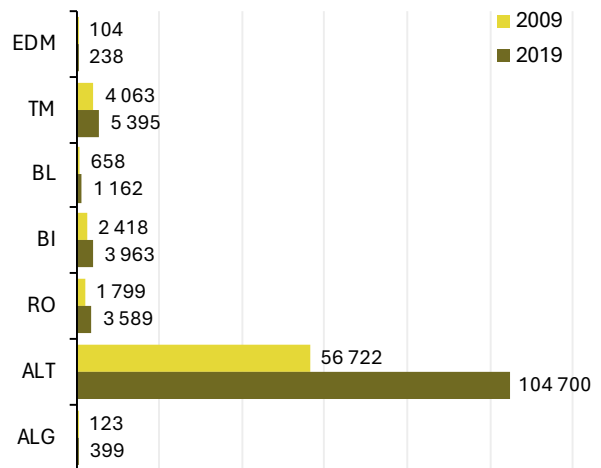
res/ha, 22%. Um pouco mais de 1/3 da área de olival regado é relativa ao tradicional (Gráfico 75).

A comparação das figuras que representam o ano de 2009 e 2019, no Mapa 23, e que nos apresentam a dispersão no país da densidade de árvores por hectare nas tipologias de olival tradicional (45 a 300 árvores/ha), olival em vaso (301 a 1500 árvores/ha) e olival em sebe (> 1500 árvores/ha), evidencia uma alteração estrutural e profunda na tipologia do olival em Portugal, marcada pelo aumento da densidade

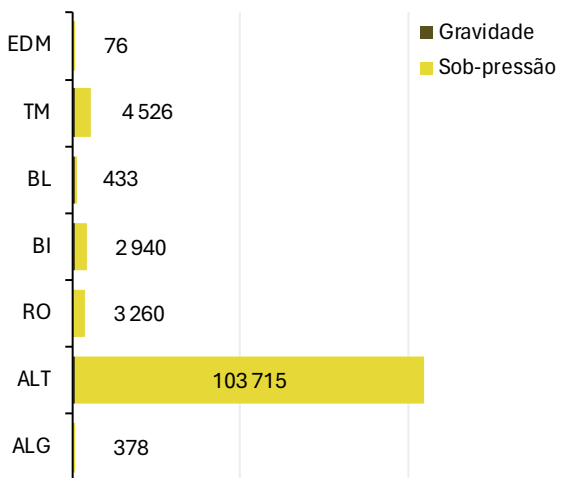
**Gráfico 79 – Superfície de olival regado, por região agrária em 2019**



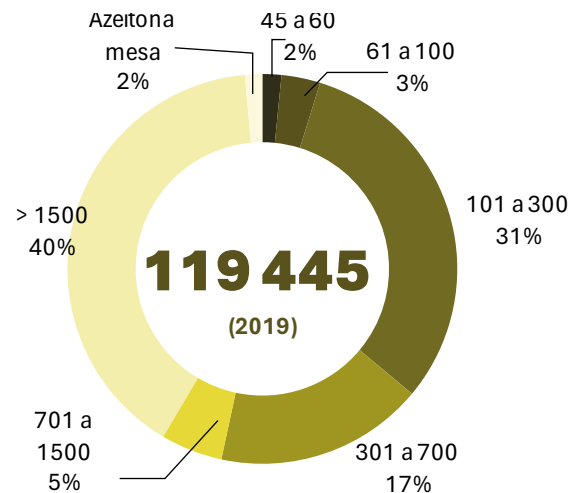
**Gráfico 80 – Superfície de olival regado, por região agrária em 2009 e 2019 (ha)**



**Gráfico 81 – Superfície de olival regado, por tipo de rega e região agrária em 2019 (ha)**

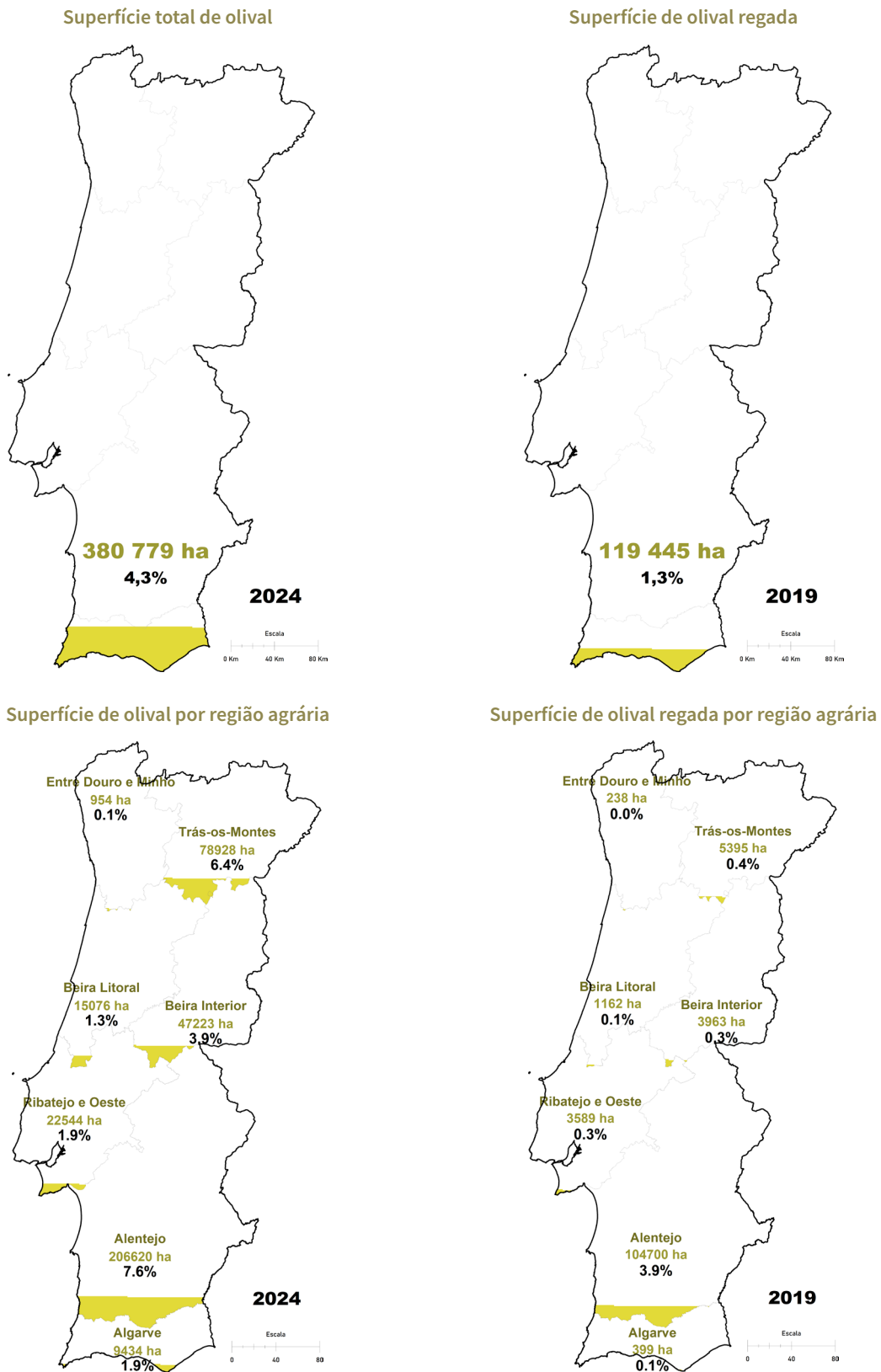


**Gráfico 82 – Superfície de olival regado, por tipologia (n.º de árvores/ha)**



Fonte: GPP, a partir de INE, RA 2009 e 2019

**Mapa 22 – Expressão territorial da superfície de olival no Continente**



Fonte: GPP, a partir de INE, RA 2019 e Estatísticas da produção vegetal

de árvores e consequente expansão de sistemas com maior produtividade.

Em 2009, predominavam os olivais de baixa e média densidade, associados aos sistemas tradicionais, sobretudo no interior norte, centro e parte do Alentejo. A distribuição espacial mostrava que o setor ainda estava fortemente ligado a um modelo extensivo, com menor mecanização e de produtividade moderada.

Em 2019, observa-se uma transformação significativa. Verifica-se um aumento expressivo das áreas com densidades superiores a 300 árvores/ha, o que significa uma expansão de sistemas de alta e muito alta produtividade, e a concentração destas áreas em zonas muito específicas, sobretudo no Alentejo. Esta evolução reflete uma mudança no paradigma produtivo, com maior orientação para a eficiência, mecanização e competitividade internacional.

As alterações mencionadas entre os dois momentos censitários podem ser explicadas por um conjunto de fatores estruturais e conjunturais, nomeadamente: a expansão do regadio, com o desenvolvimento de infraestruturas de rega, particularmente o empreendimento de Alqueva, que permitiram a instalação de olivais de elevada produtividade, fortemente dependentes de disponibilidade de água, em larga escala no Alentejo; a modernização tecnológica, com a introdução de variedades mais adaptadas às condições edafoclimáticas, sistemas em sebe, colheita mecanizada e tecnologias de monitorização, que contribuirão para aumentar a produtividade e reduzir custos; a valorização do azeite nos mercados internacionais, que levou ao crescimento da procura externa, incentivando o investimento empresarial no setor; e a renovação e conversão de olivais tradicionais para novas plantações mais produtivas.

Tendo em conta as 6 classes de densidade de árvores por hectare definidas no inquérito do recenseamento agrícola, classificou-se até à classe “101 a 300 árvores/ha” como sendo olival tradicional, de 301 a 1500 árvores/ha como olival em vaso e acima desta como olival em sebe. Deste modo, verifica-se que

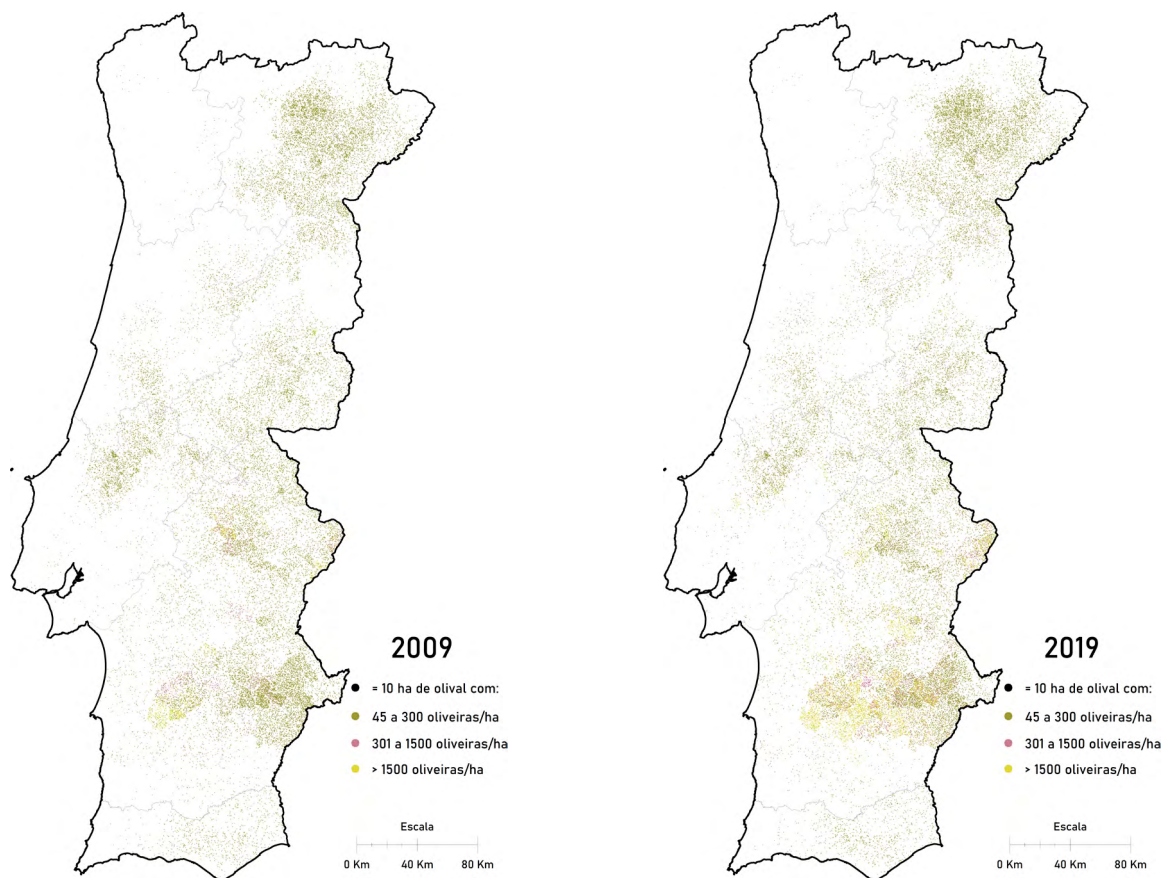
cerca de 76% da superfície de olival apresentada no RA2019 se enquadra no olival tradicional (284,8 mil hectares) e 14% no olival em sebe (51,3 mil hectares). A classe mais representativa é a de “101 a 300 árvores/ha”, com 147 mil hectares (39% do total), e que também se pode considerar uma classe intermédia na transição de olival tradicional para em vaso. No entanto, merece destaque o aumento significativo de 359%, face a 2009, da superfície da classe “>1500 árvores/ha”, que caracteriza o olival em sebe (Mapa 23).

O Quadro 6 mostra que o Alentejo detém 54,3% da superfície de olival e tem um papel central na modernização do setor e na expansão do olival em vaso (74% desta área) e em sebe (96% desta área), totalizando 76,4 mil hectares no conjunto das três classes (87%), que representam 39% da sua superfície de olival.

As regiões de Trás-os-Montes (22% do olival) e Beira Interior (13%) apresentam maior presença de olival tradicional, com 96% e 90%, respetivamente, da sua área de olival nesta categoria. Nestes territórios, predominam explorações familiares com sistemas mais extensivos e uma forte ligação à produção de azeite de qualidade, mantendo uma lógica produtiva distinta da do Alentejo, mais orientada para a valorização territorial do que para a industrial. As restantes regiões agrárias têm uma expressão mais residual, com domínio do olival tradicional, destacando-se, no entanto, o Ribatejo e Oeste (6% do olival), com 1,3 mil hectares de olival em sebe, a segunda região com mais superfície nesta categoria.

As duas imagens apresentadas no Mapa 23e o Quadro 7 demonstram uma reconfiguração estrutural do olival português, que se traduziu no aumento da densidade média das plantações, no crescimento dos sistemas mais produtivos, na concentração da modernização no Alentejo e na manutenção de sistemas tradicionais em determinadas regiões pela qualidade da sua produção. Este processo reforçou a competitividade internacional do setor e trouxe novos desafios, sobretudo relacionados com a sustentabilidade hídrica, o equilíbrio territorial e a preservação da diversidade paisagística. Portugal pas-

**Mapa 23 – Tipologia do olival em 2009 e 2019 (densidade do n.º árvores/ha)**



Fonte: GPP, a partir de INE, RA 2009 e 2019

**Quadro 7 – Superfície em 2019 por tipologia e por região agrícola (densidade do n.º árvores/ha)**

	Olival tradicional			Olival em vaso		Olival em sebe	Azeitona de mesa	TOTAL
	45 a 60/ha	61 a 100/ha	101 a 300/ha	301 a 700/ha	701 a 1500/ha	> a 1500/ha		
<b>PORTUGAL</b>	<b>54 090</b>	<b>83 898</b>	<b>146 770</b>	<b>28 486</b>	<b>8 385</b>	<b>51 327</b>	<b>4 278</b>	<b>377 234</b>
EDM	454	258	311	39	9	-	15	1 085
TM	2 266	15 361	60 552	1 635	156	38	1 683	81 691
BL	3 318	4 686	5 826	1 320	243	31	16	15 440
BI	15 670	14 148	14 489	3 161	842	716	346	49 373
RO	6 645	7 318	5 172	1 222	825	1 333	94	22 609
ALT	18 913	41 024	59 640	20 938	6 285	49 190	1 638	197 628
ALG	6 825	1 103	779	172	26	19	485	9 409

Fonte: GPP, a partir de INE, RA 2009 e 2019; IEAA 2023

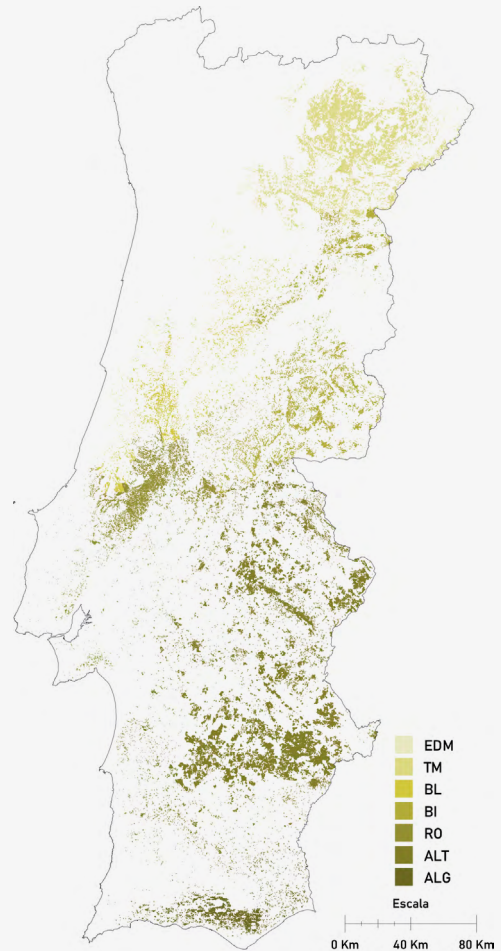
### A superfície de olival na Carta de Uso e Ocupação do Solo 2023 (COS2023)

A COS2023, elaborada pela Direção Geral do Território em formato vetorial com base em imagens de satélite de muito grande resolução espacial e com uma unidade mínima cartográfica de 1 hectare, inclui na nomenclatura de nível 4 a classe “olival”, que contabiliza 491,6 mil hectares, correspondendo a 21,7% do total da megaclasse “Agricultura” com 2,3 milhões de hectares.

Pelo cruzamento desta carta com a cartografia das regiões agrárias, verifica-se que o Alentejo apresenta uma superfície de olival de 242 mil hectares, correspondentes a mais de 49% do total. A região de Trás-os-Montes com 101 mil hectares (21%) aparece como a segunda mais representada.

	Superfície olival COS2023 (ha)	Peso olival COS2023 (%)
<b>PORTUGAL</b>	<b>491 586</b>	<b>100,0</b>
EDM	601	258
TM	101 251	15 361
BL	21 500	4 686
BI	58 459	14 148
RO	45 024	7 318
ALT	242 060	41 024
ALG	22 691	1 103

Fonte: GPP, a partir de DGT COS2023



sou de um modelo tradicional para uma estrutura dual, com a coexistência do olival tradicional com o mais produtivo.

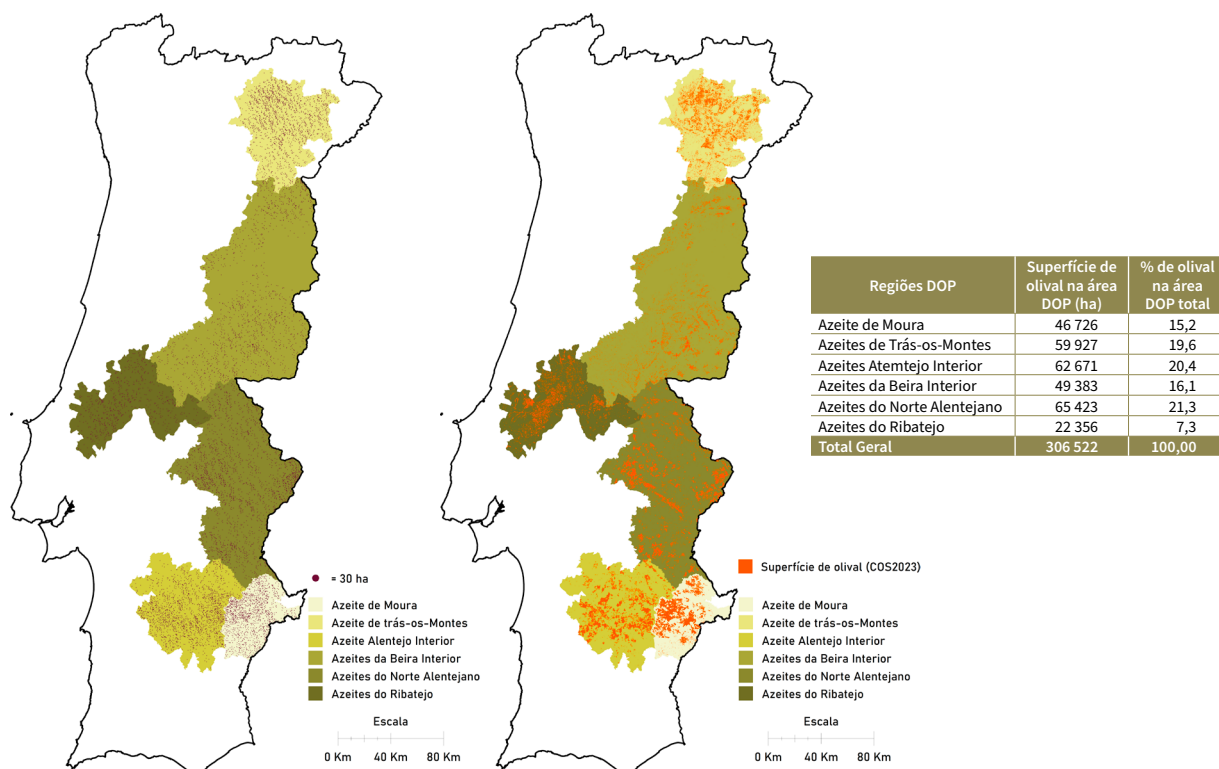
### Denominações de Origem Protegida

Em Portugal, existem seis Denominações de Origem Protegida (DOP) de Azeites: Azeite de Moura, Azeite de Trás-os-Montes, Azeite do Alentejo Interior, Azeites da Beira Interior (Azeite da Beira Alta e Azeite da Beira Baixa), Azeites do Norte Alentejano e Azeites do Ribatejo (Mapa 24). Estes azeites diferenciam-se precisamente porque as suas características se devem a uma origem geográfica específica, que inclui fatores naturais e humanos, tendo em conta que todas as

fases de produção têm lugar nessa área geográfica delimitada.

Segundo o Recenseamento Agrícola de 2019, a superfície total de olival em Portugal era de 377234 ha e a incluída na área geográfica das regiões DOP era de 306 522 ha, ou seja, 81% do olival nacional encontra-se em áreas DOP. Verifica-se ainda que as áreas da DOP Norte Alentejano, da DOP Alentejo Interior e da DOP Trás-os-Montes são aquelas onde existe mais olival, ou seja, é nestas zonas que é maior o potencial para produzir azeite com este tipo de certificação, desde que se verifique o cumprimento de todas as condições dos respetivos cadernos de especificações.

**Mapa 24 – Superfície em área DOP e superfície de olival em 2019 (RA) e 2023(COS)**



Fonte: GPP, a partir de INE, RA 2019; DGT, COS2023

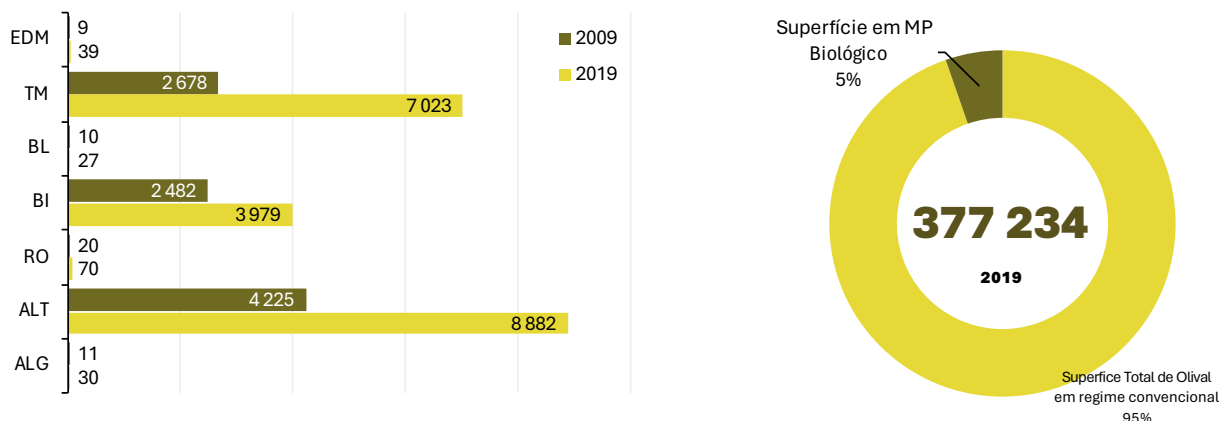
### Modo de Produção Biológico

No que diz respeito ao olival em Modo de Produção Biológico (MPB), segundo o Recenseamento Agrícola de 2019, a superfície ocupada foi de 20 050 ha, representando apenas 5% da área total de olival nesse ano. No entanto, o crescimento entre 2009 e 2019 foi muito acentuado, sendo que, em 2009, a superfície de olival

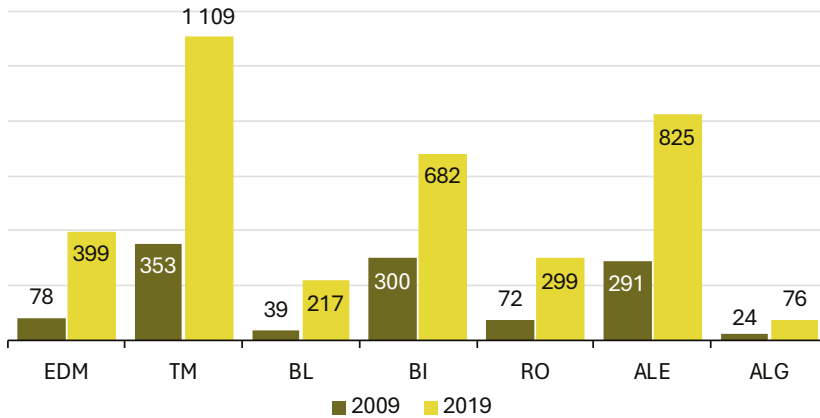
biológico era de 9 435 ha, o que representou um crescimento em 10 anos de 113%. As regiões agrárias com mais superfície de olival em agricultura biológica, em 2019, foram o Alentejo e Trás-os-Montes, com 8 882 ha e 7 023 ha, respetivamente (Gráfico 83).

O Gráfico 84 evidencia um aumento significativo, entre 2009 e 2019, do número de explorações em

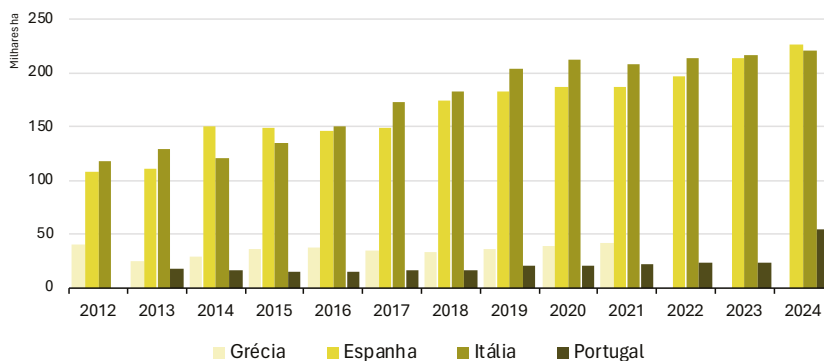
**Gráfico 83 – Superfície de olival em Modo de Produção Biológico em 2009 e em 2019 (ha)**



Fonte: GPP, a partir de INE, RA 2019

**Gráfico 84 – Número de explorações agrícolas em Modo de Agricultura Biológica em 2009 e 2019**

Fonte: GPP, a partir de INE, RA 2019

**Gráfico 85 – Área de olival biológico nos quatro maiores produtores da UE (ha)**

Fonte: GPP, a partir de EUROSTAT

MPB (206%). A sua análise mostra que todas as regiões agrárias registaram um aumento do número de explorações neste modo de produção, embora com intensidades distintas. A região de Trás-os-Montes foi a que apresentou o crescimento mais expressivo, com um aumento de 4 345 explorações, refletindo uma dinâmica particularmente forte de adesão ao modo biológico no olival.

Este incremento generalizado no número de explorações de olival em agricultura biológica esteve provavelmente associado ao quadro de apoios relacionados com medidas agroambientais. Paralelamente, a crescente necessidade de diferenciação do azeite pode ter incentivado os produtores a optar pela certificação biológica como estratégia para aceder a nichos de mercado de maior valor acrescentado e reforçar a sua sustentabilidade económica.

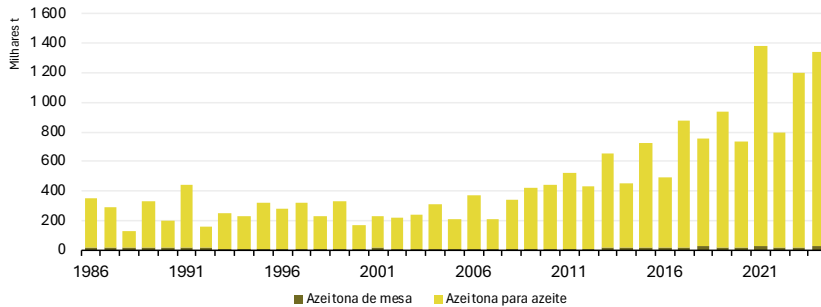
O Gráfico 85 regista a evolução da superfície de olival biológico nos quatro principais países produtores de azeite da UE, evidenciando um crescimento generalizado da área de olival biológico entre 2012 e 2024. Espanha e Itália são os dois Estados-Membros com maiores áreas, apesar de a produção de azeite em Itália ser substancialmente menor do que a de Espanha, o que demonstra uma aposta por parte dos produtores italianos em produzir azeites que o consumidor possa valorizar. Em Portugal, verifica-se que, entre 2023 e 2024, houve um crescimento muito significativo da área de olival biológico, na ordem dos 30 681ha, o que representa um crescimento de 128%.

## C. Produção e produtividade

Entre 1986 e 2024, verificou-se um crescimento muito expressivo da produção do olival em Portugal, passando de 356 mil toneladas para mais de 1,34 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 277%. Este crescimento resulta sobretudo da expansão da produção, preferencialmente destinada à extração de azeite (94% em 1986 e 98% em 2024), enquanto a produção para azeitona de mesa apresenta menor peso relativo. A trajetória apresentada no Gráfico 76, embora marcada por alguma variabilidade interanual, revela uma clara intensificação produtiva, sobretudo a partir de 2010.

A evolução conjunta da superfície e da produção de olival, patente no Gráfico 87, permite uma leitura comparada destes dois indicadores, que demonstram que a produção aumentou de uma forma muito mais acentuada do que a superfície, que teve uma evolução moderada. Esta relação evidencia uma

**Gráfico 86 – Evolução da produção do olival por tipo de azeitona, no período 1986 a 2024 (x1000 t)**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

mudança estrutural do setor em que o aumento da produção deixou de depender da expansão da área e passou a assentar na eficiência produtiva por hectare, um processo típico da intensificação agrícola, em que a modernização tecnológica e gestão eficiente geram maior produção sem necessidade de expansão territorial.

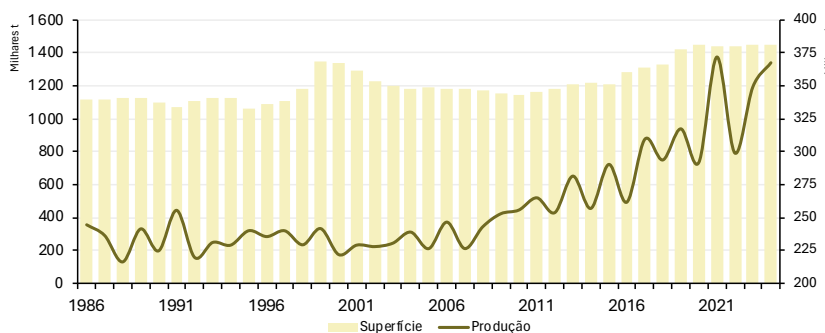
Como consequência de o aumento da produção assentar na eficiência, verificou-se uma evolução também significativa na produtividade do olival (Grá-

fico 88), cuja média nacional passou de 1048 kg/ha em 1986 para 3521 kg/ha em 2024, correspondendo a um crescimento de 236%. Este ganho deve-se à introdução de oliveiras com outra capacidade produtiva, quer pelas variedades de azeitona quer por uma maior densidade de árvores por hectare (em vaso e em sebe); ao regadio; à mecanização da colheita e à adoção de práticas agrícolas de maior eficiência. Estas práticas são ainda visíveis no aumento da produtividade da azeitona de mesa, que após um período de equilíbrio em comparação com a azeitona para azeite, passou a apresentar valores mais altos.

Os últimos registos disponibilizados pelo INE da produção do olival a um nível mais desagregado (município) referem-se ao ano 2021, por coincidência o mais produtivo do período analisado e com valor ligeiramente superior ao verificado em 2024. O Mapa

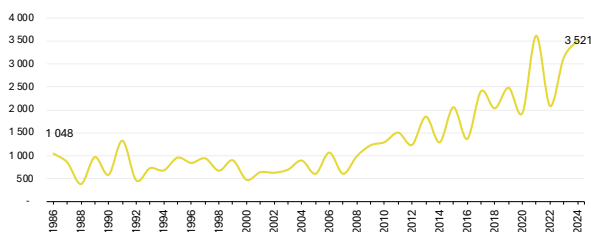
25 representa uma distribuição da produção de azeitona por local de proveniência, em cinco classes, sobreposta com a representação do olival na COS2023. Podemos observar que há uma coincidência entre a produção e a localização da cultura, com particular destaque para Beja (257 mil toneladas), Ferreira do Alentejo (186 mil), Serpa (141 mil) e Moura (103 mil), no Baixo Alentejo

**Gráfico 87 – Evolução da superfície e da produção do olival, no período 1986 a 2024 (x1000 t | x1000 ha)**



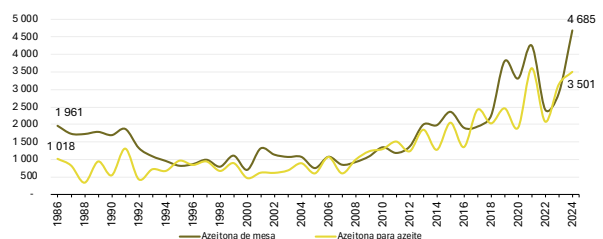
Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

**Gráfico 88 – Evolução da produtividade do olival, no período 1986 a 2024 (kg/ha)**

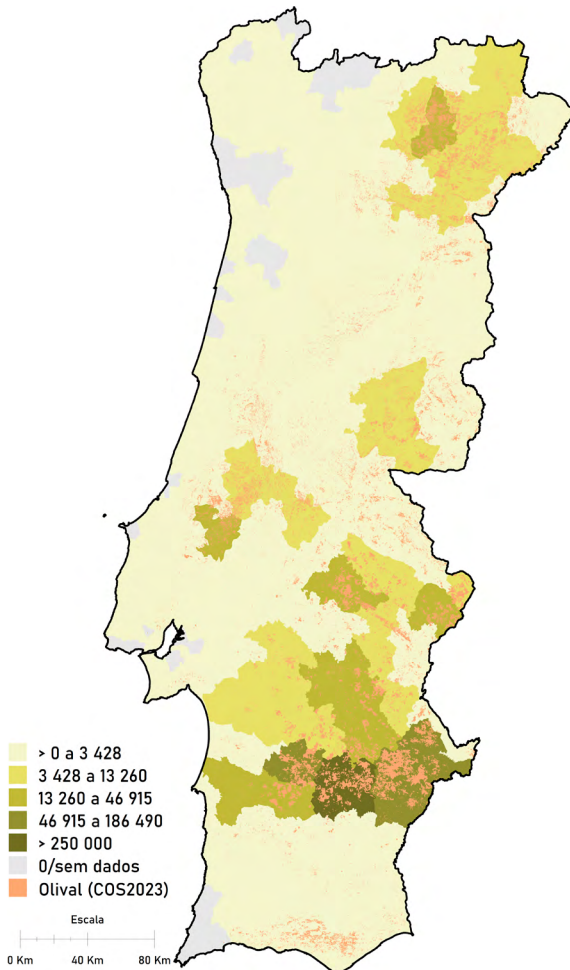


Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

**Gráfico 89 – Evolução da produtividade do olival para azeitona de mesa e azeite, no período 1986 a 2024 (kg/ha)**



**Mapa 25 – Produção de azeitona em 2021 (toneladas), por local de proveniência e COS2023**



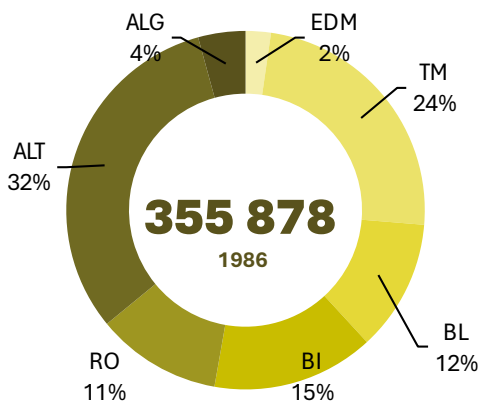
Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal; DGT, COS2023

e na zona do regadio de Alqueva; em Avis (45 mil toneladas) e Elvas (47 mil), no Alto Alentejo e área de influência do regadio da albufeira do Maranhão e do Caia; em Mirandela (28 mil toneladas), na região de Trás-os-Montes; e em Santarém (25 mil toneladas), na Lezíria do Tejo.

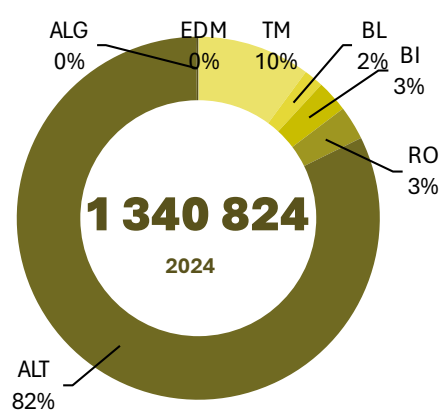
Os gráficos seguintes e o Quadro 8 evidenciam uma forte diferenciação regional, sendo o Alentejo um caso à parte bastante mais expressivo que as restantes regiões. Em 1986, esta região tinha 32% da produção nacional de olival (113 mil toneladas) e era a menos produtiva do país com apenas 779 kg/ha, abaixo da média nacional. Os indicadores do INE para o ano de 2024 mostram que a sua produção cresceu 877%, para um volume de 1,1 milhões de toneladas, que representa 82% da produção nacional, e a produtividade aumentou 584%, passando para 5327 kg/ha, bastante acima da média nacional para este ano. Este desempenho explica a centralidade do Alentejo no setor olivícola português, refletindo os efeitos da modernização produtiva e da expansão do regadio já mencionados.

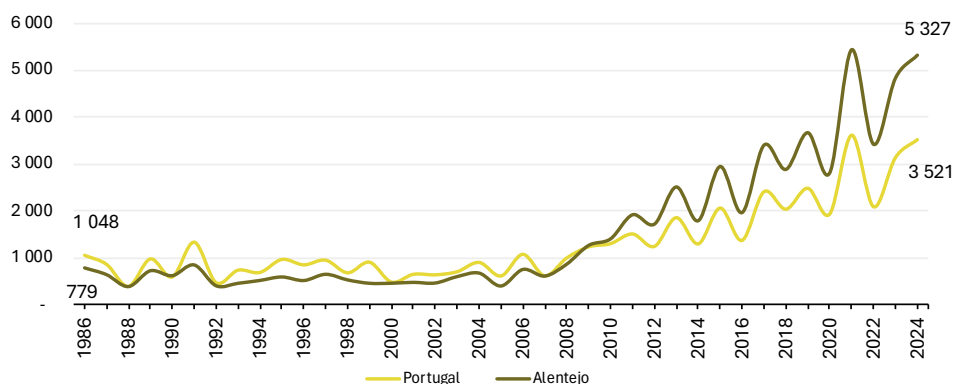
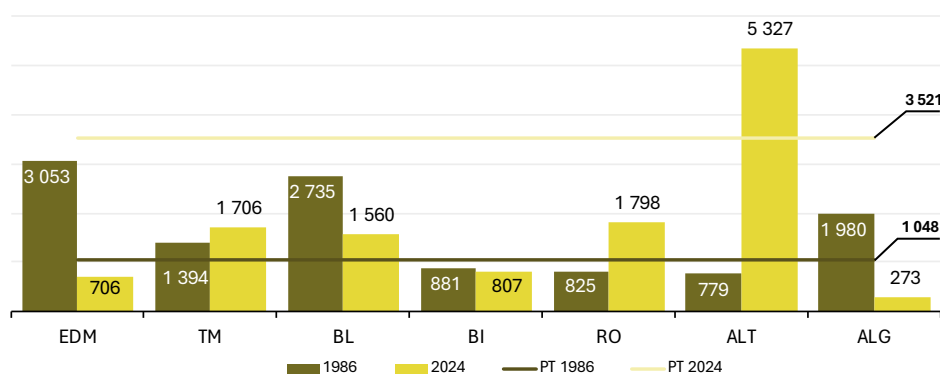
Em sentido contrário, as regiões de Entre Douro e Minho, Beira Litoral, Beira Interior e Algarve registaram decréscimos relevantes na produção e na produtividade, muitas vezes associado a olivais envelhecidos e ao abandono pela fraca produção (tradicional).

**Gráfico 90 – Produção do olival, por região agrária em 1986 (%)**



**Gráfico 91 – Produção do olival, por região agrária em 2024 (%)**



**Gráfico 92 – Evolução da produtividade do olival em Portugal e no Alentejo, no período 1986 a 2024 (kg/ha)****Gráfico 93 – Produtividade do olival por região agrícola, comparativamente com PT, em 1986 e 2024**

Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

**Quadro 8 – Produção e produtividade do olival em 1986 e 2024, por região agrícola**

	Produção 1986 (t)	Produção 2024 (t)	Varição da produção (%)	Produtividade 1986 (kg/ha)	Produtividade 2024 (kg/ha)	Varição da produtividade (%)
<b>PORTUGAL</b>	<b>355 878</b>	<b>1 340 824</b>	<b>276,8</b>	<b>1 048</b>	<b>3 521</b>	<b>236,0</b>
EDM	8 111	674	-91,7	3 053	706	-76,9
TM	85 486	134 679	57,5	1 394	1 706	22,4
BL	42 204	23 522	-44,3	2 735	1 560	-43,0
BI	52 027	38 098	-26,8	881	807	-8,4
RO	40 181	40 542	0,9	825	1 798	117,9
ALT	112 696	1 100 732	876,7	779	5 327	583,8
ALG	15 173	2 577	-83,0	1 980	273	-86,2

Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

A análise da produção do olival permite observar que o setor viveu uma profunda transformação estrutural nas últimas décadas, cujas principais tendências são o forte aumento da produção; o crescimento moderado da superfície, que é insuficiente para explicar o incremento produtivo; o expressivo aumento da produtividade, como principal motor da expansão do setor; e a concentração regional do setor no Alentejo.

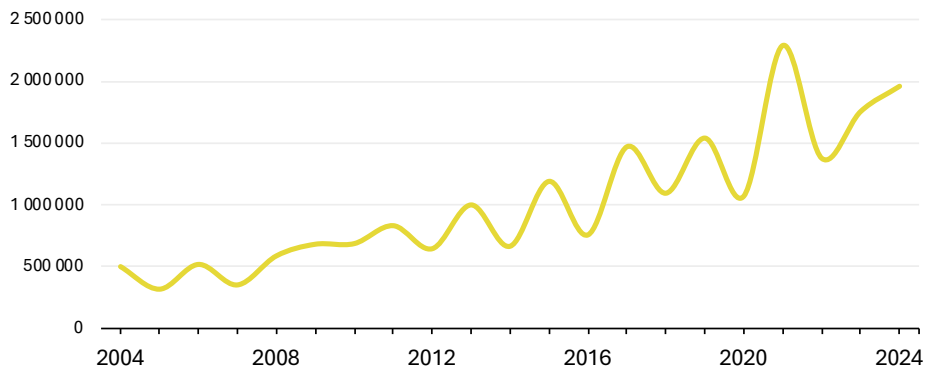
#### D. Produção de azeite

Verificou-se uma evolução muito positiva da produção de azeite em Portugal entre 2004 e 2024 (+292%), refletindo a modernização do setor olivícola e o reforço da sua competitividade. O Gráfico 94 apresenta uma tendência global de crescimento da produção, ainda que com oscilações associadas à alternância produtiva da oliveira e às condições climáticas.

Ao longo deste período, observa-se ainda (Gráfico 95) uma transformação profunda na estrutura industrial da produção de azeite, com uma crescente predominância dos lagares industriais e tecnologicamente avançados, em vez de estruturas tradicionais (+409% de volume produzido face a 2004), o que se traduz numa maior eficiência de extração, ganhos de escala e uma melhoria da qualidade do produto. Esta modernização acompanhou a expansão dos olivais com maior produtividade, dando origem a uma cadeia produtiva mais integrada e competitiva.

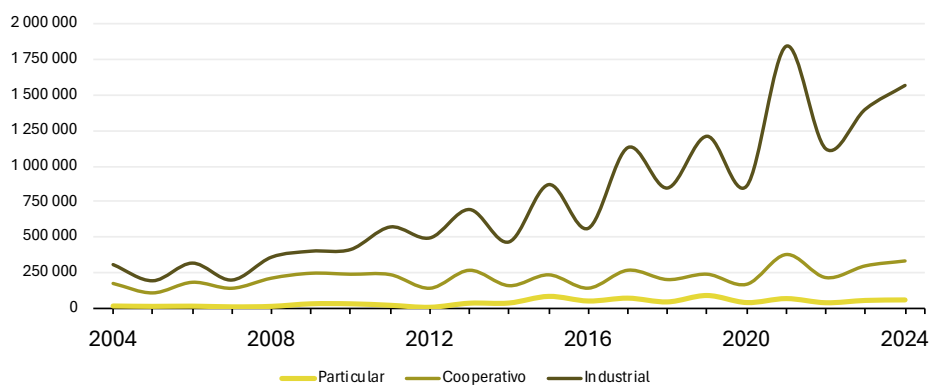
Nestes últimos 20 anos, há uma alteração significativa na distribuição regional da produção de azeite. O Alentejo assume uma posição de liderança clara, passando o seu peso no total do país de 32% em 2004 para 82% em 2024. Como temos visto, este crescimento está associado à expansão do regadio, à instalação de olivais de elevada produtividade e

**Gráfico 94 – Evolução da produção de azeite em Portugal, no período 2004 a 2024**

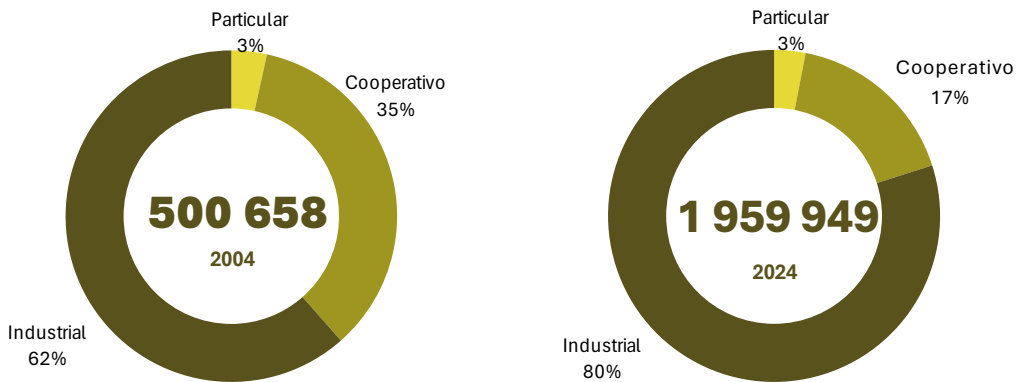


Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

**Gráfico 95 – Evolução da produção de azeite em Portugal, por tipo de lagar, no período 2004 a 2024 (hl)**



**Gráfico 96 – Produção de azeite por tipo de lagar em 2004 e 2024 (%)**

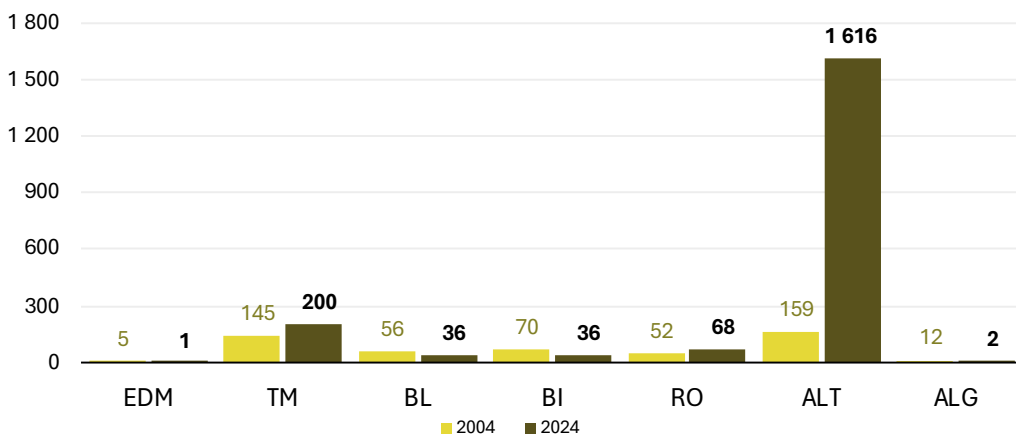


Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

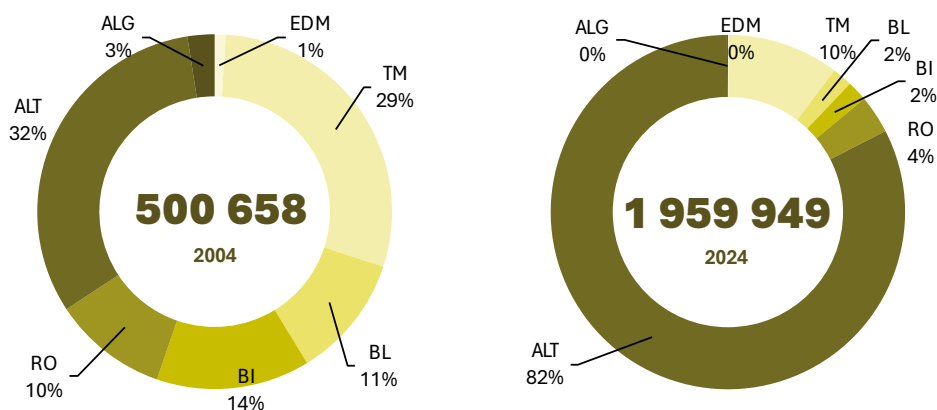
ao forte investimento empresarial. Opostamente, as outras regiões tradicionalmente produtoras mantêm a sua relevância, sobretudo pela qualidade do azeite produzido, mas com menor expressão relativa no país (Gráfico 97 e Gráfico 98).

A modernização tecnológica dos lagares verificada nas últimas décadas tem conduzido à uniformização dos sistemas de extração, atualmente dominados pelas linhas contínuas de duas fases (Gráfico 99). Em 2004, estes lagares eram responsáveis por 53% da

**Gráfico 97 – Produção de azeite por região agrária em 2004 e 2024 (hl)**



**Gráfico 98 – Produção de azeite por região agrária em 2004 e 2024 (%)**

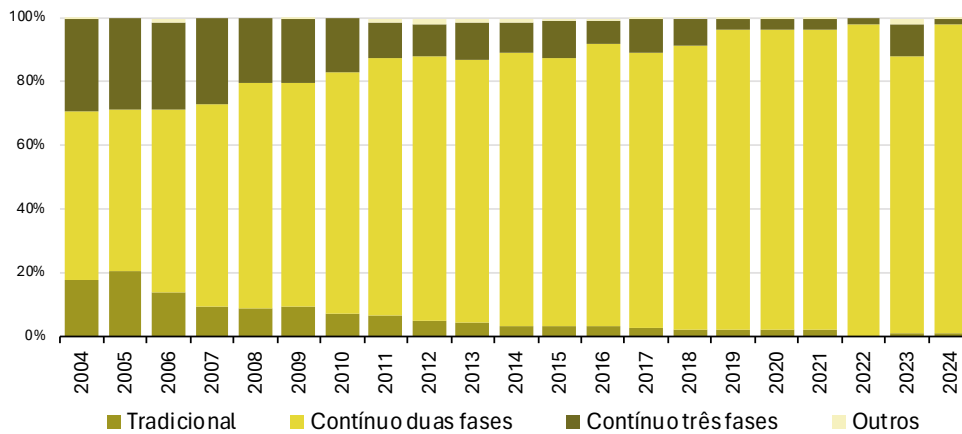


Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

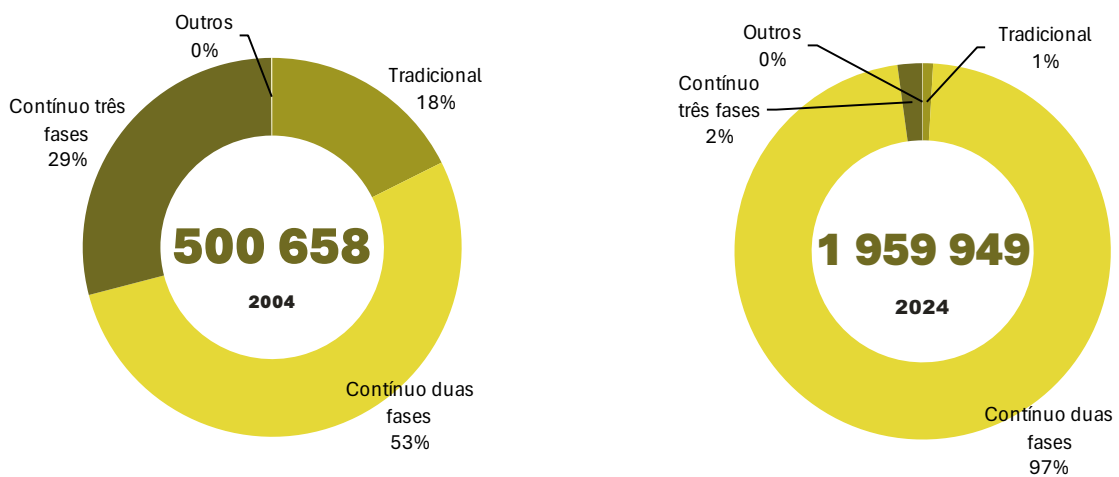
produção nacional de azeite, enquanto os sistemas tradicionais e contínuos de três fases representavam, em conjunto, 47%. Em 2024, o cenário transformou-se radicalmente, sendo que 97% do azeite produzido em Portugal provinha de lagares de duas fases, e apenas 3% de sistemas tradicionais ou de três fases (Gráfico 100). Esta transição tecnológica teve um impacto direto no tipo de subprodutos e resíduos produzidos nos lagares, ocorrendo uma diminuição acentuada na quantidade de águas ruças produzidas e um forte aumento na produção de bagaço de duas fases.

Apesar de se ter alcançado um aumento de 292% na produção de azeite entre 2004 e 2024 em Portugal, no que diz respeito ao número de lagares, verificou-se um decréscimo de 160 unidades, o que evidencia o aumento da respetiva capacidade de laboração. Este decréscimo registou-se em todas as regiões agrárias, com exceção do Alentejo, onde se registou um aumento de 22 unidades, e do Algarve, que apresentou um acréscimo de 2 lagares (Gráfico 101).

**Gráfico 99 – Evolução da quantidade de azeite produzido em função do sistema de extração usado entre 2004 e 2024 (%)**

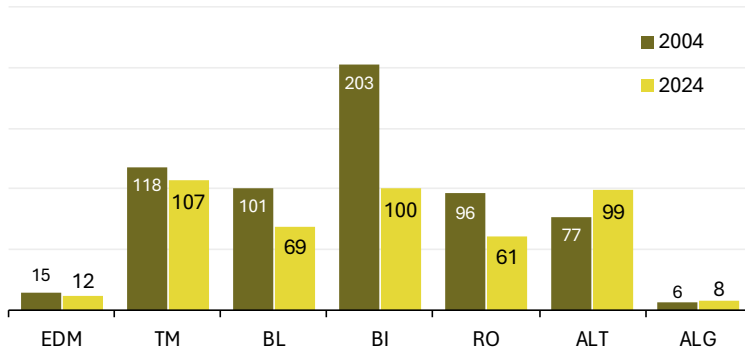


**Gráfico 100 – Azeite produzido em função sistema de extração usado em 2004 e 2024 (%)**



Fonte: GPP, a partir de INE

**Gráfico 101 – Número de lagares de azeite por região agrária em 2004 e 2024**



Fonte: GPP, a partir de INE

Quanto à evolução do número de lagares por tipo de extração utilizado (gráfico 102), registou-se um crescimento significativo no número lagares de duas fases, passando a representar em 2024 a maioria dos lagares (62%), em detrimento dos lagares tradicionais que passaram a apenas 20%, mantendo-se estável a percentagem de lagares de duas fases. Deve, no entanto, salientar-se que, em 2024, apesar de os lagares de duas fases representarem apenas 62% do total, são estes os responsáveis por cerca de 97% de todo o azeite produzido.

No que respeita à evolução do rendimento em azeite, isto é, da quantidade de azeite obtida a partir de uma determinada quantidade de azeitona e normalmente expressa em percentagem, verifica-se que, entre 1995 e 2024, este indicador apresenta oscilações acentuadas, evidenciando uma variabili-

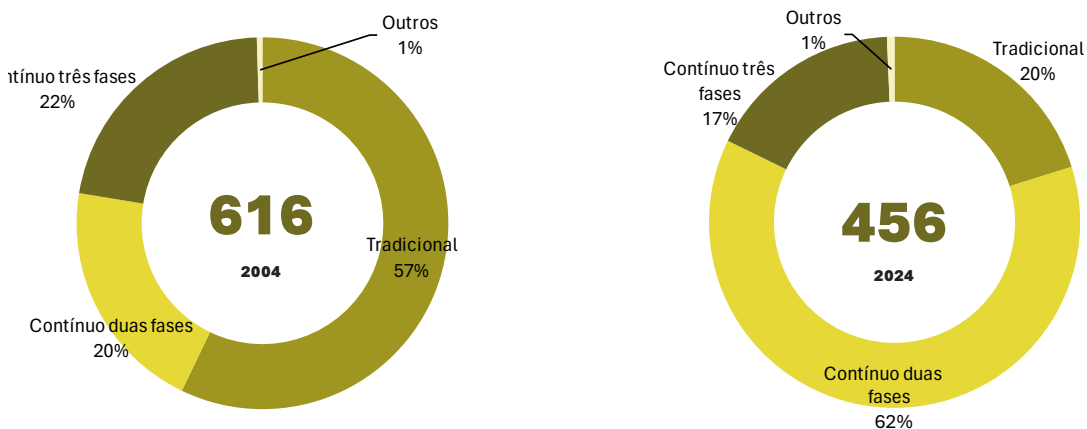
dade significativa ao longo do período analisado, relacionado provavelmente com flutuações nos valores da produção. Regista-se uma tendência de crescimento, ainda que muito ligeira, evidenciada pela linha contínua no Gráfico 103, o que sugere a ocorrência de uma melhoria gradual do rendimento ao longo dos anos.

O rendimento mais baixo registou-se em 2006, com 12,8%, enquanto o valor mais elevado ocorreu em 2022, atingindo 16,5%. Apesar de, em 2022, se ter verificado o máximo histórico em termos de rendimento, esse ano foi simultaneamente marcado por uma quebra na produção de azeite. Após esse pico, verificou-se uma descida acentuada em 2023 e 2024, regressando a valores perto de 14%.

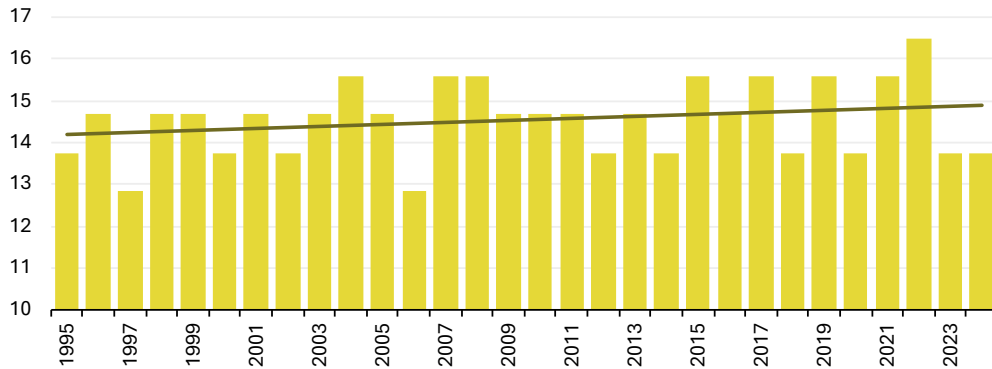
De forma geral, o gráfico indica que os valores do rendimento estão a melhorar ainda que muito lentamente estando esta melhoria associada à substituição de variedades de menor rendimento por outras com maior rendimento e à melhoria tecnológica nos lagares nos sistemas de extração.

No que diz respeito à evolução do rendimento em azeite por região agrária, entre 1995 e 2023 (Gráfico 104), verifica-se que o rendimento varia significativamente não só entre as diferentes regiões agrárias, mas também de ano para ano.

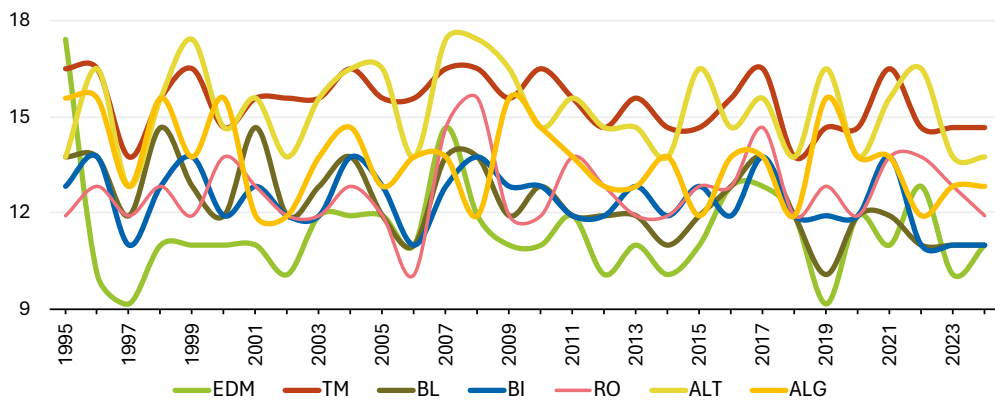
**Gráfico 102 – Número de lagares de azeite por região agrária em 2004 e 2024 (%)**



Fonte: GPP, a partir de INE

**Gráfico 103 – Evolução do rendimento em azeite entre 1995 e 2024 (%)**

Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

**Gráfico 104 – Evolução do rendimento em azeite por região entre 1995 e 2024**

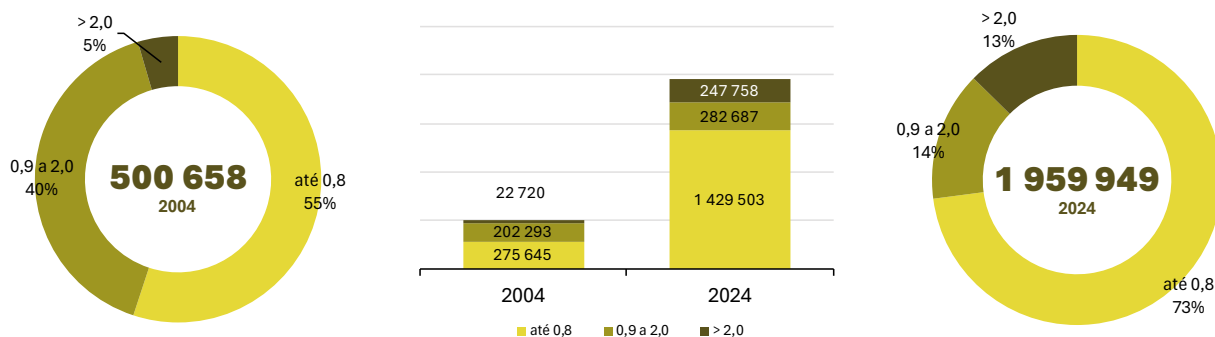
Fonte: GPP, a partir de INE

Registam-se, no entanto, duas exceções, os anos de 1997 e 2006, em que o rendimento diminuiu em todas as regiões agrárias, o que indica a ocorrência de um fator comum que afetou transversalmente todas as regiões nesses anos, relacionado possivelmente com desvios às condições meteorológicas normais nesses dois anos. O ano de 1997, por exemplo, foi marcado por uma seca muito severa na Primavera e chuvas torrenciais em outubro de carácter excepcional, o que fez diminuir o rendimento em azeite.

Trás-os-Montes e Alto Douro e Alentejo são as regiões que apresentam os valores mais elevados de rendimento neste intervalo de anos, mantendo-se frequentemente entre 14% e 17%. Em sentido contrário, a região de Entre Douro e Minho é a que apresenta, na maioria dos anos, os valores menores de rendimento.

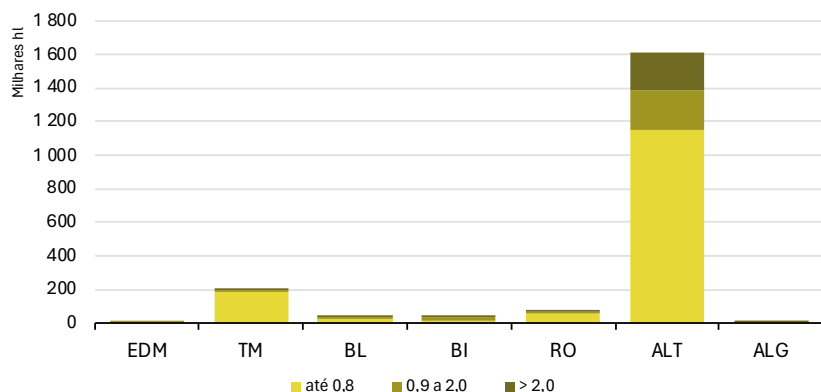
Entre 2004 e 2024, tem-se observado ainda uma evolução favorável na qualidade do azeite produzido. O peso relativo do azeite extra virgem, com menores níveis de acidez, aumentou significativamente nestes 20 anos (+419%), passando de 55% para 73%, como resultado de melhores práticas agrícolas, de colheitas mais rápidas e mecanizadas, da proximidade dos lagares da zona de produção, do processamento da azeitona em lagares modernos e da orientação para mercados com maiores níveis de exigência, o que acaba por colocar a qualidade como o eixo de valorização do setor. O azeite virgem também registou um aumento no volume produzido (+40%); no entanto, o seu peso relativo diminuiu de 40% para 14%, enquanto o azeite lampante, com grau de acidez superior a 2,0 e destinado sobretudo à indústria, apresentou uma variação de 991% face a 2004 e aumentou a sua quota de 5% para 13%.

**Gráfico 105 – Produção de azeite por grau de acidez em 2004 e 2024 (% e hl)**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

**Gráfico 106 – Produção de azeite por grau de acidez em 2004 e 2024 (% e hl)**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

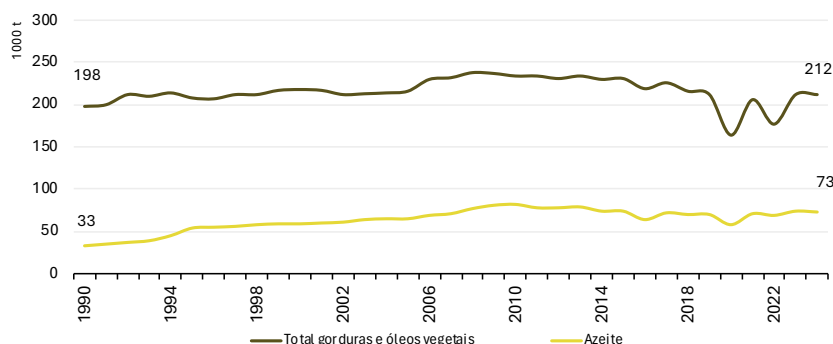
principalmente por alterações nos hábitos alimentares durante a pandemia de COVID-19, com aumento no consumo doméstico e forte contração na restauração, pela forte inflação de preços em 2022, em que o azeite atingiu valores muito elevados, levando a uma contração no consumo, e ainda pela volatilidade na produção nacional, sobretudo de azeite, devido a fatores climáticos (Gráfico 107 e Gráfico 108).

**E. Consumo e autoaprovisionamento**

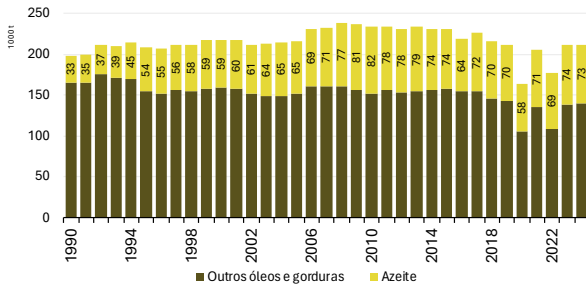
O consumo humano de gorduras e óleos vegetais em Portugal foi de 212 mil toneladas em 2024, um aumento de 7,1% comparativamente ao verificado em 1990. Ao longo deste período, a evolução foi moderada, no entanto, entre 2019 e 2023, registaram-se oscilações significativas influenciadas prin-

O consumo de azeite teve uma trajetória mais ascendente, registando 73 mil toneladas em 2024, o que representa um crescimento de 121% relativamente a 1990. O Gráfico 109 evidencia também uma ligeiríssima retração em 2020, ano da pandemia, mas de menor relevância que o verificado no consumo total de gorduras e óleos vegetais. Assim, apesar da concorrência de outros produtos, o azeite tem uma posição de destaque, sustentada pela crescente valorização que tem tido nas últimas décadas, graças às suas capacidades gastronómicas e nutricionais de uma dieta saudável, duplicando de 17% em 1990 para 34% em 2024 o seu peso relativo no conjunto do consumo humano de gorduras e óleos vegetais.

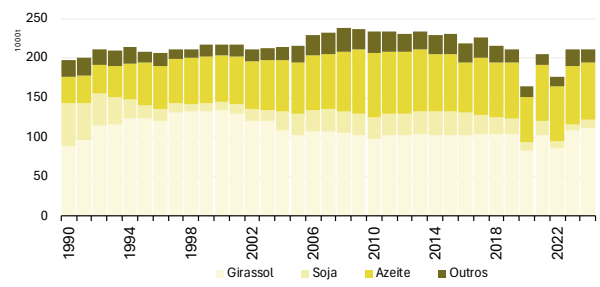
**Gráfico 107 – Evolução do consumo humano de azeite e do total de gorduras e óleos vegetais (x 1000 toneladas)**



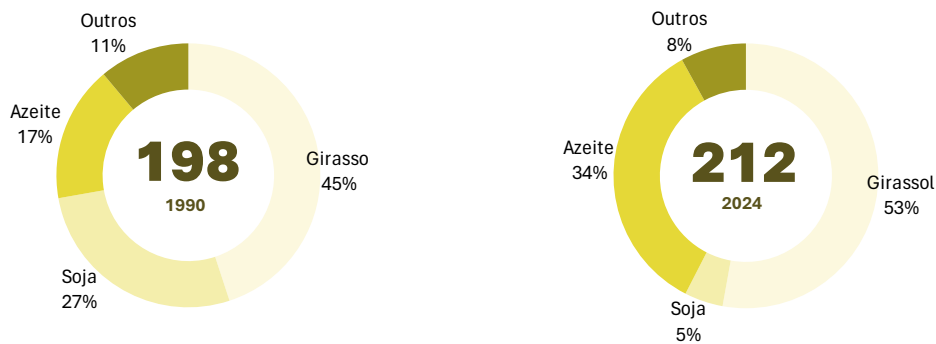
**Gráfico 108 – Evolução do consumo humano de azeite e restantes gorduras e óleos vegetais (x 1000 toneladas)**



**Gráfico 109 – Evolução do consumo humano de gorduras e óleos vegetais, por tipo (x 1000 toneladas)**



**Gráfico 110 – Consumo humano de gorduras e óleos vegetais, por tipo em 1990 e 2024 (%)**



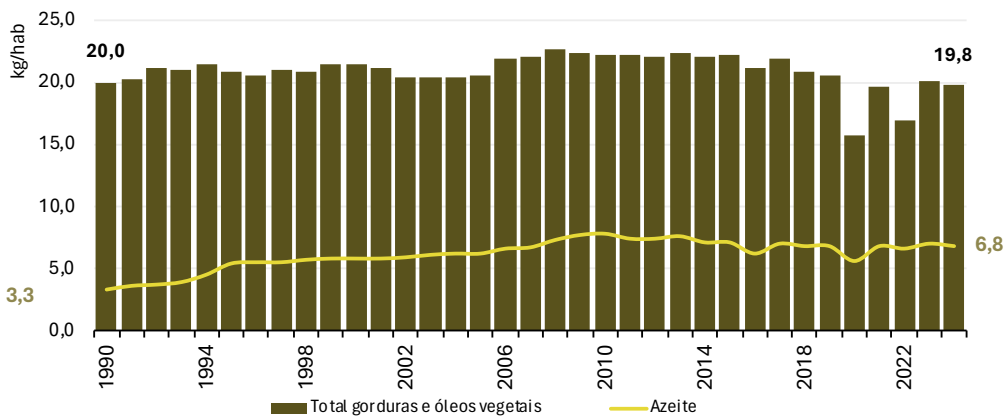
Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

**Consumo per capita**

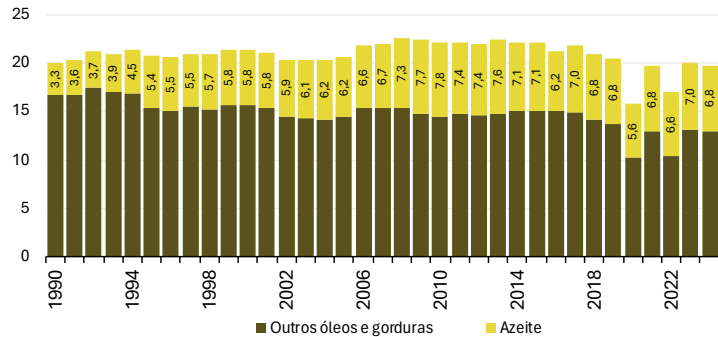
O consumo *per capita* de gorduras e óleos vegetais também regista uma tendência de evolução moderada ao longo do período 1990 a 2024, registando uma variação negativa de -1%. No entanto, o Gráfico 111 e o Gráfico 112 evidenciam que o consumo de azeite teve uma evolução mais significativa (106%),

crescendo de 3,3 kg/habitante em 1990 para 6,8 kg/hab em 2024, refletindo a forte tradição culinária, com a presença regular do azeite na alimentação doméstica e ainda a preferência do consumidor por produtos do país. O mesmo se verificou com o óleo de girassol, enquanto as restantes gorduras e óleos vegetais tiveram uma retração neste período.

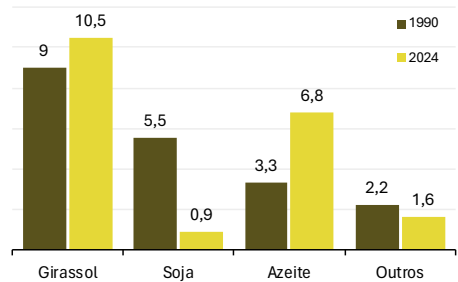
**Gráfico 111 – Evolução do consumo per capita de azeite e do total de gorduras e óleos vegetais (kg/hab.)**



**Gráfico 112 – Evolução do consumo per capita de azeite e restantes gorduras e óleos vegetais (kg/hab.)**



**Gráfico 113 – Consumo per capita de gorduras e óleos vegetais, por tipo em 1990 e 2024 (kg/hab.)**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

### Autoaprovisionamento

O Gráfico 114 apresenta uma evolução muito favorável do grau de autoaprovisionamento de azeite, que supera claramente o registado para o conjunto das gorduras e óleos vegetais. No início da década de 90, Portugal caracterizava-se por uma produção de azeite baseada em olivais tradicionais de baixa produtividade. A produção nacional, apesar de ser ligeiramente superior ao consumo interno entre 1990 e 1992, era inconstante e a partir de 1993 insuficiente para cobrir o consumo, com produções baixas, tornando Portugal dependente de importações, especialmente de Espanha, para satisfazer a procura.

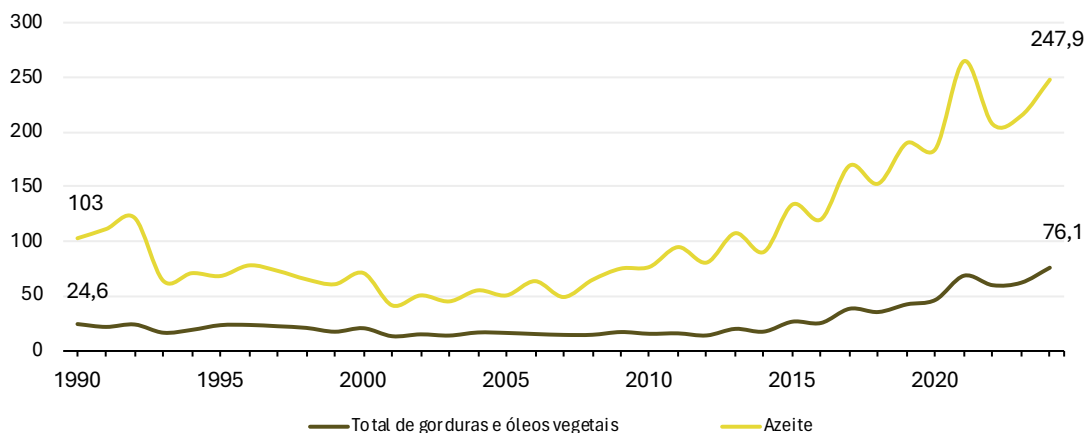
Nos primeiros anos do século XXI, com a mudança de paradigma na olivicultura, nomeadamente os novos sistemas de cultivo, a modernização do setor

e o regadio, conseguiu-se aumentar drasticamente a eficiência e a produção começou a crescer a um ritmo superior ao consumo, levando Portugal a aproximar-se da autossuficiência.

A partir de 2015, Portugal consolidou-se como um dos maiores produtores mundiais de azeite (Gráfico 98), com grau de autoaprovisionamento superior a 100%, atingindo valores excepcionais nos últimos quatro anos (em 2021 → 264,8% e em 2024 → 247,9%), uma tendência que posiciona o país como um exportador relevante, apesar de algumas oscilações provocadas pela alternância produtiva e fatores climáticos.

Graças a fatores como a transição do olival tradicional para o olival moderno produtivo, o regadio com o uso eficiente da água e a melhoria das técnicas de cultivo, a aposta contínua de investimento privado

**Gráfico 114 – Evolução do grau de autoaprovisionamento de azeite e do total de gorduras e óleos vegetais (%)**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

no setor, nomeadamente no Alentejo e o foco na produção de qualidade com o azeite extra virgem, evoluiu-se de uma situação de fragilidade para um dos principais pilares da agricultura nacional, traduzido em maior produtividade, menor dependência externa e consequente reforço da autossuficiência.

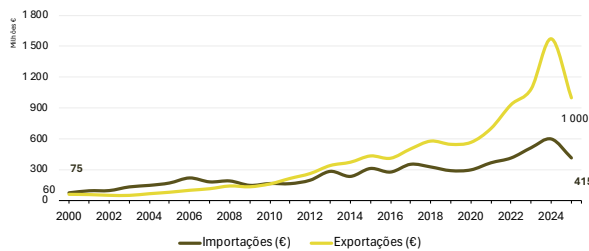
### F. Comércio internacional

Entre 2000 e 2025, registou-se um crescimento muito significativo do comércio internacional, tanto em valor como em volume, nomeadamente das exportações nacionais. Portugal apresentava nos

primeiros anos do século XXI uma balança comercial deficitária, com as importações de azeite a serem superiores às exportações, mas a partir de 2011 o valor exportado começa a ser superior ao importado, acontecendo o mesmo com o volume a partir de 2014. Assim, pela observação do Gráfico 115 e do Gráfico 116, verifica-se que o crescimento em valor ocorre mais cedo e de uma forma mais acentuada do que em volume, o que significa um gradual aumento do preço médio do azeite.

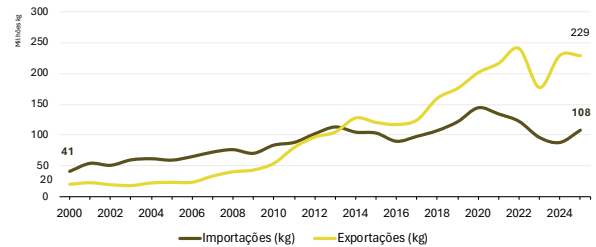
A relação entre valor e volume das importações e das exportações, representada no Gráfico 117

**Gráfico 115 – Evolução das importações e exportações de azeite, em valor, no período 2000 a 2025 (10<sup>6</sup> euros)**

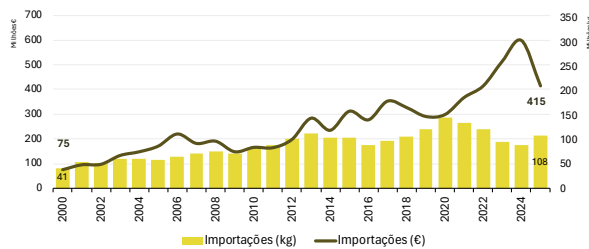


Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas da produção vegetal

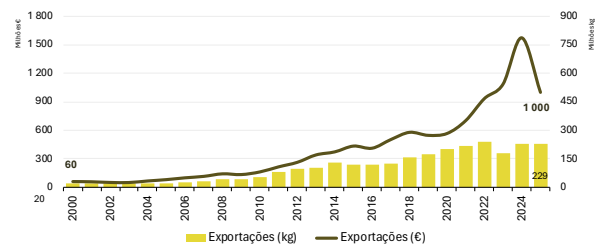
**Gráfico 116 – Evolução das importações e exportações de azeite, em volume, no período 2000 a 2025 (10<sup>6</sup> kg)**



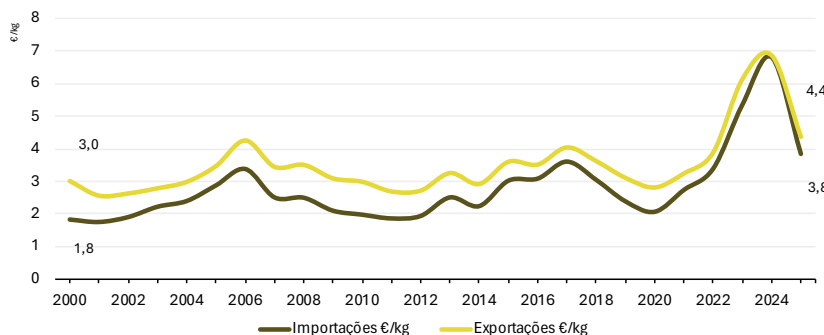
**Gráfico 117 – Evolução da relação valor/volume das importações de azeite (relação: 1 kg = 2 €)**



**Gráfico 118 – Evolução da relação valor/volume das exportações de azeite (relação: 1 kg = 2 €)**



**Gráfico 119 – Evolução do valor médio das importações e exportações de azeite, no período 2000 a 2025 (€/kg)**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

ao Gráfico 119, mostra que o crescimento em valor supera o crescimento em volume e que o valor por quilograma exportado aumentou, o que evidencia uma estratégia de valorização do azeite baseada na melhoria da qualidade, na diferenciação, criando valor na cadeia nacional, e no posicionamento em mercados mais

exigentes. Observa-se ainda que o preço médio das exportações tende a ser superior ao das importações, o que sugere que Portugal importa azeite relativamente mais barato e exporta azeite com maior valor unitário.

### Importações de azeite

Apesar do crescimento significativo da produção nacional, Portugal continua a importar azeite, o que se explica por razões estratégicas, comerciais e de mercado, tendo a Espanha como principal fornecedor. Estas importações caracterizam-se por volume e valor significativo e menor valorização média em comparação com as exportações, como visto no ponto anterior.

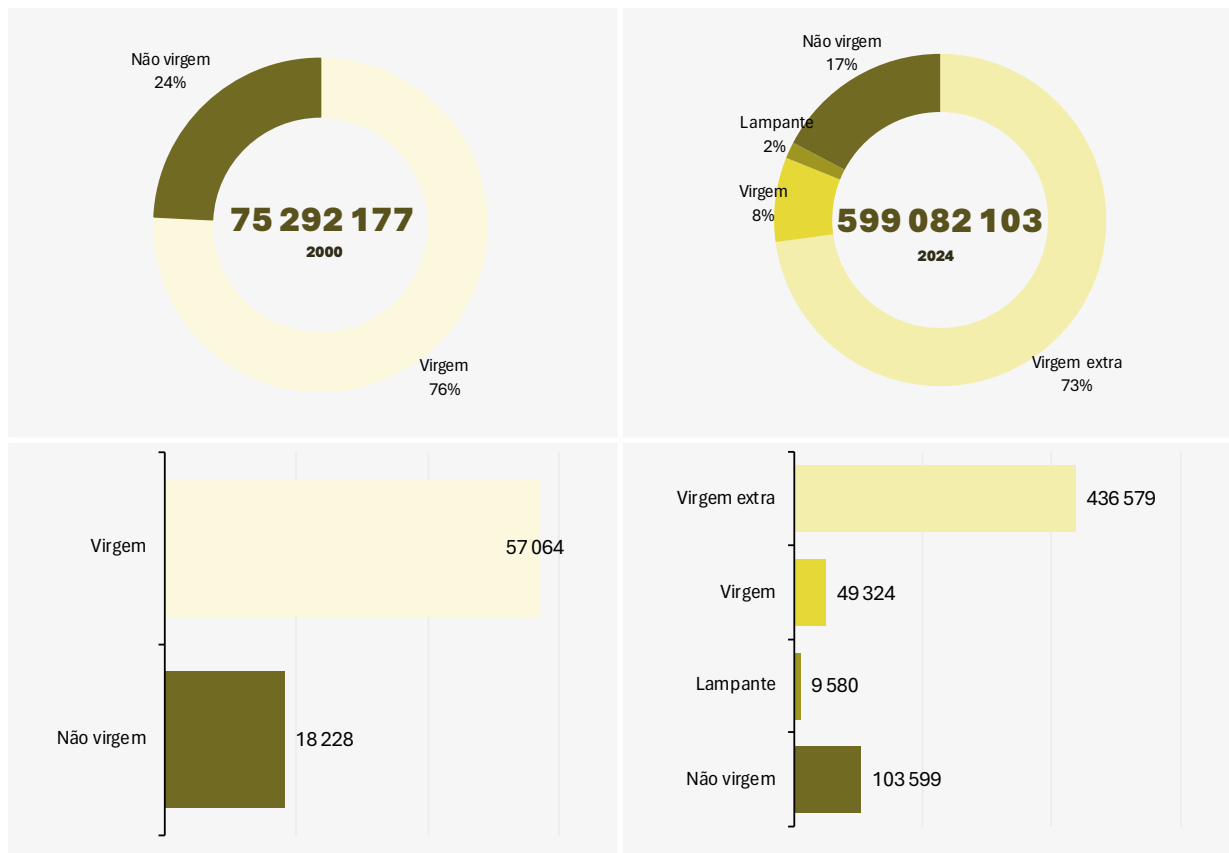
Portugal importa azeite de qualidade com preços inferiores, para misturar com produto português de maior qualidade, o que permite criar produtos competitivos para posterior exportação, muitas vezes

com maior valor acrescentado. Importa ainda azeite de gama mais baixa para satisfazer a procura noutros segmentos, para refinação e reexportação, e para garantir a regularização da oferta interna, compensando flutuações na produção nacional.

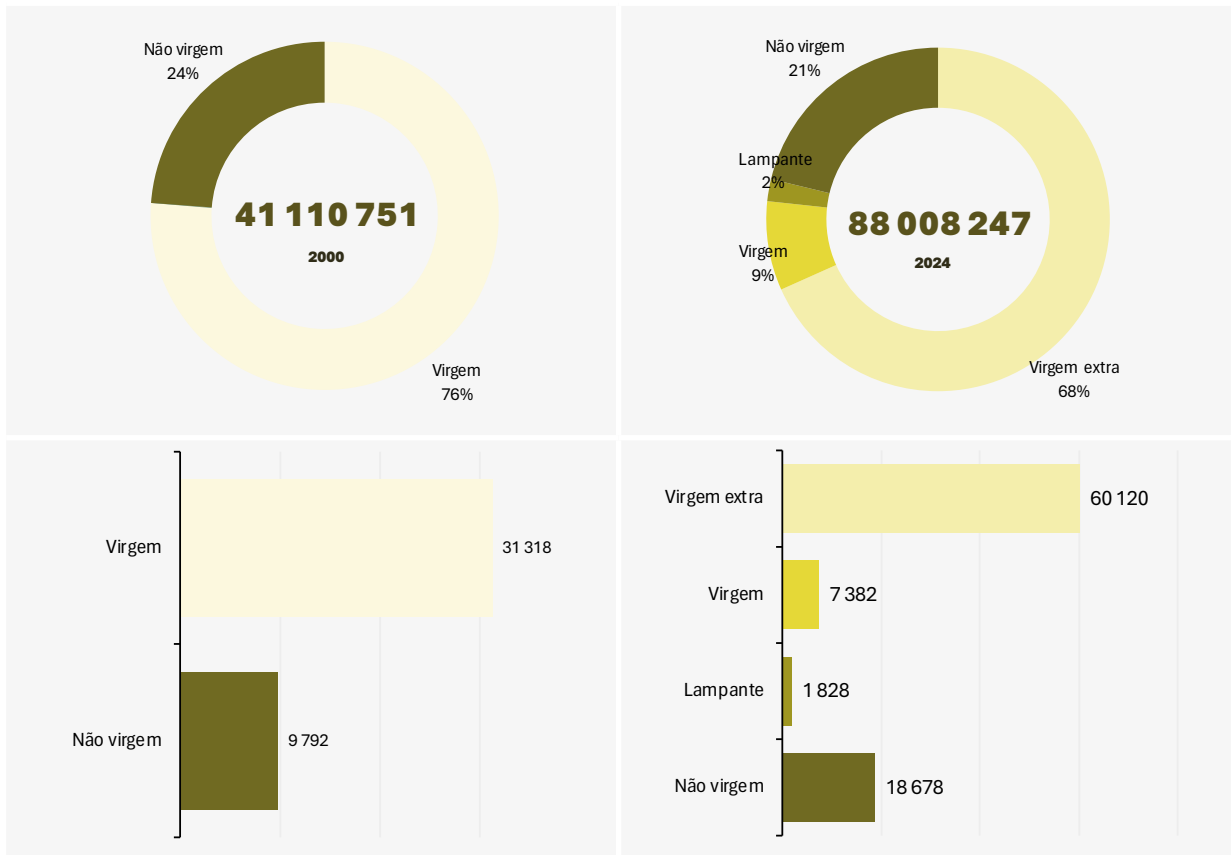
Assim, as importações caracterizam-se por um valor significativo, cerca de 599 milhões de euros em 2024 (+695,7% face a 2000) que correspondem a 88 milhões de quilogramas (+114% face a 2000). No ano 2000, cerca de 76% do valor e do volume diziam respeito a azeite virgem e 24% a não virgem. Em 2024, o azeite virgem extra representa 73% do valor importado e 68% do volume e o não virgem 17% do valor e 21% do volume, o que demonstra a mudança para a importação de produto de maior qualidade.

Conforme referido, a Espanha é o principal fornecedor do azeite importado, o que é natural tendo em conta a proximidade geográfica e o facto de este ser o principal produtor mundial. Exportou cerca 78

**Gráfico 120 – Importações de azeite em valor, por qualidade do produto em 2000 e 2024 (% e 1000€)**



**Gráfico 121 – Importações de azeite em volume, por qualidade do produto em 2000 e 2024 (% e 1000 kg)**

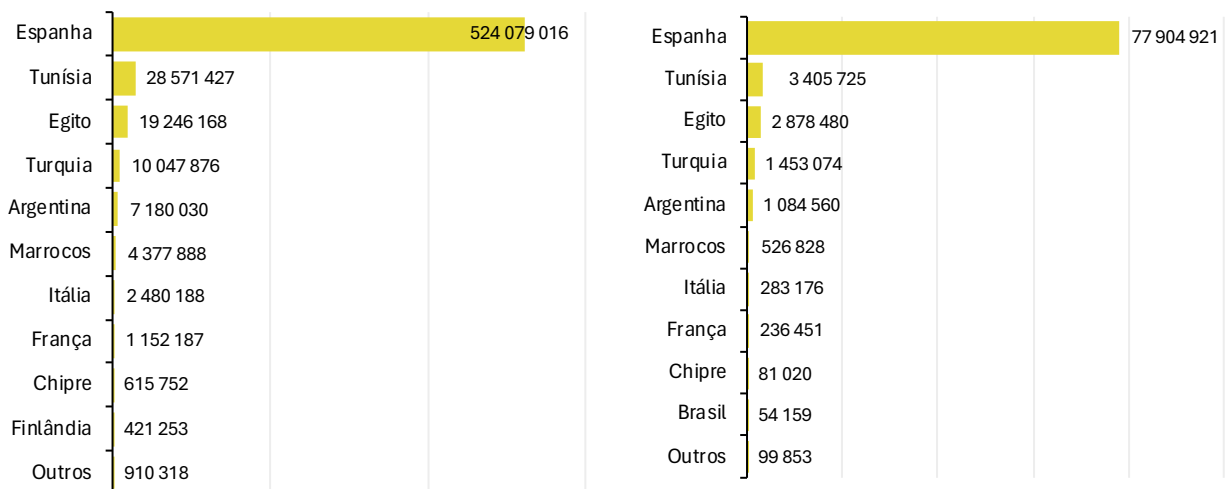


Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

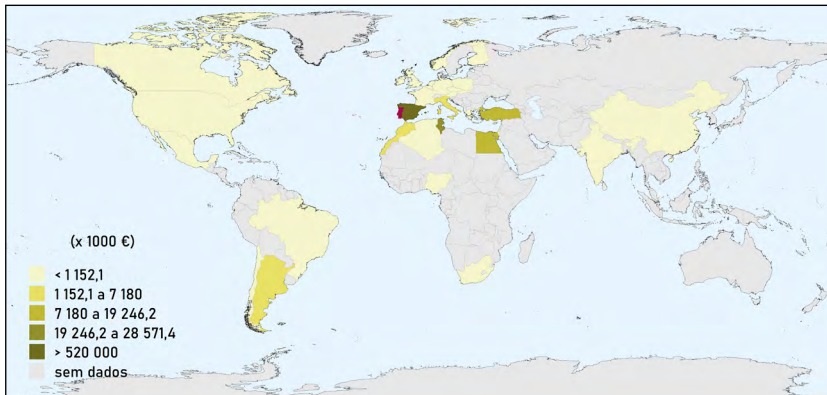
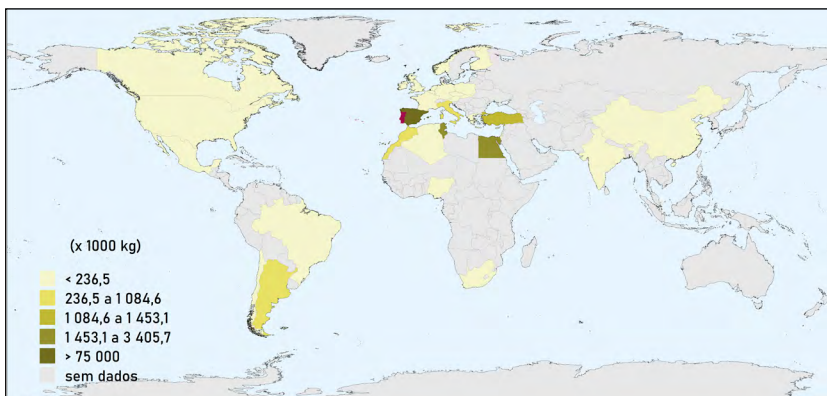
milhões de kg (89% do total) para Portugal em 2024, que correspondem a 524 milhões de euros (88%). A uma distância muito grande encontra-se a Tunísia

(3,4 milhões kg → 3,9% em volume e 28,6 milhões de euros → 4,8%) e o Egito (2,9 milhões kg → 3,3% em volume e 19,6 milhões de euros → 3,2%). De um

**Gráfico 122 – Top 10 das importações de azeite de Portugal em valor (€) e em volume (kg), em 2024**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

**Mapa 26 – Importações de azeite em valor (€), em 2024****Mapa 27 – Importações de azeite em volume (kg), em 2024**

Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

modo geral, as importações portuguesas têm como origem países do Mediterrâneo, tanto em valor como em volume (98,6%).

O valor médio das importações em 2024 foi de 6,8 €/kg. Na relação comercial com Espanha, o maior fornecedor de Portugal, como vimos, o valor médio situou-se abaixo desta referência, com 6,7 €/kg. No entanto, para importar de Itália (8,8 €/kg), Marrocos (8,3 €/kg) ou Tunísia (8,4 €/kg), foi necessário um investimento superior ao valor médio. As importações com origem na França foram as menos dispendiosas para Portugal, registando um valor médio de 4,9 €/kg, embora tenham fraca representatividade nas importações nacionais (0,2% em valor e 0,3% em volume).

### Exportações de azeite

A evolução de Portugal no setor do azeite entre 2000 e 2024 é descrita como uma transformação radical,

passando de um produtor tradicional focado no mercado interno para um dos maiores exportadores mundiais de azeite de alta qualidade. No ano 2000, Portugal tinha esse perfil de produtor de pequena dimensão, centrado no mercado doméstico e com exportações limitadas. Não figurava nos principais lugares do *ranking* mundial e a sua posição baseava-se sobretudo no olival tradicional, caracterizando-se como importador e com um grau de autoaprovisionamento baixo, ligeiramente acima de 50% na primeira década dos anos 2000.

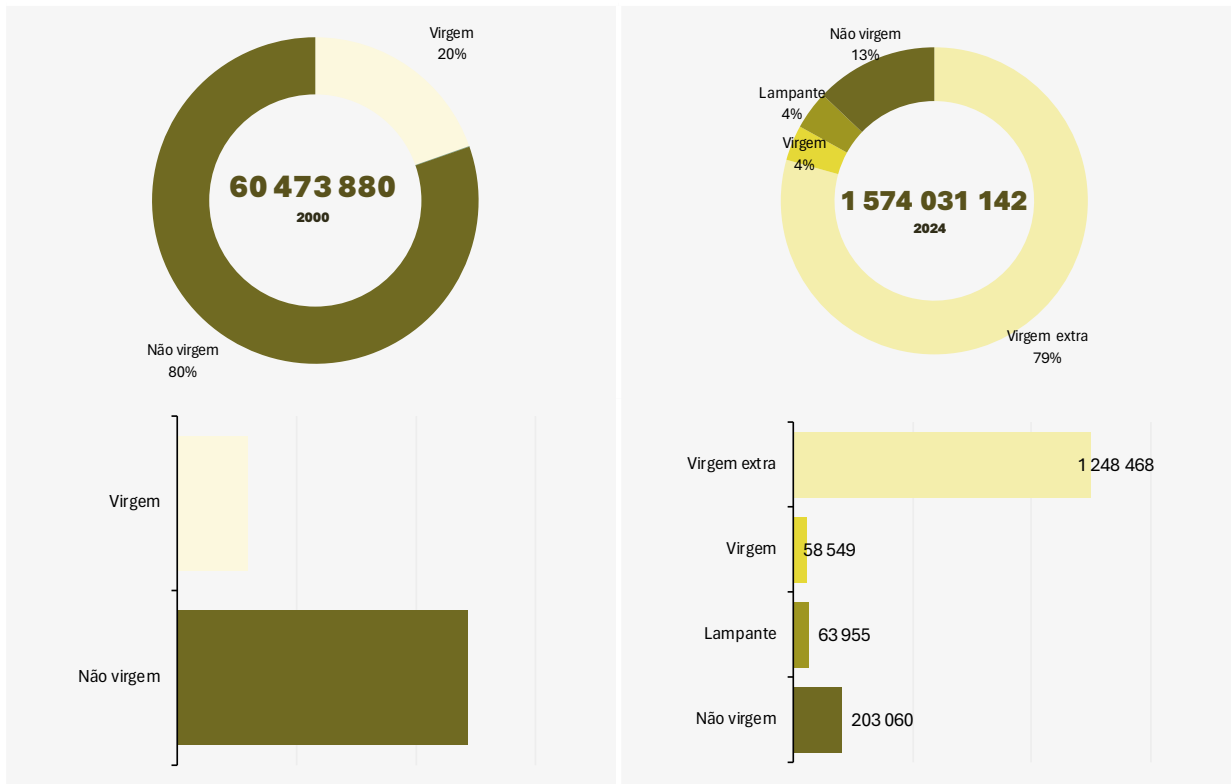
Foram fatores como a modernização do setor, a conversão dos sistemas de cultivo, o aumento da qualidade do produto (em que atualmente cerca de 98% do azeite é classificado como virgem ou extra virgem) e a

internacionalização que fizeram com que Portugal passasse de um papel de segunda linha para o de um líder global.

Em 2024, Portugal foi um dos principais exportadores mundiais de azeite, atingindo o valor histórico de 1,6 mil milhões de euros em exportação de azeite (superando o recorde do ano anterior de 1,1 mil milhões de euros), correspondentes a 229 milhões de quilogramas, tendo-se verificado uma variação de 2 503% em valor e 142% em volume nas exportações de azeite, face ao ano 2000.

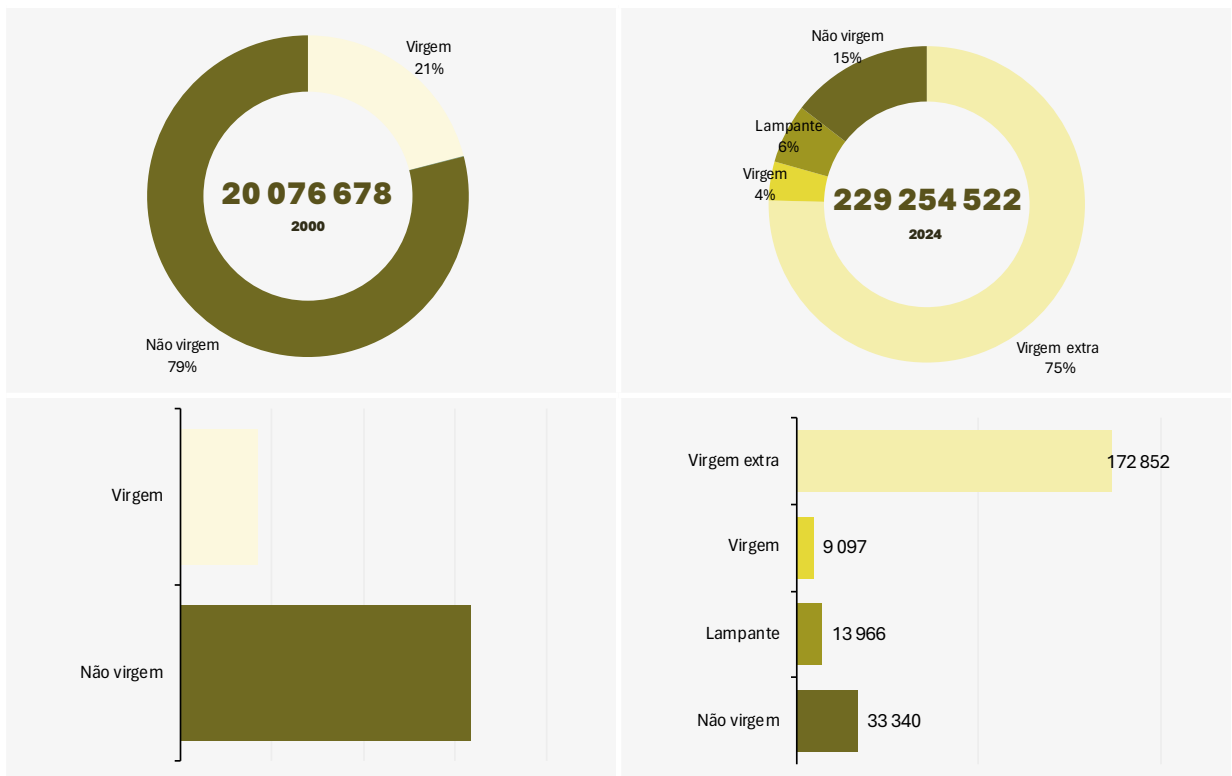
No ano 2000, cerca de 80% dos 60,4 milhões de euros eram relativos a azeite não virgem, registando-se uma mudança radical em 2024, com 79% a ser relativo a azeite virgem extra, correspondente a 1248 milhões de euros, o que reflete a qualidade e a valorização da maior parte da exportação. Em termos de volume, foram exportados no ano 2000 cerca de 20 milhões de quilogramas de azeite, dos quais

**Gráfico 123 – Exportações de azeite em valor, por qualidade do produto em 2000 e 2024 (% e 1000€)**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

**Gráfico 124 – Exportações de azeite em volume, por qualidade do produto em 2000 e 2024 (% e 1000 kg)**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

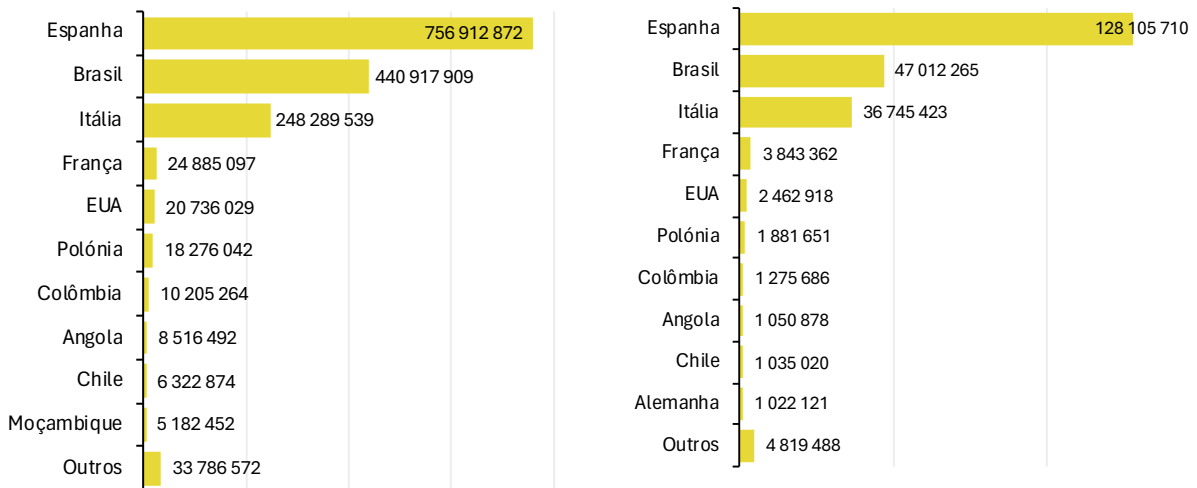
79% eram da categoria não virgem e 21% virgem. Em 2024, a situação inverteu-se e cerca de ¾ da produção é de azeite virgem extra (172,9 milhões kg) e 15% não virgem (33,3 milhões kg).

A Espanha é o principal destino das exportações portuguesas, seguida do Brasil e da Itália. Em 2024, cerca de 48% do valor das exportações nacionais de azeite foram para Espanha, num total de 757 milhões de euros, correspondendo a 128,1 milhões kg (56% do total). A afinidade com o Brasil contribui para que este seja o segundo mercado mais importante de destino, tendo sido exportados 441 milhões de euros

(28%) relativos a 47 milhões kg. A fechar o pódio, encontra-se a Itália que importou 36,7 milhões kg de azeite português (16%), de que resultaram 248 milhões de euros (15,8%).

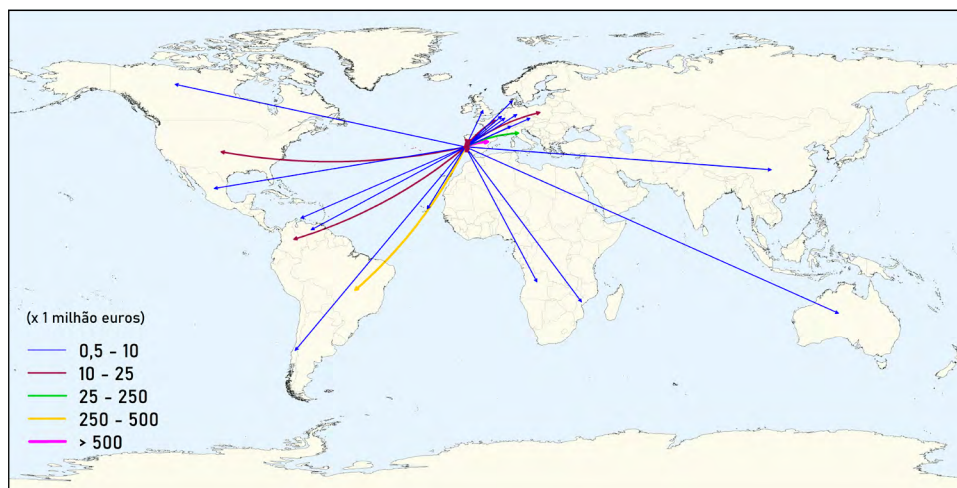
Tendo em conta o valor e o volume exportado, no ano de 2024 e no conjunto dos países mais relevantes no comércio externo, o valor médio foi de 6,9 €/kg, praticamente o mesmo que se verificou nas importações, destacando-se a Espanha com um valor de 5,9 €/kg, inferior à média e a Polónia (9,7 €/kg), Brasil (9,4 €/kg), EUA (8,4 €/kg) e Angola (8,1 €/kg), com preços substancialmente superiores à média.

**Gráfico 125 – Top 10 das importações de azeite de Portugal em valor (€) e em volume (kg), em 2024**

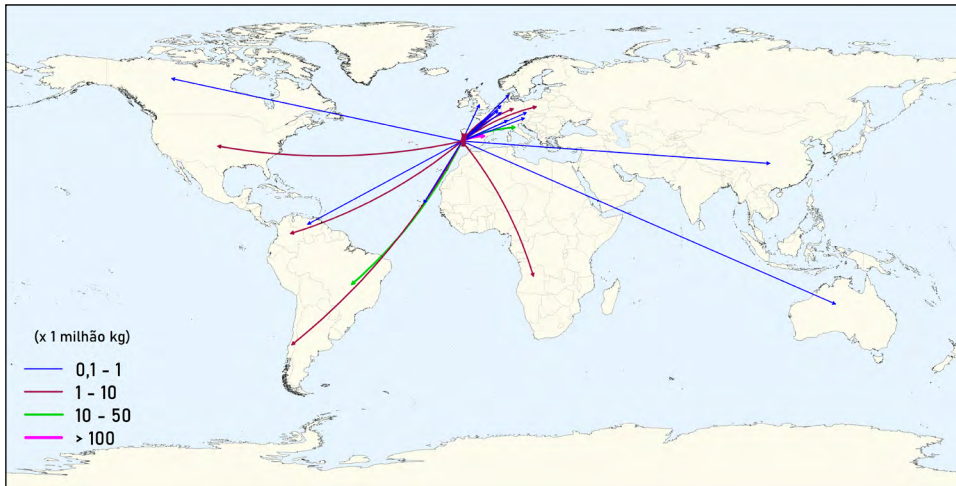


Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

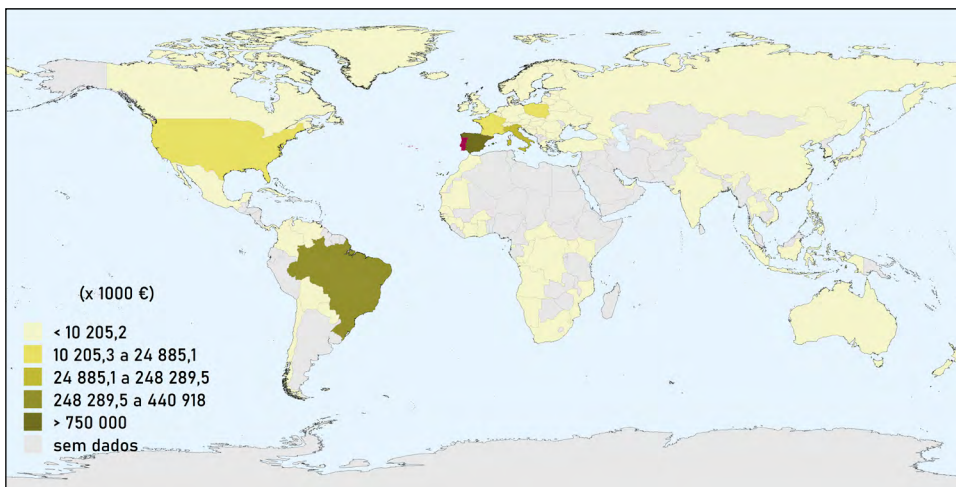
**Mapa 28 – Fluxo das exportações portuguesas de azeite, em valor (x 106 euros – apenas > 500 mil euros)**



**Mapa 29 – Fluxo das exportações portuguesas de azeite, em volume (x 106 kg – apenas > 100 mil kg)**

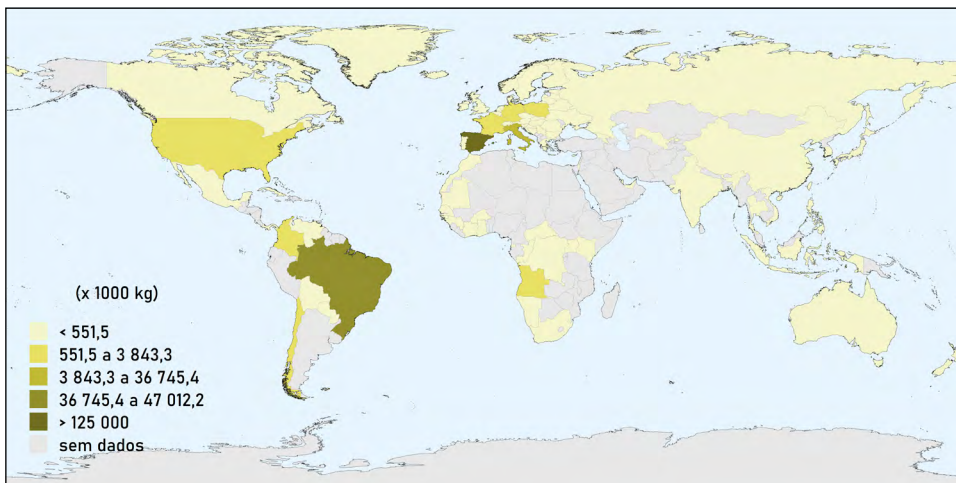


**Mapa 30 – Exportações de azeite em valor (€), em 2024**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

**Mapa 31 – Exportações de azeite em volume (kg), em 2024**



Fonte: GPP, a partir de INE, Estatísticas do Comércio Internacional

## Comércio internacional do azeite em 2025

A informação analisada neste artigo diz respeito aos dados mais recentes das várias fontes e reportam maioritariamente ao ano de 2024. Relativamente ao Comércio Internacional, o INE já tem disponível informação relativa ao ano de 2025, contudo esta ainda é provisória e por isso optou-se por analisar o ano anterior, cujos dados são definitivos e se enquadram com o mesmo ano da restante informação. No entanto, parece-nos relevante uma comparação entre o ano de 2025 e 2024 no Comércio Internacional do azeite de oliveira.

Em 2025, Portugal importou cerca de 108 milhões kg de azeite, um aumento de 20 milhões comparativamente a 2024 (+22,6%), a que correspondeu um valor monetário de aproximadamente 415 milhões de euros, um decréscimo de 184 milhões de euros (-30,7%) face a 2024. Assim, embora se tenha registado um aumento da quantidade importada, verificou-se uma redução do valor, o que significa que houve uma diminuição do preço por quilograma, passando de 6,8 €/kg em 2024 para 3,8 €/kg em 2025, como consequência do aumento da produção/oferta.

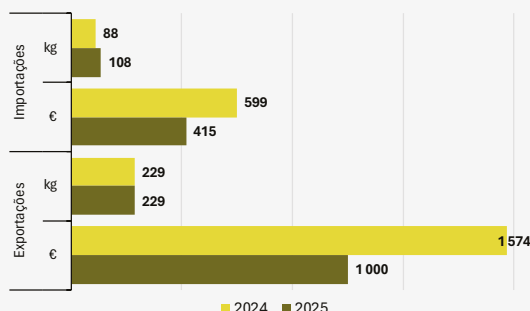
Cerca de 95% do azeite importado por Portugal em 2025, em valor e em volume, provém de Espanha, que aumentou a sua posição relativamente ao ano anterior (88% em valor e 89% em volume), retirando quota à Tunísia e ao Egito. Em 2025, o volume das importações de azeite de Espanha aumentou cerca de 32% (25 milhões kg) face a

2024, mas diminuiu 25% em valor monetário (-132 milhões de euros), o que significa uma redução de 6,7 €/kg em 2024 para 3,8 €/kg em 2025.

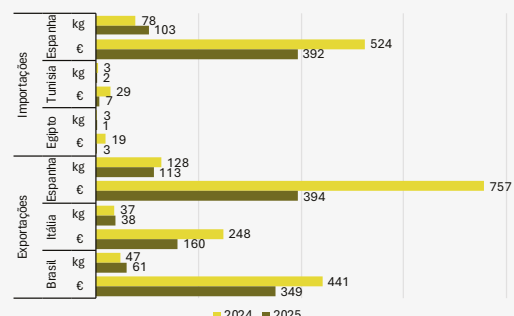
Relativamente às exportações de azeite, em 2025, Portugal exportou cerca de 228,9 milhões kg de azeite a que correspondeu um valor aproximado de 1 000 milhões de euros, uma quebra insignificante de -0,2% no volume (-373 mil kg), mas um decréscimo muito acentuado no valor de 36,5% (-574 milhões de euros → 229,2 milhões kg e 1 574 milhões de euros no ano 2024). Em 2024, as exportações nacionais de azeite resultaram num valor de 6,9 €/kg e em 2025 de 4,4 €/kg.

Mais de 92% em volume e 90% em valor das exportações portuguesas de azeite, em 2025, destinaram-se a apenas três países: Brasil (35% do valor total e 26,4% do volume total); Espanha (39,4% e 49,2% respetivamente) e Itália (16% e 16,7%). Comparativamente com o ano de 2024, verificou-se um decréscimo significativo nas exportações para Espanha de -12,2% em volume (menos 16 milhões kg) e muito acentuado no valor, com uma variação de -48% (menos 363 milhões de euros), refletindo-se numa redução de 5,9 €/kg em 2024 para 3,5 €/kg em 2025. O Brasil e a Itália registaram uma variação positiva de 28,7% e 4,3% respetivamente na importação em volume (+15 milhões kg no total dos dois países), mas negativa em valor (-20,7% e -35,5% respetivamente, num total de -180 milhões de euros), o que significou uma diminuição de 9,4 €/kg em 2024 para 5,8 €/kg em 2025, no caso do Brasil, e de 6,8 €/kg para 4,2 €/kg, no caso da Itália.

Volume e valor das importações e exportações de azeite em 2024 e 2025 (10<sup>6</sup>)



Volume e valor das importações e exportações de azeite, por país em 2024 e 2025 (10<sup>6</sup>)



## Índice de Quadros

Quadro 1 – Superfície de olival em 1986 e 2024 no mundo (ha) .....	7
Quadro 2 – Produção do olival em 1986 e 2024 no mundo (t) .....	10
Quadro 3 – Produtividade do olival em 1986 e 2024 no mundo (kg/ha) .....	12
Quadro 4 – Número de explorações em 1989 e 2023, por região agrícola .....	37
Quadro 5 – Explorações em 2023, por região agrícola, com orientação técnica-económica “olival” .....	37
Quadro 6 – Superfície de olival em 1986 e 2024, por região agrícola .....	40
Quadro 7 – Superfície em 2019 por tipologia e por região agrícola (densidade do n.º árvores/ha) .....	46
Quadro 8 – Produção e produtividade do olival em 1986 e 2024, por região agrícola .....	52

## Índice de Mapas

Mapa 1 – Superfície mundial de olival em 2024 (ha) .....	8
Mapa 2 – Produção mundial do olival em 2024 (t) .....	10
Mapa 3 – Produtividade mundial do olival em 2024 (kg/ha) .....	13
Mapa 4 – Produção mundial de azeite em 2024 (x1000 toneladas) .....	16
Mapa 5 – Valor das exportações de azeite em 2024 (x1000 euros) .....	20
Mapa 6 – Volume das exportações de azeite em 2024 (toneladas) .....	20
Mapa 7 – Valor das importações de azeite em 2024 (x1000 euros) .....	20
Mapa 8 – Volume das importações de azeite em 2024 (toneladas) .....	20
Mapa 9 – Superfície de olival na UE27 (x 1000 ha) – 1986 → 4,3 milhões e 2024 → 5,0 milhões .....	22
Mapa 10 – Produção do olival na UE27 (milhares toneladas) – 1986 → 6,1 milhões e 2024 → 14,6 milhões .....	23
Mapa 11 – Produtividade do olival na UE27 por país (kg/ha) – 1986 → 1417 e 2024 → 2907 .....	25
Mapa 12 – Produção de azeite na UE27 por país (toneladas) – 1986 → 1,1 milhões e 2024 → 1,6 milhões .....	26
Mapa 13 – Consumo de azeite na UE27 por país (milhares toneladas) – 1990 → 1,2 milhões e 2024 → 1,3 milhões .....	28
Mapa 14 – Consumo de azeite <i>per capita</i> na UE27 por país (kg/hab) – 1990 e 2024 → 2,9 kg/hab .....	28
Mapa 15 – Principal consumo de óleos e gorduras alimentares, na EU 27 (g/capita/dia) .....	30
Mapa 16 – Exportação de azeite na UE27 em 2006 e 2024, em valor (x 1milhão euros) .....	33
Mapa 17 – Exportação de azeite na UE27 em 2006 e 2024, em volume (x 1000 toneladas) .....	33
Mapa 18 – Importação de azeite na UE27 em 2006 e 2024, em valor (x 1milhão euros) .....	34
Mapa 19 – Exportação de azeite na UE27 em 2006 e 2024, em volume (x 1000 toneladas) .....	34
Mapa 20 – Explorações com cultura permanente de olival, por freguesia (1989 e 2019) .....	36
Mapa 21 – Superfície de olival, por freguesia (1989 e 2019) .....	41
Mapa 22 – Expressão territorial da superfície de olival no Continente .....	44
Mapa 23 – Tipologia do olival em 2009 e 2019 (densidade do n.º árvores/ha) .....	46
Mapa 24 – Superfície em área DOP e superfície de olival em 2019 (RA) e 2023(COS) .....	48
Mapa 25 – Produção de azeitona em 2021 (toneladas), por local de proveniência e COS2023 .....	51
Mapa 26 – Importações de azeite em valor (€), em 2024 .....	64
Mapa 27 – Importações de azeite em volume (kg), em 2024 .....	64
Mapa 28 – Fluxo das exportações portuguesas de azeite, em valor (x 10 <sup>6</sup> euros – apenas > 500 mil euros) .....	66
Mapa 29 – Fluxo das exportações portuguesas de azeite, em volume (x 10 <sup>6</sup> kg – apenas > 100 mil kg) .....	67
Mapa 30 – Exportações de azeite em valor (€), em 2024 .....	67
Mapa 31 – Exportações de azeite em volume (kg), em 2024 .....	67

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Evolução da superfície de olival no mundo no período 1986-2024 (milhares ha) . . . . .	6
Gráfico 2 – Evolução da superfície de olival no mundo no período 1986-2024, por continente (milhares ha) . . . . .	7
Gráfico 3 – Superfície de olival no mundo por continente em 1986 e 2024 (%) . . . . .	7
Gráfico 4 – Top 10 da superfície mundial de olival em 2024 (milhares ha) . . . . .	8
Gráfico 5 – Produção mundial do olival por continente em 1986 e 2024 (%) . . . . .	8
Gráfico 6 – Evolução da produção mundial do olival no período 1986-2024 (x1000 t) . . . . .	9
Gráfico 7 – Evolução da produção mundial do olival no período 1986-2024, por continente (x1000 ha) . . . . .	9
Gráfico 8 – Top 10 da produção mundial do olival em 2024 (milhares t) . . . . .	11
Gráfico 9 – Evolução da produtividade do olival no período 1986 a 2024 (kg/ha) . . . . .	12
Gráfico 10 – Evolução da produtividade do olival no período 1986 a 2024, por continente (kg/ha) . . . . .	12
Gráfico 11 – Produtividade do olival em 1986 e 2024, por continente (kg/ha) . . . . .	13
Gráfico 12 – Top 10 da produtividade mundial do olival em 2024 (kg/ha) . . . . .	13
Gráfico 13 – Evolução da produção mundial de azeite (x1000 toneladas) . . . . .	15
Gráfico 14 – Evolução da produção mundial de azeite, por continente (x1000 toneladas) . . . . .	15
Gráfico 15 – Produção mundial de azeite em 1990 e 2024, por continente (%) . . . . .	15
Gráfico 16 – Top 10 da produção mundial de azeite em 2024 (x1000 toneladas) . . . . .	16
Gráfico 17 – Produtividade do top 10 da produção mundial de azeite em 2024 (kg/ha) . . . . .	16
Gráfico 18 – Evolução do consumo mundial de azeite (x1000 toneladas) . . . . .	17
Gráfico 19 – Evolução do consumo mundial de azeite, por continente (x1000 toneladas) . . . . .	17
Gráfico 20 – Consumo de azeite em 1990 e 2024, por continente (%) . . . . .	17
Gráfico 21 – Consumo de azeite e outros óleos vegetais no mundo (x1 000t) . . . . .	18
Gráfico 22 – Consumo de azeite e outros óleos vegetais no mundo em 2013 e 2023 (x1 000t) . . . . .	18
Gráfico 23 – Evolução do valor das exportações mundiais de azeite (x1000 euros) . . . . .	18
Gráfico 24 – Evolução do volume das exportações mundiais de azeite (x1000 toneladas) . . . . .	18
Gráfico 25 – Top 10 dos exportadores mundiais de azeite (x Meuros) . . . . .	19
Gráfico 26 – Top 10 dos exportadores mundiais de azeite (toneladas) . . . . .	19
Gráfico 27 – Evolução do valor das importações mundiais de azeite (x1000 euros) . . . . .	19
Gráfico 28 – Evolução do volume das importações mundiais de azeite (x1000 toneladas) . . . . .	19
Gráfico 29 – Top 10 dos importadores mundiais de azeite (x Meuros) . . . . .	20
Gráfico 30 – Top 10 dos importadores mundiais de azeite (toneladas) . . . . .	20
Gráfico 31 – Evolução da superfície de olival na UE27, no período 1986 a 2024 (x1000 ha) . . . . .	21
Gráfico 32 – Superfície de olival – UE27 e resto do mundo, no período 1986 a 2024(%) . . . . .	21
Gráfico 33 – Superfície de olival na UE27, por país em 2024 (%) . . . . .	22
Gráfico 34 – Superfície de olival na UE27, por país em 2024 (x1000 ha) . . . . .	22
Gráfico 35 – Evolução da produção do olival na UE27, no período 1986 a 2024 (milhares toneladas) . . . . .	23
Gráfico 36 – Produção do olival – UE27 e resto do mundo, no período 1986 a 2024(%) . . . . .	23
Gráfico 37 – Produção do olival na UE27, por país em 2024 (%) . . . . .	23
Gráfico 38 – Produção do olival na UE27, por país em 2024 (milhares toneladas) . . . . .	23
Gráfico 39 – Evolução da produtividade do olival na UE27, no período 1986 a 2024 (kg/ha) . . . . .	24
Gráfico 40 – Evolução da produtividade do olival na UE27 e no mundo, no período 1986 a 2024 (kg/ha) . . . . .	24
Gráfico 41 – Evolução da produtividade do olival nos países da UE27 em 2024 (kg/ha) . . . . .	24
Gráfico 42 – Evolução da produção de azeite na UE27, no período 1986 a 2024 (toneladas) . . . . .	26
Gráfico 43 – Peso da produção de azeite da UE27 no mundo, no período 1986 a 2024 (%) . . . . .	26

Gráfico 44 – Produção de azeite na UE27, por país em 2024 (%) . . . . .	26
Gráfico 45 – Produção de azeite na UE27, por país em 2024 (milhares toneladas). . . . .	26
Gráfico 46 – Evolução do consumo de azeite na UE27, no período 1990 a 2024 (milhares toneladas) . . . . .	27
Gráfico 47 – Peso do consumo de azeite da UE27 no mundo, no período 1986 a 2024 (%) . . . . .	27
Gráfico 48 – Consumo de azeite na UE27, por país em 2024 (%) . . . . .	28
Gráfico 49 – Consumo de azeite na UE27, por país em 2024 (milhares toneladas). . . . .	28
Gráfico 50 – Consumo aparente de azeite e outros óleos vegetais na UE27 (x1000t). . . . .	29
Gráfico 51 – Consumo aparente de azeite e outros óleos vegetais na UE27 em 2013 e 2023 (x1000t) . . . . .	29
Gráfico 52 – Consumo <i>per capita</i> de azeite vs. óleo de girassol nos países da UE27 em 2023 . . . . .	30
Gráfico 53 – Consumo <i>per capita</i> de azeite vs. gorduras animais nos países da UE27 em 2023. . . . .	30
Gráfico 54 – Evolução das exportações e importações de azeite na UE27, em valor, no período 2006 a 2024 (x 1000 euros). . . . .	31
Gráfico 55 – Evolução das exportações e importações de azeite na UE27, em volume, no período 2006 a 2024 (x 1000 toneladas) . . . . .	31
Gráfico 56 – Evolução das exportações de azeite no resto do Mundo e na UE27, em valor, no período 2006 a 2024 (x1000 euros). . . . .	32
Gráfico 57 – Evolução das exportações de azeite no resto do Mundo e na UE27, em volume, no período 2006 a 2024 (x1000 toneladas) . . . . .	32
Gráfico 58 – Evolução das importações de azeite no resto do Mundo e na UE27, em valor, no período 2006 a 2024 (x1000 euros). . . . .	32
Gráfico 59 – Evolução das importações de azeite no resto do Mundo e na UE27, em volume, no período 2006 a 2024 (x1000 toneladas) . . . . .	32
Gráfico 60 – Exportações de azeite na UE27, por país e em valor, em 2024 (x 1000 euros) . . . . .	32
Gráfico 61 – Exportações de azeite na UE27, por país e em volume, em 2024 (toneladas). . . . .	32
Gráfico 62 – Importações de azeite na UE27, por país e em valor, em 2024 (x 1000 euros) . . . . .	33
Gráfico 63 – Importações de azeite na UE27, por país e em volume, em 2024 (toneladas) . . . . .	33
Gráfico 64 – Número de explorações com cultura permanente de olival . . . . .	36
Gráfico 65 – Explorações com olival por classe de área . . . . .	37
Gráfico 66 – Explorações com olival por classe de dimensão económica. . . . .	37
Gráfico 67 – Explorações com culturas permanentes regadas . . . . .	38
Gráfico 68 – Explorações com olival regado, por região agrária . . . . .	38
Gráfico 69 – Explorações com olival regado, por região agrária em 2009 e 2019. . . . .	38
Gráfico 70 – Explorações com olival regado, por tipo de rega e região agrária . . . . .	38
Gráfico 71 – Explorações com olival regado (% de árvores/ha) . . . . .	38
Gráfico 72 – Evolução da superfície do olival, no período 1986 a 2024 (ha) . . . . .	39
Gráfico 73 – Evolução da superfície do olival, para azeitona e azeite, no período 1986 a 2024 (ha) . . . . .	39
Gráfico 74 – Evolução da superfície de olival, por região agrária (x 1000 ha) . . . . .	40
Gráfico 75 – Superfície de olival, por região agrária em 2024 (%) . . . . .	41
Gráfico 76 – Superfície das explorações com olival, por classe de área em 2023 . . . . .	42
Gráfico 77 – Superfície das explorações com olival, por classe de dimensão económica . . . . .	42
Gráfico 78 – Superfície com culturas permanentes regadas (ha). . . . .	43
Gráfico 79 – Superfície de olival regado, por região agrária em 2019 . . . . .	43
Gráfico 80 – Superfície de olival regado, por região agrária em 2009 e 2019 (ha) . . . . .	43
Gráfico 81 – Superfície de olival regado, por tipo de rega e região agrária em 2019 (ha) . . . . .	43
Gráfico 82 – Superfície de olival regado, por tipologia (n.º de árvores/ha) . . . . .	43
Gráfico 83 – Superfície de olival em Modo de Produção Biológico em 2009 e em 2019 (ha) . . . . .	48

Gráfico 84 – Número de explorações agrícolas em Modo de Agricultura Biológica em 2009 e 2019. ....	49
Gráfico 85 – Área de olival biológico nos quatro maiores produtores da UE (ha) .....	49
Gráfico 86 – Evolução da produção do olival por tipo de azeitona, no período 1986 a 2024 (x1000 t) .....	50
Gráfico 87 – Evolução da superfície e da produção do olival, no período 1986 a 2024 (x1000 t   x1000 ha) .....	50
Gráfico 88 – Evolução da produtividade do olival, no período 1986 a 2024 (kg/ha). ....	50
Gráfico 89 – Evolução da produtividade do olival para azeitona de mesa e azeite, no período 1986 a 2024 (kg/ha). ....	50
Gráfico 90 – Produção do olival, por região agrária em 1986 (%). ....	51
Gráfico 91 – Produção do olival, por região agrária em 2024 (%). ....	51
Gráfico 92 – Evolução da produtividade do olival em Portugal e no Alentejo, no período 1986 a 2024 (kg/ha) .....	52
Gráfico 93 – Produtividade do olival por região agrária, comparativamente com PT, em 1986 e 2024. ....	52
Gráfico 94 – Evolução da produção de azeite em Portugal, no período 2004 a 2024. ....	53
Gráfico 95 – Evolução da produção de azeite em Portugal, por tipo de lagar, no período 2004 a 2024 (hl) .....	53
Gráfico 96 – Produção de azeite por tipo de lagar em 2004 e 2024 (%) .....	54
Gráfico 97 – Produção de azeite por região agrária em 2004 e 2024 (hl) .....	54
Gráfico 98 – Produção de azeite por região agrária em 2004 e 2024 (%) .....	54
Gráfico 99 – Evolução da quantidade de azeite produzido em função do sistema de extração usado entre 2004 e 2024 (%). ....	55
Gráfico 100 – Azeite produzido em função sistema de extração usado em 2004 e 2024 (%) .....	55
Gráfico 101 – Número de lagares de azeite por região agrária em 2004 e 2024. ....	56
Gráfico 102 – Número de lagares de azeite por região agrária em 2004 e 2024 (%) .....	56
Gráfico 103 – Evolução do rendimento em azeite entre 1995 e 2024 (%) .....	57
Gráfico 104 – Evolução do rendimento em azeite por região entre 1995 e 2024 .....	57
Gráfico 105 – Produção de azeite por grau de acidez em 2004 e 2024 (% e hl) .....	58
Gráfico 106 – Produção de azeite por grau de acidez em 2004 e 2024 (% e hl) .....	58
Gráfico 107 – Evolução do consumo humano de azeite e do total de gorduras e óleos vegetais (x 1000 toneladas). ....	58
Gráfico 108 – Evolução do consumo humano de azeite e restantes gorduras e óleos vegetais (x 1000 toneladas) .....	59
Gráfico 109 – Evolução do consumo humano de gorduras e óleos vegetais, por tipo (x 1000 toneladas). ....	59
Gráfico 110 – Consumo humano de gorduras e óleos vegetais, por tipo em 1990 e 2024 (%). ....	59
Gráfico 111 – Evolução do consumo <i>per capita</i> de azeite e do total de gorduras e óleos vegetais (kg/hab.). ....	59
Gráfico 112 – Evolução do consumo <i>per capita</i> de azeite e restantes gorduras e óleos vegetais (kg/hab.) .....	60
Gráfico 113 – Consumo <i>per capita</i> de gorduras e óleos vegetais, por tipo em 1990 e 2024 (kg/hab.). ....	60
Gráfico 114 – Evolução do grau de autoaprovisionamento de azeite e do total de gorduras e óleos vegetais (%). ....	60
Gráfico 115 – Evolução das importações e exportações de azeite, em valor, no período 2000 a 2025 (10 <sup>6</sup> euros) .....	61
Gráfico 116 – Evolução das importações e exportações de azeite, em volume, no período 2000 a 2025 (10 <sup>6</sup> kg). ....	61
Gráfico 117 – Evolução da relação valor/volume das importações de azeite (relação: 1 kg = 2 €) .....	61
Gráfico 118 – Evolução da relação valor/volume das exportações de azeite (relação: 1 kg = 2 €) .....	61
Gráfico 119 – Evolução do valor médio das importações e exportações de azeite, no período 2000 a 2025 (€/kg) .....	61
Gráfico 120 – Importações de azeite em valor, por qualidade do produto em 2000 e 2024 (% e 1000€) .....	62
Gráfico 121 – Importações de azeite em volume, por qualidade do produto em 2000 e 2024 (% e 1000 kg). ....	63
Gráfico 122 – Top 10 das importações de azeite de Portugal em valor (€) e em volume (kg), em 2024 .....	63
Gráfico 123 – Exportações de azeite em valor, por qualidade do produto em 2000 e 2024 (% e 1000€) .....	65
Gráfico 124 – Exportações de azeite em volume, por qualidade do produto em 2000 e 2024 (% e 1000 kg) .....	65
Gráfico 125 – Top 10 das importações de azeite de Portugal em valor (€) e em volume (kg), em 2024 .....	66



## NOTA DE APRESENTAÇÃO

A *CULTIVAR* é uma publicação de cadernos de análise e prospetiva, sob a responsabilidade editorial do GPP – Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral, dos Ministérios da Agricultura e do Mar. A publicação pretende contribuir, de forma continuada, para a constituição de um repositório de informação sistematizada relacionada com áreas nucleares suscetíveis de apoiar a definição de futuras estratégias de desenvolvimento e a preparação de instrumentos de política pública.

A *CULTIVAR* desenvolve-se a partir de três linhas de conteúdos:

- «**Grandes Tendências**» integra artigos de análise de fundo realizados por especialistas, atores relevantes ou parceiros sociais.
- «**Observatório**» pretende reunir, tratar e disponibilizar um acervo de informação e dados estatísticos de reconhecido interesse e que poderão não estar diretamente acessíveis ao grande público.
- «**Leituras**» destina-se à divulgação de documentos de organizações, nomeadamente aqueles a que o GPP tem acesso nos diversos *fora* nacionais e internacionais, ou ainda outros textos, livros, etc. considerados relevantes.

